

BONS AMIGOS

MANUAL DO
PROFESSOR

ARTE

1

Ensino Fundamental
Anos Iniciais

Componente: Arte

Editora responsável:
**Ana Carina
da Cunha Marques**

Organizadora: FTD EDUCAÇÃO
Obra coletiva concebida, desenvolvida
e produzida pela FTD Educação.

CÓDIGO DA COLEÇÃO
0116P230102000060
PNLD 2023 • OBJETO 1
Material de divulgação
Versão submetida à avaliação

FTD

MATERIAL PARA DIVULGAÇÃO DA EDITORA FTD
REPRODUÇÃO PROIBIDA

BONS AMIGOS

ARTE

MANUAL DO
PROFESSOR

Editora responsável:
Ana Carina da Cunha Marques

Bacharel em Artes Plásticas pela
Universidade Estadual Paulista Júlio de
Mesquita Filho (Unesp-SP).

Atuou na formação continuada de
professores de escolas do Ensino Básico.

Atua como professora em escolas
do Ensino Básico.

Editora de materiais didáticos.

Organizadora: **FTD EDUCAÇÃO**
Obra coletiva concebida, desenvolvida e
produzida pela FTD Educação.

1

Ensino Fundamental
Anos Iniciais

Componente: Arte

1ª edição
São Paulo, 2021

FTD



Bons Amigos – Arte – 1º ano
(Ensino Fundamental – Anos Iniciais)
Copyright © FTD Educação, 2021

ELABORADORES DE ORIGINAIS

Ana Carina da Cunha Marques

Bacharel em Artes Plásticas pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp-SP).

Atuou na formação continuada de professores de escolas do Ensino Básico.

Atua como professora em escolas do Ensino Básico.

Editora de materiais didáticos.

Ana Rizek Sheldon

Bacharel em Comunicação e Artes do Corpo com habilitação em Dança e Performance pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

Pós-graduada em Estudos Contemporâneos em Dança pela Universidade Federal da Bahia (UFBA-BA).

Mestre em Dança pela UFBA-BA.

Elaboradora de materiais didáticos.

Rodrigo Assad Lossurdo Toniolli Mogames

Licenciado em Música pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp-SP).

Atua como professor de música no programa Guri Santa Marcelina.

Elaborador de materiais didáticos.

Direção geral Ricardo Tavares de Oliveira

Direção editorial adjunta Luiz Tonolli

Gerência editorial Natalia Taccetti

Edição Francisca Edilania de Brito Rodrigues (coord.)

Preparação e revisão de textos Viviam Moreira (sup.)

Gerência de produção e arte Ricardo Borges

Design Daniela Máximo (coord.)

Arte e produção Vinícius Fernandes (sup.)

Coordenação de imagens e textos Elaine Bueno Koga

Projeto e produção editorial Scriba Soluções Editoriais

Edição Ana Carina Marques

Assistência editorial Mariana Chinchilla

Colaboração técnico-pedagógica Roberta Forte, Michele Navarro, Camila Bronizeski

Edição de arte e design Marcela Pialarissi

Coordenação de produção de arte Tamires Azevedo

Projeto gráfico Camila Ferreira, Laís Garbelini

Ilustração de capa Beatriz Mayumi

Iconografia Sílvia de Luca Ferreira de Freitas

Tratamento de imagens Johannes de Paulo

Autorização de recursos Erick Lopes de Almeida (coord.), Eduardo Souza Ponce

Preparação e revisão de textos Moisés Manzano da Silva (coord.), Raísa Rodrigues da Fonseca

Diagramação Luiz Roberto Lúcio Correa (superv.), Daniela de Oliveira, Larissa Costa Leme, Leandro Pimenta

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Bons amigos : arte : 1º ano : ensino fundamental : anos iniciais / editora responsável Ana Carina da Cunha Marques ; organizadora FTD Educação ; obra coletiva concebida, desenvolvida e produzida pela FTD Educação. -- 1. ed. -- São Paulo : FTD, 2021.

Componente: Arte.

ISBN 978-65-5742-727-9 (aluno - impresso)

ISBN 978-65-5742-728-6 (professor - impresso)

ISBN 978-65-5742-737-8 (aluno - digital em html)

ISBN 978-65-5742-738-5 (professor - digital em html)

1. Arte (Ensino fundamental) I. Marques, Ana Carina da Cunha.

21-73385

CDD-372.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Arte : Ensino fundamental 372.5

Cibele Maria Dias - Bibliotecária - CRB-8/9427

Reprodução proibida: Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998. Todos os direitos reservados à

EDITORA FTD

Rua Rui Barbosa, 156 – Bela Vista – São Paulo-SP
CEP 01326-010 – Tel. 0800 772 2300
Caixa Postal 65149 – CEP da Caixa Postal 01390-970
www.ftd.com.br
central.relacionamento@ftd.com.br

Em respeito ao meio ambiente, as folhas deste livro foram produzidas com fibras obtidas de árvores de florestas plantadas, com origem certificada.

Impresso no Parque Gráfico da Editora FTD
CNPJ 61.186.490/0016-33
Avenida Antonio Bardella, 300
Guarulhos-SP – CEP 07220-020
Tel. (11) 3545-8600 e Fax (11) 2412-5375

SEÇÃO INTRODUTÓRIA

APRESENTAÇÃO

Neste **Manual do professor**, você vai encontrar apoio e subsídios para trabalhar com o componente curricular **Arte**. Nele, são apresentados comentários e orientações sobre os conteúdos das unidades, atividades extras, momentos sugeridos de avaliação e sugestões de livros, filmes e *sites* que auxiliarão no ensino e na aprendizagem desse componente. Além disso, há a descrição das estruturas do **Livro do estudante** e deste **Manual do professor** e um quadro anual de conteúdos contendo uma sugestão de itinerário distribuindo os conteúdos do volume ao longo do ano letivo.

Este manual foi produzido tanto para facilitar a preparação das aulas quanto para auxiliar no dia a dia em sala de aula e nos diferentes momentos de avaliação. Vale ressaltar que as sugestões podem ser adequadas de acordo com a realidade da turma e da escola. Esperamos que seja uma ferramenta útil e enriquecedora no processo de ensino-aprendizagem, possibilitando a formação de cidadãos críticos e participativos na sociedade.

Desejamos a você um ótimo ano letivo!

SUMÁRIO

 O Livro do estudante e o Manual do professor V	 Integração entre os componentes curriculares XI
A estrutura do Livro do estudanteV	 Avaliação XI
A estrutura do Manual do professorV	 O ensino de Arte XIII
 A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) VI	Arte e BNCC..... XIV
As Competências gerais da Educação Básica VII	As linguagens da Arte na coleção XIV
As Competências específicas de Linguagens para o Ensino Fundamental VIII	 Quadro anual de conteúdos • 1º anoXV
As Competências específicas de Arte para o Ensino Fundamental VIII	Início da reprodução do Livro do estudante1
 A Política Nacional de Alfabetização (PNA) IX	Apresentação3
Literacia e Literacia familiarIX	Sumário 4
Os componentes essenciais para a alfabetizaçãoX	Viva a Arte! 6
Cognição matemática: numeracia.....XI	Vamos iniciar8
	Como desenvolver alguns tipos de atividades..... 11 • MP
	Introdução Unidade 112 • MP

UNIDADE 1 OS MATERIAIS E AS EXPERIÊNCIAS ARTÍSTICAS 12

Conclusão Unidade 1 23 • MP

Introdução Unidade 2 24 • MP

UNIDADE 2 QUE SOM TEM? 24

Conclusão Unidade 2 33 • MP

Introdução Unidade 3 34 • MP

UNIDADE 3 UM MUNDO CHEIO DE EXPRESSÕES 34

Conclusão Unidade 3 47 • MP

Introdução Unidade 4 48 • MP

UNIDADE 4 DE ONDE VÊM AS CORES? 48

Conclusão Unidade 4 59 • MP

Introdução Unidade 5 60 • MP

UNIDADE 5 OS SONS À NOSSA VOLTA 60

Conclusão Unidade 5 71 • MP

Introdução Unidade 6 72 • MP

UNIDADE 6 ARTE EM MOVIMENTO 72

Conclusão Unidade 6 83 • MP

Introdução Unidade 7 84 • MP

UNIDADE 7 EXPERIÊNCIA E SENTIDO 84

Conclusão Unidade 7 95 • MP

Introdução Unidade 8 96 • MP

UNIDADE 8 FORMAS ANIMADAS 96

Conclusão Unidade 8 106 • MP

Referências complementares
para o professor 107 • MP

Vamos concluir 107

Saiba mais 109

Referências bibliográficas 111

Base Nacional Comum
Curricular (BNCC) 112 • MP

Referências bibliográficas comentadas
– Manual do professor 114 • MP



O Livro do estudante e o Manual do professor

Esta coleção é composta de cinco volumes destinados aos estudantes e professores dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Ela foi desenvolvida com o objetivo de atender aos fundamentos pedagógicos da BNCC e da PNA. Cada volume contém 8 unidades, que contemplam seções para desenvolver as habilidades de literacia, bem como as habilidades relacionadas aos objetos de conhecimento do componente curricular **Arte** propostos pela BNCC. Além disso, a inclusão dos Temas contemporâneos transversais contribui no sentido de promover a cidadania.

A estrutura do Livro do estudante

A seguir, apresentamos as características das seções e de outros elementos que compõem a coleção, além dos ícones que foram explicados no **Livro do estudante**.

● Viva a Arte!

Presente no início de cada volume, essa seção busca fazer uma apresentação lúdica, e com uma linguagem próxima do universo infantil, dos conteúdos do componente curricular **Arte** que serão trabalhados em cada ano. Por seu caráter mais livre, pode ser abordada tanto junto à avaliação diagnóstica proposta na seção **Vamos iniciar**, quanto pode ser retomada em demais momentos do ano letivo.

● Vamos iniciar

Essa seção, presente no início de cada volume, tem o objetivo de avaliar os estudantes em relação aos conhecimentos esperados para o ano de ensino (avaliação diagnóstica).

● Páginas de abertura

As páginas de abertura têm como objetivos marcar o início de cada unidade, despertar a atenção do estudante para o que será visto e relacionar os conteúdos aos seus conhecimentos prévios e à sua realidade próxima.

● Conteúdo

Os conteúdos são apresentados por meio do texto principal e das seções presentes nos temas. Com o objetivo de tornar as aulas mais dinâmicas e envolventes, as atividades relacionadas aos conteúdos são apresentadas ao longo da teoria, de modo integrado. As atividades têm estruturas variadas e podem auxiliar no desenvolvimento das habilidades da BNCC e dos componentes da PNA.

● Vocabulário

Elemento que aparece ao longo das unidades sempre que houver a necessidade de explicar o significado de uma palavra importante para a compreensão do texto.

● Boxe complementar

Um acréscimo ao conteúdo da unidade, muitas vezes com informações interessantes.

● Coletivamente

Essa seção explora os Temas contemporâneos transversais, contribuindo com a formação cidadã dos estudantes por meio de reflexões e propostas de resoluções para problemas, de modo que eles sejam

atuantes na sociedade em que vivem. É subdividida em **Conhecendo o problema**, **Organizando as ideias** e **Buscando soluções**, para que assim os estudantes tenham contato com uma situação-problema, reflitam sobre ela e busquem uma solução prática. O Tema contemporâneo transversal desenvolvido é identificado no **Manual do professor**.

● Entre textos

Promove o trabalho com diferentes gêneros textuais, possibilitando o desenvolvimento de habilidades relacionadas às práticas de linguagem (leitura, escrita e oralidade) e aos quatro processos gerais de compreensão de leitura (localizar e retirar informação explícita de textos; fazer inferências diretas; interpretar e relacionar ideias e informação; analisar e avaliar conteúdos e elementos textuais). A seção apresenta as subdivisões **Explorando o texto** e **Além do texto**.

● Fala artista

O objetivo dessa seção é apresentar a visão de algum artista ou produtor cultural específico. Isso é feito ao apresentar trechos de entrevistas ou declarações desse artista sobre assuntos referentes à sua produção ou a aspectos da Arte em geral.

● Venha conhecer

Essa seção pretende apresentar espaços específicos onde estão obras de arte ou onde ocorrem produções artísticas. Nesse sentido, busca-se abarcar museus, galerias, espaços públicos, teatros, conchas acústicas etc.

● Em destaque

Nessa seção, busca-se destacar as características específicas de determinado contexto, artista, obra, técnica etc. que se relaciona ao tema abordado pela unidade.

● Vamos avaliar o aprendizado

Essa seção tem como objetivo avaliar os estudantes em relação aos conteúdos abordados na unidade (avaliação formativa ou de processo).

● Saiba mais

Apresenta sugestões de recursos extras, como livros e filmes. Cada sugestão é acompanhada por uma sinopse.

● Vamos concluir

Essa seção, presente no final de cada volume, contém atividades cujo objetivo é avaliar os estudantes em relação aos conhecimentos adquiridos no ano letivo (avaliação de resultado ou somativa).

● Referências bibliográficas

Referências de livros, revistas e sites que foram utilizadas na elaboração do **Livro do estudante** são apresentadas e comentadas ao final do livro.

A estrutura do Manual do professor

Este **Manual do professor** é organizado em duas partes. A primeira é a **Seção introdutória**, que explica a estrutura do **Livro do estudante** e deste manual, e apresenta a fundamentação teórica, de maneira prática e concisa, e o quadro anual de conteúdos – uma proposta de itinerário organizado por trimestres, bimestres, semanas e aulas, indicando momentos de avaliação formativa ao longo do volume, também podendo ser utilizado como um índice.

A segunda parte refere-se à reprodução das páginas do **Livro do estudante** na íntegra, em tamanho reduzido, com orientações, comentários e sugestões de condução para as atividades, potencializando a prática docente. Para cada unidade, essa parte do manual apresenta uma página de introdução e uma de conclusão, entre outros elementos que colaboram com a prática docente e o dia a dia do professor em sala de aula. É importante ressaltar que essa segunda parte do **Manual do professor** foi elaborada de modo a explicitar os procedimentos da aula de forma prática e ao mesmo tempo detalhada, sendo orientador para a prática do professor, como um roteiro de aulas estruturadas. Uma síntese desse detalhamento é expressa no rodapé da primeira página das seções **Vamos iniciar** e **Vamos concluir** e na **Introdução** das unidades, por meio da **Proposta de roteiro**, que sugere como estruturar as aulas nas semanas com base nos conteúdos do livro.

Conheça a seguir a estrutura da parte que reproduz a totalidade do **Livro do estudante**.

Como desenvolver alguns tipos de atividades

Presente no início da reprodução do **Livro do estudante**, essa seção intercalada às reproduções das páginas do livro traz propostas de atividades que o professor pode desenvolver ao longo do ano letivo, como forma de avaliação diagnóstica.

Vamos iniciar

Dá sugestões de condução e de intervenção para a seção do **Livro do estudante**, levando em consideração as características das atividades e dos conteúdos apresentados.

Proposta de roteiro

Apresenta um roteiro sintético, que sugere como o professor pode estruturar as aulas nas semanas com base nos conteúdos.

Introdução da unidade

Apresenta os objetivos pedagógicos a serem abordados na unidade, trazendo uma introdução aos conteúdos, conceitos e atividades e como estas se relacionam com o objetivo e com os pré-requisitos pedagógicos para sua realização; e uma **Proposta de roteiro**, que sugere como o professor pode estruturar as aulas nas semanas com base nos conteúdos da unidade.

Sugestão de estratégia inicial

Dicas para que o professor possa iniciar a aula, abordar o conteúdo ou realizar uma avaliação diagnóstica de maneira diferente ao longo da unidade.

BNCC e PNA / BNCC / PNA

Apresenta comentários para as relações entre o conteúdo do **Livro do estudante** e os elementos da BNCC e/ou da PNA.

Os comentários e as explicações de caráter prático referentes às atividades do **Livro do estudante** e as considerações pedagógicas a respeito de possíveis dificuldades dos estudantes na resolução das atividades, bem como alternativas para consolidar conhecimentos, são inseridos em tópicos ao longo da unidade.

Orientações complementares

Comentários complementares a algumas respostas de atividades e questões.

Atividade extra

Apresenta sugestões de atividades complementares, jogos, brincadeiras, adaptações, variações e conteúdos relacionados aos que aparecem no **Livro do estudante**.

Sempre que oportuno, são apresentadas citações que fundamentam o conteúdo da unidade, do tema ou da seção.

Objetivos

Lista os objetivos pedagógicos para as seções **Coletivamente** e **Entre textos**.

Avaliando

Propõe avaliações formativas para que o professor verifique a aprendizagem dos estudantes em diferentes momentos.

Vamos avaliar o aprendizado

Apresenta sugestões de condução e de intervenção para a seção do **Livro do estudante**, levando em consideração as características das atividades e dos conteúdos.

Referências complementares

Dá sugestões de filmes, livros, *sites*, documentários, entre outras, contribuindo para a formação do professor.

Conclusão da unidade

Apresenta possibilidades de avaliação formativa e monitoramento da aprendizagem para cada objetivo pedagógico desenvolvido na unidade, contribuindo para a observação e o registro da trajetória de cada estudante.

Vamos concluir

Apresenta sugestões de condução e de intervenção para a seção do **Livro do estudante**, levando em consideração as características das atividades e dos conteúdos.

Referências complementares para o professor

Indicações de livros, *sites*, filmes, entre outras, com o objetivo de complementar a prática docente.

Referências bibliográficas comentadas – Manual do professor

Referências de livros e artigos utilizados na elaboração do **Manual do professor** são apresentadas e comentadas ao final do manual.

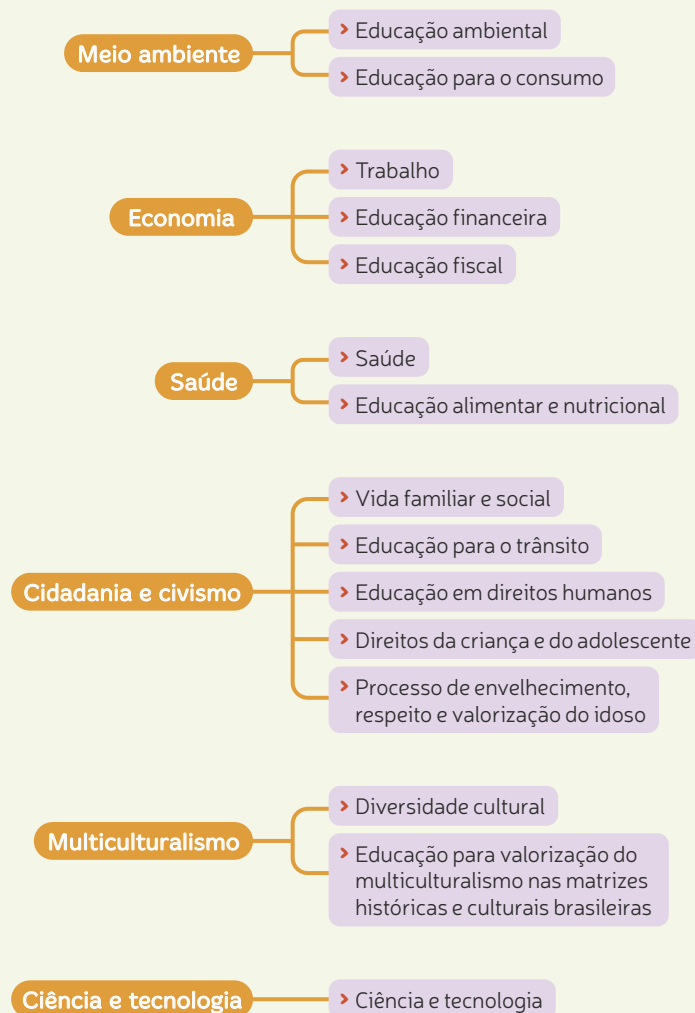
A Base Nacional Comum Curricular (BNCC)

Desde a publicação da Constituição Federal, em 1988, há, no artigo 210, uma previsão de uma base comum para a educação. Com a publicação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), em 1996, as discussões sobre a criação de um documento para nortear os currículos da Educação Básica em todo o país ganharam destaque novamente. Em 2018, após debates e contribuições da sociedade e de educadores, foi homologada a Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

De modo geral, a BNCC propõe uma progressão de aprendizagens que contribuam para a formação humana integral dos estudantes e para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva. O documento orienta um aprendizado por meio de competências e habilidades que devem ser desenvolvidas em cada segmento de ensino.

As cinco áreas de conhecimento da BNCC são compostas por componentes curriculares, que, por meio de unidades temáticas, objetos de conhecimento e habilidades, têm como objetivo o desenvolvimento das Competências gerais e específicas (a descrição das

unidades temáticas, dos objetos de conhecimento e das habilidades deste volume estão na página **112 MP** deste **Manual do professor**. Para enriquecer esse trabalho, sempre que possível, as propostas pedagógicas dos currículos devem abordar os Temas contemporâneos transversais, que contribuem para a formação cidadã do estudante. De acordo com o documento *Temas Contemporâneos Transversais na BNCC*, publicado em 2019, esses temas têm relevância local, regional e global e são divididos em seis macroáreas com quinze subdivisões. Veja no esquema a seguir.



As Competências gerais da Educação Básica

A BNCC defende que, ao longo da Educação Básica, os estudantes desenvolvam dez Competências gerais, que envolvem mobilização de conhecimentos, habilidades, atitudes e valores. Veja cada uma no quadro a seguir.

Competências gerais da Educação Básica

- 1 Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.

- 2 Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas.
- 3 Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.
- 4 Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.
- 5 Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.
- 6 Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.
- 7 Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta.
- 8 Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas.
- 9 Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.
- 10 Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**. Versão final. Brasília: MEC, 2018. p. 9-10. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf. Acesso em: 13 jul. 2021.

Na prática, a BNCC propõe que o conteúdo chegue à sala de aula vinculado a contextos reais, o que exige novas estratégias do professor, como a transposição didática, observando a vivência dos estudantes

e a necessidade de converter esse conteúdo em uma linguagem científica e adaptada ao segmento escolar deles. Para isso, exigem-se do professor o estudo e a reavaliação de sua prática de modo constante. Veja a seguir algumas ações para trabalhar as Competências gerais e que podem ser aplicadas no trabalho com os conteúdos apresentados nesta coleção.

Ação docente

Competência geral 1: Proporcionar ao estudante a valorização e o reconhecimento da importância dos conteúdos já aprendidos e, por meio deles, entender a realidade e dar continuidade a novos conhecimentos, mostrando o motivo de estudar determinados conteúdos.

Competência geral 2: Exercitar a curiosidade intelectual do estudante e levá-lo a recorrer à abordagem da ciência para investigar causas, levantar hipóteses, formar e resolver problemas com base em diferentes conhecimentos por meio de experiências ou observações e analisar os resultados, alcançando novo patamar de conhecimento.

Competência geral 3: Proporcionar ao estudante o conhecimento e os benefícios de diferentes manifestações culturais em âmbito local, regional e global. Junto a isso, propiciar atividades de produções artísticas, como grupos de dança, elaboração de roteiros de teatro, atuação em peças de teatro, festivais musicais e paraus.

Competência geral 4: Dar subsídios ao estudante para se comunicar por meio de diferentes linguagens, selecionando a mais apropriada para diferentes situações.

Competência geral 5: Apresentar diferentes tecnologias e verificar a compreensão que o estudante tem sobre elas. Trabalhar com aplicativos e diversificar a utilização de aparelhos tecnológicos em sala de aula como recursos metodológicos.

Competência geral 6: Criar no estudante a perspectiva de futuro valorizar a liberdade, a autonomia e a consciência crítica na escolha profissional e pessoal com consciência e responsabilidade. Valorizar toda diversidade trazida pelos diferentes saberes e experiências para fazer suas opções, exercitando a cidadania.

Competência geral 7: Ofertar subsídios para que o estudante tenha a capacidade de argumentar com base em fatos, sabendo selecionar fontes e dados confiáveis para negociar pontos de vistas, persuadir e apresentar ideias.

Competência geral 8: Levar o estudante a se compreender e a se valorizar dentro da diversidade com suas especificidades no coletivo.

Competência geral 9: Promover no estudante o exercício da empatia, estabelecendo o diálogo com as pessoas, resolvendo conflitos e coordenando pontos de vistas, respeitando o outro e fazendo-se respeitar dentro de um ambiente democrático que se quer viver.

Competência geral 10: Contribuir para que os estudantes atuem pessoal e coletivamente de modo responsável, guiados por princípios éticos e que regem a cidadania, tendo a consciência de que ações individuais e coletivas estão alinhadas à tomada de decisões inclusivas, sustentáveis e solidárias.

As Competências específicas de Linguagens para o Ensino Fundamental

A BNCC explicita que, ao longo do Ensino Fundamental, os estudantes desenvolvam sete Competências específicas de Linguagens, descritas no quadro a seguir.

Competências específicas de Linguagens para o Ensino Fundamental

- 1 Compreender as linguagens como construção humana, histórica, social e cultural, de natureza dinâmica, reconhecendo-as e valorizando-as como formas de significação da realidade e expressão de subjetividades e identidades sociais e culturais.
- 2 Conhecer e explorar diversas práticas de linguagem (artísticas, corporais e linguísticas) em diferentes campos da atividade humana para continuar aprendendo, ampliar suas possibilidades de participação na vida social e colaborar para a construção de uma sociedade mais justa, democrática e inclusiva.
- 3 Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao diálogo, à resolução de conflitos e à cooperação.
- 4 Utilizar diferentes linguagens para defender pontos de vista que respeitem o outro e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, atuando criticamente frente a questões do mundo contemporâneo.
- 5 Desenvolver o senso estético para reconhecer, fruir e respeitar as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, inclusive aquelas pertencentes ao patrimônio cultural da humanidade, bem como participar de práticas diversificadas, individuais e coletivas, da produção artístico-cultural, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas.
- 6 Compreender e utilizar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares), para se comunicar por meio das diferentes linguagens e mídias, produzir conhecimentos, resolver problemas e desenvolver projetos autorais e coletivos.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**. Versão final. Brasília: MEC, 2018. p. 65. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 13 jul. 2021.

As Competências específicas de Arte para o Ensino Fundamental

De acordo com a BNCC, ao longo do Ensino Fundamental, os estudantes devem desenvolver sete Competências específicas de Arte. Veja a descrição de cada uma delas no quadro a seguir.

Competências Específicas de
Arte para o Ensino Fundamental

- 1 Explorar, conhecer, fruir e analisar criticamente práticas e produções artísticas e culturais do seu entorno social, dos povos indígenas, das comunidades tradicionais brasileiras e de diversas sociedades, em distintos tempos e espaços, para reconhecer a arte como um fenômeno cultural, histórico, social e sensível a diferentes contextos e dialogar com as diversidades.
- 2 Compreender as relações entre as linguagens da Arte e suas práticas integradas, inclusive aquelas possibilitadas pelo uso das novas tecnologias de informação e comunicação, pelo cinema e pelo audiovisual, nas condições particulares de produção, na prática de cada linguagem e nas suas articulações.
- 3 Pesquisar e conhecer distintas matrizes estéticas e culturais – especialmente aquelas manifestas na arte e nas culturas que constituem a identidade brasileira –, sua tradição e manifestações contemporâneas, reelaborando-as nas criações em Arte.
- 4 Experimentar a ludicidade, a percepção, a expressividade e a imaginação, resignificando espaços da escola e de fora dela no âmbito da Arte.
- 5 Mobilizar recursos tecnológicos como formas de registro, pesquisa e criação artística.
- 6 Estabelecer relações entre arte, mídia, mercado e consumo, compreendendo, de forma crítica e problematizadora, modos de produção e de circulação da arte na sociedade.
- 7 Problematicar questões políticas, sociais, econômicas, científicas, tecnológicas e culturais, por meio de exercícios, produções, intervenções e apresentações artísticas.
- 8 Desenvolver a autonomia, a crítica, a autoria e o trabalho coletivo e colaborativo nas artes.
- 9 Analisar e valorizar o patrimônio artístico nacional e internacional, material e imaterial, com suas histórias e diferentes visões de mundo.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**. Versão final. Brasília: MEC, 2018. p. 198. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 13 jul. 2021.



A Política Nacional de Alfabetização (PNA)

Com base na Ciência Cognitiva da Leitura, ou Ciência da Leitura, a Política Nacional de Alfabetização (PNA) entende a promoção da alfabetização baseada em evidências científicas, por meio do estudo da mente e do funcionamento do cérebro. A PNA foi instituída pelo decreto nº 9.765, de 11 de abril de 2019, e é uma política educacional com objetivo geral de implementar programas e ações para a melhoria na qualidade da alfabetização em todo o território nacional.

Considerando o livro didático como um instrumento orientador para essas ações, esta coleção procura oferecer condições para que os estudantes desenvolvam suas habilidades para a aprendizagem e a alfabetização e, do mesmo modo, aproximem o professor do conhecimento científico proposto na PNA de maneira aplicável ao cotidiano da sala de aula. As atividades propostas nos volumes da coleção estão desenvolvidas de forma intencional e progressiva, visando alcançar o desenvolvimento das habilidades de leitura, de escrita e de conhecimentos de numeracia.

Literacia e Literacia familiar

A PNA considera que o processo de leitura e escrita, com base na ciência cognitiva da leitura, deve ser intencional e sistemático na prática de ensino nas escolas. A aprendizagem da leitura e da escrita, nesse contexto, não é natural nem espontânea e precisa ser ensinada sistematicamente, explicitando o sistema alfabético ao estudante. Dessa maneira, é importante que o professor compreenda os diferentes níveis de literacia para conduzir a prática de ensino em sala de aula, contribuir com práticas familiares e contemplar de modo intencional todos os elementos necessários para que o estudante aprenda o sistema alfabético, as regras que conduzem a codificações e decodificações e as representações gráficas das letras e dos sons referentes a cada uma delas.

As pesquisas relacionadas à neurociência e à psicologia cognitiva demonstram como os processos cerebrais podem ser instigados para uma aprendizagem eficaz por meio de hábitos de leitura, escrita e apreciação literária.

[...]

A psicologia cognitiva aborda a questão da leitura como poderia realizá-la um robô. Cada leitor dispõe de um captor: o olho e sua retina. As palavras aí se fixam sob a forma de manchas de sombra e luz, as quais devem ser decodificadas sob a forma de signos linguísticos compreensíveis. A informação visual deve ser extraída, destilada, depois recodificada um formato que restitua a sonoridade e o sentido das palavras. Temos necessidade de um algoritmo de decodificação, semelhante em seus princípios àquele de um *software* de reconhecimento dos caracteres, capaz de passar as manchas de tinta da página às palavras que ela contém. Sem que tenhamos consciência, nosso cérebro realiza uma série de operações sofisticadas cujos princípios começam somente a ser compreendidos.

DEHAENE, Stanislas. **Os neurônios da leitura**: como a ciência explica a nossa capacidade de ler. Trad. Leonor Scliar-Cabral. Porto Alegre: Penso, 2012. p. 26.

A literacia considera habilidades a serem adquiridas pela criança antes da alfabetização formal e antes que se sinta inserida em um ambiente sistematizado para o conhecimento do sistema alfabético para que possa desenvolver e consolidar os níveis avançados de literacia. Nesse sentido, esta coleção é desenvolvida para ampliar as habilidades adquiridas pelos estudantes, avançando a literacia emergente no 1º ano do Ensino Fundamental, em contribuição à literacia familiar e ao desenvolvimento da alfabetização, explorando as habilidades de literacia no cotidiano escolar durante os demais anos do Ensino Fundamental.

Esse processo compreende a família como um agente fundamental para a alfabetização e integrante ao ambiente formal da escola, uma vez que a comunicação pressupõe a interação, que se faz presente desde o nascimento da criança. Entende-se como literacia familiar o conjunto dessas práticas vivenciadas pela criança com seus familiares antes mesmo que ela ingresse no ambiente escolar. Assim, o processo de ensino-aprendizagem se complementa entre práticas familiares e escolares.

Veja a seguir alguns exemplos que a PNA dá de práticas e experiências de literacia familiar:

- leitura partilhada de histórias;
- conversas com a criança;
- narração de histórias;
- manuseio de lápis e tentativas de escrita;
- contato com livros ilustrados;
- modelagem da linguagem oral;
- desenvolvimento do vocabulário em situações de brincadeiras;
- jogos com letras e palavras;
- vivências em ambientes comunitários que promovam o contato com a linguagem oral e escrita.

O caráter qualitativo dessas práticas interfere no êxito da aprendizagem da leitura e da escrita. De acordo com estudos de literacia, os suportes essenciais para a alfabetização ocorrem naturalmente no cotidiano do estudante, e as oportunidades para que ele manipule, explore e utilize a leitura e a escrita trazem um impacto de considerável importância (MATA, 2012). Com isso, as práticas de literacia familiar continuam sendo incentivadas mesmo que a criança já esteja no ambiente da escola. Sendo assim, esta coleção traz estratégias convidativas para atividades a serem realizadas em casa, no intuito de contribuir com o avanço do estudante nos níveis de literacia.

Os componentes essenciais para a alfabetização

Os componentes essenciais para a alfabetização apresentados na PNA são desenvolvidos nesta coleção de modo gradual e intencional, sugerindo opções práticas para que o professor possa abordar os conhecimentos de leitura e de escrita, instrumentalizando o ensino para o estudante. Veja a seguir algumas estratégias para desenvolver esses componentes.

- A **consciência fonêmica** em sala de aula pode ser explorada pelo professor com a intencionalidade de apresentar aos estudantes o conhecimento das menores unidades da fala (fonemas). Atividades que envolvam brincadeiras cantadas e fórmulas de escolha possibilitam a observação do fonema. Com essas brincadeiras, espera-se que eles exercitem a identificação com o grafema. A brincadeira cantada pode ser escrita na lousa ou até mesmo no chão, e, conforme os estudantes cantam, o professor marca as partes cantadas.
- A **instrução fônica sistemática** permite aos estudantes adquirir o conhecimento do nome, das formas e dos sons das letras (**conhecimento alfabético**), estabelecer a relação das letras e dos sons, ou seja, dos grafemas e fonemas (**consciência fonêmica**) e desenvolver a habilidade de identificar e manipular intencionalmente a linguagem oral, como palavras, sílabas, aliteraões e rimas (**consciência fonológica**). Cabe ao professor, então, conduzir o ensino do conhecimento fônico diariamente, apresentando aos estudantes a lógica presente no som de cada letra com as palavras e imagens correspondentes. A construção de alfabetos feitos com a ajuda deles torna-se um instrumento eficaz e exitoso, e as palavras presentes nesses alfabetos podem ser sistematizadas pelo professor em atividades de registro e sequências didáticas.
- A **fluência em leitura oral**, que é a habilidade de ler textos com velocidade, precisão e prosódia, deve ser incentivada pela leitura em voz alta para que os estudantes experimentem e compreendam o que leem. A leitura em voz alta é um exercício cotidiano na prática de ensino, e o professor deve observar o avanço dos estudantes sistematicamente. De maneira prática, é o professor que possibilita a eles que leiam diariamente sílabas, palavras, frases e textos, de acordo com a fase em que se encontram. Também é

possível organizar um momento do dia e utilizar o recurso do gravador de voz dos aparelhos celulares, criando uma expectativa para esse momento e deixando a leitura divertida. Pode haver alternância para ler, com propostas de leitura individual, em duplas ou coletivamente. As palavras, frases ou textos lidos estão no próprio livro didático ou podem partir do contexto de um tema proposto nas unidades ou de interesse da turma. A ordem da leitura também pode seguir a sequência alfabética para permear outros componentes da alfabetização.

- O **desenvolvimento de vocabulário** permeia as práticas desde a literacia em seu nível mais básico até a literacia disciplinar. Para promover o conhecimento de novas palavras, o ambiente escolar, em ação conjunta com a família, deve apresentar o maior número e variação de palavras possíveis para os estudantes. Essa ação deve ser intencional e planejada pelo professor. A coleção explora o desenvolvimento do vocabulário receptivo e expressivo, introduzindo os estudantes em contexto de novos significados e oportunizando, pelas atividades orais e de registro, a aplicação de novas palavras. O professor e a família não devem poupá-los de palavras consideradas de difícil entendimento, aderindo ao uso somente de palavras básicas, infantilizando a relação oral ou subestimando a possibilidade de compreensão. Cabe lembrar que o desenvolvimento do vocabulário deve ser explorado no cotidiano e nas experiências das práticas sociais, e é o professor que precisa estar atento às mediações sistematizadas para que haja apropriações significativas por parte dos estudantes.
- Segundo a PNA (BRASIL, 2019, p. 34), a **compreensão de textos** “é o propósito da leitura”. As estratégias de compreensão do que se lê de modo autônomo estão diretamente relacionadas ao vocabulário dos estudantes e vão além da capacidade de decodificar as palavras. É preciso que o professor promova ações de leitura de textos que conduzam os estudantes na compreensão do sentido daquela combinação de palavras. As estratégias de compreensão devem ser propostas em atividades de interpretação oral, de leitura em voz alta e de leitura silenciosa para que o cérebro processe o conteúdo exposto nas palavras. Se isso não for oportunizado pela experiência da leitura sistematizada e progressiva, observando a estrutura, o gênero textual, a pontuação aplicada e o exercício para a fluência, a compreensão dos textos será comprometida. Para isso, devem ser propostas situações de leitura adequadas à faixa etária e que desafiem os estudantes a ler em determinado tempo, perguntando ao final o que compreenderam com essa leitura. Diminua o tempo, acrescente palavras ao contexto e repita a proposta para que a habilidade seja estimulada.
- A **produção de escrita** deve ser praticada do 1º ao 5º ano e vai alcançando níveis de progressão mediante as estratégias intencionais do professor. Desde a escrita de letras, palavras ou textos, a atividade de representação gráfica é fundamental ao processamento cerebral e cognitivo para escrever de maneira autônoma, relacionando os grafemas e fonemas e compreendendo o sentido das palavras em contexto, além de observar as estruturas ortográficas e gramaticais em níveis mais avançados da literacia. Essa escrita, de acordo com a PNA, avança desde os primeiros movimentos de escrita, como na caligrafia, até atingir capacidades de organização do discurso, e isso só será alcançado se possibilitado aos estudantes o ensino sistemático das estruturas das formas, da ortografia e da organização de palavras em uma frase com sentido ao desenvolvimento de um enredo. Em sala de aula, o professor deve explorar os níveis da produção escrita. Uma proposta é elaborar um exercício contínuo em uma folha avulsa, caderno ou material específico para observar a escrita de cada estudante. Solicite a eles que no início do ano escrevam apenas uma palavra. Estabeleça uma rotina para retomarem esse material, propondo a continuidade ao que escreveram, empregando

novas letras, atribuindo valor sonoro ou acrescentando palavras que complementem o que já está escrito. Oportunize a escrita fazendo uma relação com o contexto vivido pelos estudantes.

Cognição matemática: numeracia

Com o intuito de buscar uma melhoria no rendimento escolar e no processo de aprendizagem dos alunos, a comunidade científica tem desenvolvido diferentes estudos e, nas últimas décadas, novas tecnologias de imagens cerebrais contribuíram para o surgimento das ciências cognitivas, como a neurociência cognitiva e a psicologia cognitiva.

Com isso, foi possível investigar como o cérebro organiza e se ocupa do processamento numérico, linguístico e cognitivo durante uma aprendizagem e no ensino das habilidades de literacia e de **numeracia**. Mais do que uma simples habilidade de contar numericamente, a intuição matemática fundamenta-se e expande-se por meio das representações cerebrais de espaço, número e tempo e abre caminho para competências mais complexas, que vão sendo fixadas conforme o avanço da instrução formal.

Ao defender a relevância dessa contribuição para a aprendizagem, a PNA recomenda que

[...] os professores, dada a importância que têm no processo de desenvolvimento da numeracia, precisam receber sólida formação em matemática elementar baseada em evidências científicas.

[...]

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Alfabetização. **PNA**: Política Nacional de Alfabetização. Brasília: MEC: Sealf, 2019. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/images/banners/caderno_pna_final.pdf. Acesso em: 13 jul. 2021. p. 25.

Nos seres humanos, a representação interna para quantidades numéricas é desenvolvida desde os primeiros anos da infância. Evidências científicas dão conta de que crianças muito pequenas podem aprender a pensar e a comunicar-se por meio de habilidades matemáticas, inclusive mostrando-se capazes de aplicar raciocínio lógico na resolução de problemas e de compreender padrões e sequências. É essa capacidade de usar habilidades matemáticas de maneira apropriada e significativa na busca de respostas para situações simples ou complexas do dia a dia que conceitua a numeracia.

Pensando em colaborar para esse processo, as atividades desta coleção foram planejadas e elaboradas cuidadosamente, buscando fornecer subsídios significativos para o ensino de medidas, números e noções básicas espaciais e geométricas. Em sua tarefa como alfabetizador, o professor terá a oportunidade de explorar com os estudantes, em vários momentos, o raciocínio lógico por meio de situações lúdicas, além de ter à sua disposição atividades diversificadas, com estruturas que permitem desenvolver o reconhecimento de fatos aritméticos e, sempre que possível, convidam os estudantes a agir de modo crítico e criativo.

Integração entre os componentes curriculares

Desde a década de 1990, é levada em conta no Brasil a importância do trabalho interdisciplinar na escola. Atualmente, esse aspecto é ainda mais relevante, sendo incentivado em todos os níveis de ensino da Educação Básica.

A interdisciplinaridade é a relação entre dois ou mais componentes curriculares, ou seja, a abordagem interdisciplinar equivale aos vínculos estabelecidos entre dois ou mais componentes para obter um conhecimento maior, unificado e diversificado ao mesmo tempo.

A interdisciplinaridade tem o objetivo de integrar as diversas áreas do conhecimento, proporcionando uma compreensão maior da realidade. Com isso, os estudantes não só compreendem as respectivas

conexões como também são capazes de desfragmentar os conhecimentos para torná-los mais significativos do que eram antes de serem integrados entre si.

Para essa prática, é preciso determinar o modo como essa integração se dará. Pensando nisso, nesta coleção foram idealizadas algumas atividades cujo propósito é integrar diferentes componentes curriculares com uma abordagem menos fragmentada. Assim, espera-se contribuir para o aumento da criatividade e para a formação crítica e responsável do estudante na construção de seu conhecimento.

No ambiente escolar, a interdisciplinaridade atinge resultados positivos, uma vez que os estudantes iniciam parcerias contextualizando assuntos e integrando saberes. Essa dinâmica é importante para garantir que a aprendizagem ocorra não só com base na realidade deles, mas também com o ensino dos outros componentes.

Avaliação

A avaliação tem uma função fundamental no processo de ensino-aprendizagem, pois é a oportunidade de investigar, diagnosticar, refletir sobre o processo e acompanhar o desenvolvimento dos estudantes e a atuação do professor.

É comum a ideia de impossibilidade de uma avaliação no componente curricular Arte que seja produtora e justa. A constatação de que “cada um tem um jeito de desenhar”, que se estende ao dançar, tocar e interpretar, muitas vezes justifica uma avaliação sem critérios e uma falta de entendimento por parte dos estudantes do seu desenvolvimento. Sim, cada um tem um jeito próprio de desenhar, dançar, interpretar e se expressar musicalmente, mas isso não impede que todo o processo de ensino e aprendizagem dessas linguagens possa ser avaliado. É a natureza subjetiva da Arte e do fazer artístico o seu maior valor, e não um impedimento ao processo avaliativo.

É imprescindível, portanto, levar em conta as especificidades da avaliação em Arte. Obviamente se faz necessário avaliar a produção dos estudantes, porém mais importante é avaliar seus processos de criação, considerando sua dimensão subjetiva.

De modo geral, uma maneira de avaliar os processos envolve a análise da relação que os estudantes estabelecem com as linguagens artísticas. Para isso, pode-se lançar mão de instrumentos como cadernos de desenho, portfólios, apresentações, exposições e atividades que explorem diferentes formas de movimento e poéticas corporais. Esses procedimentos podem ser enriquecidos com registros diversos, inclusive com o uso de novas tecnologias de registro e edição de áudio e imagens. Assim, torna-se possível ajudar os estudantes a se tornarem mais conscientes de seu percurso e de assumirem maior protagonismo em seu processo de aprendizagem. É preciso encontrar um equilíbrio de estratégias que demonstre o progresso do estudante tendo em vista o desenvolvimento de competências e habilidades, mas, principalmente, que esse desenvolvimento não seja relativo ao grupo, mas ao progresso individual de cada um.

Nesta coleção, a ação avaliativa do processo de ensino-aprendizagem propõe três modalidades principais.

Avaliação diagnóstica

A avaliação diagnóstica constitui-se como o momento dedicado a identificar os conhecimentos já alcançados pelos estudantes, bem como suas necessidades e dificuldades.

É importante dar um lugar especial a essa avaliação, visto que por meio dela é possível reajustar as rotas e os objetivos estabelecidos para a construção do conhecimento.

Onde ocorre

Nesta coleção, a avaliação diagnóstica ocorre na seção **Vamos iniciar**. Nela, são propostas atividades que possibilitam determinar se será necessário retomar conteúdos, estabelecer

objetivos a serem alcançados pela turma e definir as práticas e as estratégias didáticas. A avaliação diagnóstica também pode ocorrer no início de cada unidade, pois as atividades das páginas de abertura servem para diagnosticar os conhecimentos prévios dos estudantes.

Avaliação formativa ou de processo

A avaliação formativa ou de processo acontece ao longo do período letivo. São os processos contínuos, que verificam se os estudantes alcançaram o cumprimento dos objetivos de cada etapa de aprendizagem. Desse modo, tal tipo de avaliação, quando articulado ao processo de ensino-aprendizagem, contribui para a aprendizagem da turma, à medida que possibilita ao professor realizar intervenções, propondo novas estratégias e procedimentos que visam à melhoria e/ou ao aprofundamento dos conhecimentos por parte dos estudantes.

Onde ocorre

Nesta coleção, a avaliação formativa ou de processo é destacada na seção **Vamos avaliar o aprendizado**, apresentada em cada unidade dos cinco volumes do **Livro do estudante**. Essa seção propõe atividades que retomam os principais conceitos e noções trabalhados, com vistas a averiguar se os objetivos de aprendizagem foram alcançados. Além disso, nas laterais das páginas reduzidas do **Livro do estudante**, o **Manual do professor** apresenta o box **Avaliando**, com propostas de atividades avaliativas que permitem acompanhar a aprendizagem dos estudantes, trazendo objetivos e estratégias de intervenção. A avaliação formativa acontece também nas páginas de **Conclusão**, com a proposta de retomada dos principais objetivos de aprendizagem da unidade. Além disso, destacamos que faz parte do processo de avaliação formativa o hábito de transitar pela sala para observar os estudantes durante o desenvolvimento das atividades propostas. Esse acompanhamento mais ativo pode contribuir para incentivar os estudantes a se entenderem como parte do processo de ensino-aprendizagem, desenvolvendo seu senso crítico e sua autonomia e fazendo-os assumir a responsabilidade pelos acertos e erros.

Avaliação de resultado ou somativa

Com base no trabalho desenvolvido com os estudantes ao longo do ano letivo e em consonância com as práticas pedagógicas adotadas pelo professor e pela escola, acontece a avaliação de resultado ou somativa. Por meio das informações obtidas com a avaliação de resultado, é possível saber se os estudantes conseguem relacionar a apreensão de conteúdos, conceitos e noções com resoluções de problemas da vida cotidiana. Além disso, com base nas respostas a essa avaliação, o professor poderá refletir sobre ações a serem tomadas para sanar possíveis dificuldades dos estudantes. É comum que essa avaliação confira o desenvolvimento dos estudantes de maneira classificatória, por meio de testes e atribuição de notas. Nessa perspectiva, surge o equívoco de que avaliar restringe-se à aplicação de testes e à emissão de notas. Nesse sentido, é importante entender que a nota é uma das formas, entre muitas, de mostrar os resultados de uma avaliação. É preciso desvincular o pensamento de que a avaliação de resultado é a mais importante por mensurar em números o aprendizado. Ela é a consequência da avaliação diagnóstica pontual e da avaliação formativa bem vivenciada. Se as duas práticas ou ações avaliativas

mencionadas forem assertivas, o resultado em números oferecido pela avaliação de resultado será satisfatório, porque será o reflexo de um aprendizado que ocorreu de modo efetivo. Ainda assim, resultados diferentes ou abaixo do esperado não podem ser tomados como sentenças, mas como apontamentos para a retomada da avaliação formativa, com seus caminhos e objetivos.

Onde ocorre

Ao final de cada um dos cinco volumes desta coleção, é apresentada aos estudantes a seção **Vamos concluir**, com atividades que permitem ao professor obter os resultados avaliativos dos conhecimentos adquiridos por eles no decorrer do ano letivo. As atividades propostas possibilitam ao professor averiguar a necessidade de estratégias de remediação, retomando os objetivos pedagógicos quando assim se fizer necessário.

Para um sistema de avaliação eficiente, é recomendável a combinação das três modalidades, além de usar diferentes instrumentos que auxiliem a obter informações sobre a evolução da aprendizagem dos estudantes. Por exemplo, a avaliação pode acontecer por meio da montagem de um portfólio, das observações do professor e do registro em fichas avaliativas. Isso visa contemplar não só o desenvolvimento cognitivo dos estudantes, mas a maneira como cada um aprende, com atenção especial às habilidades que eles desenvolvem com mais facilidade e as que demandam mais atenção e auxílio para serem desenvolvidas.

Reconstruindo o significado e a importância de cada avaliação dentro do processo de ensino-aprendizagem, é possível promover o desenvolvimento das habilidades e competências esperadas para cada segmento de ensino de modo assertivo e pontual, além de despertar a corresponsabilidade e a autonomia dos estudantes sobre a construção de seu conhecimento. Dessa forma, além de auxiliar a repensar a prática pedagógica, é possível aperfeiçoá-la e reajustá-la, visando alcançar e suprir as necessidades identificadas pelo professor. Cada estudante é atendido em suas especificidades, e assim a turma evolui de maneira proveitosa e positiva.

Veja a seguir uma sugestão de ficha avaliativa e uma autoavaliativa que podem ser utilizadas para o registro de suas observações diárias.

Ficha de avaliação			
Professor:	Período de observação:		
Estudante:	Ano:	Turma:	
O estudante:	Sim	Às vezes	Não
demonstra interesse nas aulas?			
compreende os conteúdos?			
faz as atividades propostas nas aulas?			
participa das atividades em grupo?			
escuta e respeita as opiniões dos colegas?			
demonstra autonomia quando faz as atividades?			

Ficha de autoavaliação			
Professor:	Período de observação:		
Estudante:	Ano:	Turma:	
Eu...	Sim	Às vezes	Não
tenho interesse nas aulas?			
compreendo os conteúdos?			
pergunto as minhas dúvidas para o professor?			
faço as atividades propostas nas aulas?			
participo das atividades em grupo?			
escuto e respeito as opiniões dos colegas?			
faço as atividades com autonomia?			
sou organizado com meu material escolar?			
ajudo a manter a organização da sala de aula?			
tenho uma boa convivência com meus colegas?			

Com o intuito de auxiliar o monitoramento das aprendizagens, sugerimos que seja feito o registro da trajetória de cada estudante em fichas de avaliação de acompanhamento individual das aprendizagens, como o modelo apresentado a seguir. Você pode utilizar fichas desse tipo quando trabalhar com as seções **Conclusão** das unidades deste **Manual do professor**.

Ficha de acompanhamento individual das aprendizagens				
Legenda: S (Sim) N (Não) P (Parcialmente)				
Estudante:				
Ano:	Período letivo do registro:			
Objetivos avaliados	S	N	P	
Preencher com o objetivo.				
Preencher com o objetivo.				
Observações				

O ensino de Arte

De acordo com a antropóloga francesa Michèle Petit, ensinar é apresentar o mundo para as novas gerações. Desse modo, a transmissão cultural, conceito amplo e muito debatido, se constitui na possibilidade que os adultos têm para construir novas perspectivas para o mundo. Para essa estudiosa, a transmissão cultural possibilita:

“[...] construir um mundo habitável, humano, poder encontrar ali o seu lugar e locomover-se; celebrar a vida no cotidiano; oferecer as coisas poeticamente; inspirar as narrativas que cada pessoa fará de sua própria vida. [...] É preciso transmitir o mundo às crianças, ensiná-las a amá-lo, para que elas um dia tenham vontade de assumir a responsabilidade por ele.”

PETIT, Michèle. **Ler o mundo**: experiências de transmissão cultural nos dias de hoje. São Paulo: Editora 34, 2019. p. 23.

Diante disso, esta coleção se apresenta como um material de apoio para os professores e professoras dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Visando auxiliá-los na construção dessas novas perspectivas, esta coleção busca:

- ser coerente e adequada à idade dos estudantes;
- considerar o desenvolvimento dos estudantes em seus aspectos cognitivos, afetivos e psicomotores;
- possibilitar a expressão de emoções pessoais;
- valorizar o cuidado com a comunidade;
- permitir a aquisição de competências e habilidades;
- demonstrar amor e respeito pela arte e pela cultura.

A seleção de conteúdos que abrangem as diferentes linguagens da Arte (Dança, Artes visuais, Música e Teatro, além das Artes Integradas) em seus aspectos particulares, suas interseções, e a organização em sequências didáticas adequadas às idades não são suficientes sem os grandes responsáveis por essa relação afetiva para o ensino: os professores e as professoras. Com suas experiências, afetos, saberes e histórias particulares, eles devem ser os autores e protagonistas do seu próprio trabalho, desenvolvendo percursos de ensino e aprendizagem da Arte junto com os estudantes.

Esta é uma coleção feita por professores para professores e estudantes. É feita para auxiliar o trabalho daqueles que ensinam, aprendem, teorizam, pesquisam, administram seus saberes e conhecem o potencial da Arte no sentido de elevar os padrões na educação. Compreendida no campo da cultura, a Arte pode tornar-se mais familiar aos estudantes ao se aproximar do cotidiano deles. É importante que o professor compreenda o contexto cultural dos estudantes, os conhecimentos prévios que eles têm sobre diferentes formas de arte, as experiências e aprendizagens na disciplina, enfim o universo em que eles estão inseridos. Dessa forma, pode fazer adequações e orientações relacionadas à realidade dos estudantes e da escola em que ensina.

Esta coleção procura engajar a comunidade educativa no conceito de educação para a Arte. Os professores realizadores desta coleção acreditam que esse engajamento contribui para o desenvolvimento integral das pessoas; promove a fruição das artes e da cultura; e possibilita a formação de cidadãos sensíveis à realidade que os rodeia. Acreditam, assim, na formação de cidadãos que respeitam e integram a diversidade, com capacidade para estabelecer relações democráticas e participativas.

De um lado, há o desafio de gerar uma reflexão sobre as contribuições do ensino da arte na construção de uma educação de qualidade. De outro, o desejo de fornecer ferramentas metodológicas e conceituais para que essa contribuição se efetive e possa promover proje-

tos que permitam aos estudantes exercer seu direito de igualdade de acesso à cultura e às artes.

A coleção faz um convite ao professor e aos estudantes para que a conheçam, apropriem-se dela no sentido de ampliar efetivamente o universo de experiências artísticas e estéticas. Além disso, o convite é feito para que construam conjuntamente uma experiência educativa que possibilite o entendimento do valor inestimável da Arte em nossa sociedade.

Arte e BNCC

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), homologada em 2017, é um documento, de caráter normativo, que explicita os direitos de aprendizagem da Educação Infantil, do Ensino Fundamental e Médio, e que serve de referência para a construção dos currículos de todas as redes, em âmbito federal, estadual e municipal. As aprendizagens essenciais definidas pela BNCC devem assegurar aos estudantes o desenvolvimento de competências que garantem a aprendizagem.

Na BNCC, o componente curricular **Arte** é composto por quatro linguagens, nomeadas como unidades temáticas: Artes visuais, Dança, Música e Teatro. Além delas, há ainda uma unidade temática denominada Artes Integradas, que explora as integrações entre as quatro linguagens e suas práticas e, também, o uso de novas tecnologias da formação e da comunicação.

A BNCC também propõe que se garanta a abordagem das unidades temáticas e que esse processo se dê por meio das seis dimensões contempladas no documento: criação, crítica, estesia, expressão, fruição e reflexão em suas múltiplas linguagens artísticas (Música, Dança, Artes visuais, Teatro e Artes Integradas).

Tendo como eixo organizador a BNCC, esta coleção selecionou conteúdos, materiais, sugestões de práticas e sequências didáticas que possibilitem uma ampla compreensão das linguagens no sentido de promover a articulação de todas as dimensões do conhecimento e garantir a aquisição das habilidades e competências elencadas na Base.

Orientados para a prática, os conteúdos propostos na coleção abordam experimentações e pesquisas apresentadas por meio de estratégias que procuram fomentar a autonomia dos estudantes, considerando-os como o centro do processo de aprendizagem. Além disso, a coleção aborda a Arte como área de conhecimento. Os conteúdos visam desenvolver a sensibilidade, os sentimentos e o pensamento, propondo o ensino de Arte a partir de vivências e experiências, tanto no contexto escolar como no cotidiano de estudantes e professores. A prática docente também é abordada como campo de conhecimento, pesquisa e experimentação no sentido de propiciar autonomia ao professor.

As linguagens da Arte na coleção

Diferentes abordagens metodológicas são discutidas atualmente no campo da Arte. As concepções acerca das funções da Arte na sociedade também se ampliaram. Vivemos em uma sociedade essencialmente imagética, com múltiplos meios de produção midiática que envolvem a sonoridade, a visualidade, a encenação, o movimento corporal. Em função disso, os alunos devem ser preparados para a fruição e também para a crítica a esses meios.

Para os educadores é especialmente relevante conhecer e compreender as metodologias de ensino que são referências para suas práticas pedagógicas. Tais práticas exigem dos educadores interferências, ações e mediações que são fundamentais para a aprendizagem.

Cada uma das quatro linguagens da Arte, mais a unidade temá-

tica Artes Integradas, preconizadas na BNCC, necessita de especificidades pedagógicas, diferentes metodologias, conteúdos e formas de avaliação. As dimensões de conhecimento (criação, crítica, estesia, expressão, fruição e reflexão) podem estabelecer relações e ampliar a abordagem triangular sistematizada por Ana Mae Barbosa: ler, contextualizar e fazer arte. Conscientes das concepções de Arte que permeiam suas práticas pedagógicas, os professores podem relacioná-las e ampliá-las por meio da proposta metodológica desta coleção.

Artes visuais

Nesta coleção, a alfabetização visual é conceituada como o desenvolvimento contextualizado da cultura visual. Dessa maneira, os componentes fundamentais das Artes visuais conhecidos como elementos (cor, forma, linha, espaço, textura, luz etc.) e seus princípios (equilíbrio, contraste, harmonia, movimento, proporção, ritmo etc.) se expandem para que sejam percebidos mais amplamente e contextualizados dentro de realidades culturais específicas. Assim, são estabelecidas conexões entre esses elementos e a expressão de ideias que registram a história, os valores e as cosmovisões de diferentes sociedades e culturas. Dessa maneira, a alfabetização visual ocorre de forma contextualizada, de modo a permitir que os estudantes compreendam e apreciem a variedade e os significados da expressão artística em diversos contextos culturais.

Essa perspectiva também se pauta no multiculturalismo, pois a coleção apresenta uma diversidade de culturas, além da ocidental europeia. Nela são abordadas, por exemplo, a arte Gond, feita na Índia, as narrativas mitológicas de diversos povos, a cultura popular brasileira e as matrizes estéticas que a compõem, a inventividade e o uso de tecnologias por artistas de diferentes perfis, os mestres e as mestras da arte brasileira e suas biografias. Além disso, esta coleção aborda a produção cultural globalizada, que propicia desafios de análise e interpretação ao apresentar conceitos como identidades, memória, alteridades e homogeneização cultural.

Dança

A linguagem da Dança, com a qual a maioria das pessoas ainda tem pouca familiaridade, geralmente permanece limitada a contextos e nichos específicos. A partir da delimitação descrita na BNCC, o processo de ensino e aprendizagem da Dança precisa fomentar a compreensão dos elementos desta linguagem de maneira ampla, promovendo a articulação de descobertas e desmistificações sobre o poético que se elabora no movimento dançado.

A coleção abordará a diversidade e a multiplicidade de modos de comunicação inerentes ao movimento dançado por culturas e povos diversos. Com o intuito de envolver os estudantes na pesquisa e na percepção do seu contexto familiar e social, são propostas práticas que envolvem tanto os colegas de turma quanto sociedades distantes. Essas propostas propiciam reflexões sobre as formas de comunicação e de elaboração de poesias e metáforas na própria cultura do estudante, mas também, nas culturas de outras sociedades.

Para tratar dos elementos da linguagem (corpo, espaço e tempo), a partir da proposta da BNCC, tomamos como referências os estudos de Rudolf Laban, seus discípulos e leitores, e também as propostas de Klaus Vianna e seus sistematizadores

Música

Seguindo os parâmetros da BNCC quanto aos conteúdos e abordagens relativos à educação musical, esta coleção trata das metodo-

logias e questões didáticas a partir de processos ativos que valorizam a pesquisa, a experimentação e a vivência da música, bem como seus elementos conceituais e parâmetros sonoros. As práticas propostas são criativas objetivando o desenvolvimento da escuta e o entendimento das sonoridades provenientes do cotidiano e ambiente sonoro de cada comunidade, por meio de jogos de observação, escuta e manipulação dos sons. Tais princípios têm como referências as perspectivas teóricas contemporâneas da educação musical utilizadas por músicos educadores, como Raymond Murray Schafer, Hans-Joachim Koellreutter, Keith Swanwick, John Paynter, François Delalande e Chefa Alonso que, em comum, preconizam o aprimoramento da escuta e do fazer musical criativo.

Teatro

Em relação à área da produção de conhecimento, estudo e prática da linguagem teatral, a coleção tem como referências as pesquisas realizadas no campo do teatro antropológico, originalmente proposto por Eugênio Barba e que, ao longo dos anos, teve diversos desdobramentos decorrentes do trabalho de seus seguidores. Partindo desse referencial, a coleção aborda culturas teatrais de diferentes partes do mundo. O reconhecimento do espaço físico e do ritual da cena, na perspectiva do sensível do corpo, as relações entre os atores e as manifestações interativas diversas, decorrentes da prática teatral, poderão ser percebidos passo a passo ao longo dos volumes. As práticas propostas pela coleção pretendem a expansão de estímulos expressivos pautados nas descobertas e nas potencialidades do corpo, da cor,

da voz e da interação, guiados por uma condução pedagógica lúdica que visa, sobretudo, o brincar para aprender e o aprender para seguir brincando.

Assim, a coleção recorre, em especial, ao universo dos palhaços, das cantigas de roda, das máscaras, da contação de histórias, do coro, do solo, do personagem animado, dos seres fantásticos e dos múltiplos cenários e luzes possíveis na arte da criação cênica. É importante ressaltar, portanto, que a coleção une obras, procedimentos de artistas, educadores e fazedores de arte que exercem significativo papel em nossa cultura.

Quadro anual de conteúdos • 1º ano

O quadro apresentado a seguir mostra a evolução sequencial dos conteúdos deste volume e os momentos de avaliação formativa propostos. Além disso, é possível verificar uma sugestão de organização desses conteúdos em trimestres e bimestres, assim como em semanas e em aulas. Também apresentamos as habilidades da BNCC desenvolvidas e, quando pertinente, as relações com a PNA. Trata-se de uma planilha que pode ser utilizada para ter uma visão geral dos conteúdos das unidades, assim como facilitar a busca por orientações e comentários de práticas pedagógicas sugeridas nas orientações das páginas correspondentes ao **Livro do estudante**.

			Conteúdos (páginas do Livro do estudante)	Avaliação formativa (páginas do Manual do professor)	BNCC e PNA
TRIMESTRE 1	BIMESTRE 1	SEMANA 1	Aula 1		
			Aula 2		
	SEMANA 2	Aula 1	▶ Vamos iniciar (avaliação diagnóstica) (p. 8, 9, 10 e 11)		▶ Desenvolvimento de vocabulário
		Aula 2	▶ Unidade 1: Os materiais e as experiências artísticas (abertura) ▶ Artes visuais – Contextos e Práticas: Arte contemporânea (p. 12, 13 e 14)		
	SEMANA 3	Aula 1	▶ Unidade 1: Os materiais e as experiências artísticas ▶ Artes visuais – Materialidades (p. 14 e 15) ▶ Artes visuais – Processos de criação (p. 15)	▶ p. 15	▶ (EF15AR01) ▶ Competência Específica de Arte 4 ▶ Desenvolvimento de vocabulário
		Aula 2	▶ Unidade 1: Os materiais e as experiências artísticas ▶ Artes visuais – Elementos da linguagem: ponto, linha e forma (p. 16 e 17) ▶ Artes visuais – Processos de criação (p. 16 e 17)		

		Conteúdos (páginas do Livro do estudante)	Avaliação formativa (páginas do Manual do professor)	BNCC e PNA
SEMESTRE 1	SEMANA 3	Aula 2 › Unidade 1: Os materiais e as experiências artísticas › Artes visuais – Processos de criação (p. 18)		
	SEMANA 4	AULA 1 › Unidade 1: Os materiais e as experiências artísticas › Artes visuais – Materialidades (p. 19) › Artes visuais – Processos de criação (p. 19)		› (EF15AR04), (EF15AR05), (EF15AR06)
		AULA 2 › Unidade 1: Os materiais e as experiências artísticas › Artes visuais – Materialidades (p. 20 e 21) › Artes visuais – Processos de criação (p. 20 e 21)		
	SEMANA 5	AULA 1 › Vamos avaliar o aprendizado (avaliação formativa) (p. 21)	› p. 21	
		AULA 2 › Unidade 1: Os materiais e as experiências artísticas › Artes visuais – Contextos e práticas: Arte contemporânea e reflexão (p. 22 e 23)	› p. 23 • MP	› Competências Específicas de Arte 4, 7 e 8 › Educação ambiental e Educação para o consumo › Consciência fonológica e fonêmica, conhecimento alfabético, produção de escrita, desenvolvimento de vocabulário
	SEMANA 6	AULA 1 › Unidade 2: Que som tem? (abertura) › Música – Contextos e práticas (p. 24 e 25) › Música – Elementos da Linguagem (p. 24 e 25) › Música – Materialidades (p. 24 e 25)		› (EF15AR13), (EF15AR14), (EF15AR15) › Competências Específicas de Arte 4 e 8 › Desenvolvimento de vocabulário
		AULA 2 › Unidade 2: Que som tem? (p. 26) › Música – Elementos da Linguagem (p. 26) › Música – Materialidades (p. 26) › Música – Processos de criação (p. 26)		

TRIMESTRE 1		BIMESTRE 1		
SEMANA 7	AULA 1	› Unidade 2: Que som tem? (p. 27) › Música – Materialidades: Fontes sonoras diversas (p. 27)	› p. 27	
	AULA 2	› Unidade 2: Que som tem? › Música – Materialidades: Fontes sonoras diversas (p. 28 e 29)		› (EF15AR15) › Numeracia
SEMANA 8	AULA 1	› Unidade 2: Que som tem? › Música – Elementos da linguagem: intensidade – Sons fortes e sons fracos (p. 30)		
	AULA 2	› Unidade 2: Que som tem? › Música – Elementos da linguagem: intensidade – Sons fortes e sons fracos (p. 31)	› p. 31	
SEMANA 9	AULA 1	› Unidade 2: Que som tem? › Dança – Elementos da linguagem: Orientação no espaço, diferentes direções (p. 32 e 33) › Música – Materialidades: Fontes sonoras diversas (p. 33)		› (EF15AR10), (EF15AR15), (EF15AR26)
	AULA 2	› Unidade 2: Que som tem? › Dança – Elementos da linguagem: Orientação no espaço, diferentes direções (p. 33) › Música – Materialidades: Fontes sonoras diversas (p. 33) › Vamos avaliar o aprendizado (avaliação formativa) (p. 33)	› p. 33 › p. 33 • MP	
SEMANA 10	AULA 1	› Unidade 3: Um mundo cheio de expressões (abertura) › Teatro – Contextos e práticas (p. 34 e 35)		› (EF15AR18) › Competência Específica de Arte 1 › Consciência fonológica e fonêmica, conhecimento alfabético, produção de escrita, fluência em leitura oral
	AULA 2	› Unidade 3: Um mundo cheio de expressões › Teatro – Elementos da linguagem: expressão facial (p. 36)		› (EF15AR19)

		Conteúdos (páginas do Livro do estudante)	Avaliação formativa (páginas do Manual do professor)	BNCC e PNA
BIMESTRE 2	SEMANA 11	AULA 1 > Unidade 3: Um mundo cheio de expressões > Teatro – Processos de criação (p. 37)	> p. 37	> (EF15AR20)
		AULA 2 > Unidade 3: Um mundo cheio de expressões > Artes integradas – Processos de criação (p. 38)	> p. 38	> (EF15AR23)
	SEMANA 12	AULA 1 > Unidade 3: Um mundo cheio de expressões > Teatro – Processos de criação (p. 39)	> p. 39	> (EF15AR22)
		AULA 2 > Unidade 3: Um mundo cheio de expressões > Teatro – Contextos e práticas (p. 40 e 41)		
	SEMANA 13	AULA 1 > Unidade 3: Um mundo cheio de expressões > Teatro – Processos de criação (p. 42)		> (EF15AR20) > Trabalho
		AULA 2 > Unidade 3: Um mundo cheio de expressões > Teatro – Contextos e práticas (p. 43 e 44)		> Competência Específica de Arte 3
	SEMANA 14	AULA 1 > Vamos avaliar o aprendizado (avaliação formativa) (p. 45 e 46)	> p. 45	> (EF15AR19) > Competência Específica de Arte 2
		AULA 2 > Unidade 3: Um mundo cheio de expressões > Teatro – Elementos da Linguagem (p. 47)		> (EF15AR19) > Consciência fonológica e fonêmica, conhecimento alfabético, fluência em leitura oral, desenvolvimento de vocabulário, compreensão de textos > Literacia familiar
	SEMANA 15	AULA 1 > Unidade 4: De onde vêm as cores? (abertura) > Artes visuais – Elementos da Linguagem (p. 48 e 49)		> Competências Específicas de Arte 1, 4 e 9
		AULA 2 > Unidade 4: De onde vêm as cores? > Artes visuais – Elementos da Linguagem: cor – pigmentos (p. 50)	> p. 50	> (EF15AR02)
TRIMESTRE 2				

TRIMESTRE 2		BIMESTRE 2		
SEMANA 16	AULA 1	› Unidade 4: De onde vêm as cores? › Artes visuais – Elementos da Linguagem: cor – pigmentos (p. 51) › Artes visuais – Materialidades: tintas naturais (p. 51)		› (EF15AR02), (EF15AR04) › Fluência em leitura oral, desenvolvimento de vocabulário, compreensão de textos, numeracia
	AULA 2	› Unidade 4: De onde vêm as cores? › Artes visuais – Elementos da Linguagem: cor – pigmentos (p. 52) › Artes visuais – Contextos e práticas (p. 53) › Artes visuais – Materialidades: tintas naturais (p. 54)	› p. 52	› (EF15AR01), (EF15AR02), (EF15AR04)
SEMANA 17	AULA 1	› Unidade 4: De onde vêm as cores? › Artes visuais – Elementos da Linguagem: cor – pigmentos (p. 54 e 55) › Artes visuais – Materialidades: tintas naturais (p. 54 e 55)	› p. 54 e 55	› (EF15AR02), (EF15AR06)
	AULA 2	› Unidade 4: De onde vêm as cores? › Artes visuais – Elementos da Linguagem: cor – pigmentos (p. 56)	› p. 56	› (EF15AR02) › Fluência em leitura oral, desenvolvimento de vocabulário, compreensão de textos
SEMANA 18	AULA 1	› Unidade 4: De onde vêm as cores? › Artes visuais – Contextos e práticas (p. 57 e 58) › Artes Integradas – Patrimônio Cultural: matriz indígena (p. 57 e 58)		› (EF15AR01), (EF15AR25) › Competência específica de Arte 9
	AULA 2	› Vamos avaliar o aprendizado (avaliação formativa) (p. 59)	› p. 59 › p. 59 • MP	
SEMANA 19	AULA 1	› Unidade 5: Os sons à nossa volta (abertura) › Música – Elementos da linguagem (p. 60 e 61) › Música – Materialidades (p. 60 e 61) › Música – Processos de criação (p. 60 e 61)		› (EF15AR14), (EF15AR15), (EF15AR17) › Desenvolvimento de vocabulário, compreensão de textos
	AULA 2	› Unidade 5: Os sons à nossa volta › Música – Materialidades: fontes sonoras (p. 62)		

			Conteúdos (páginas do Livro do estudante)	Avaliação formativa (páginas do Manual do professor)	BNCC e PNA
BIMESTRE 2	SEMANA 20	AULA 1	› Unidade 5: Os sons à nossa volta › Música – Materialidades: fontes sonoras (p. 63)		› Literacia familiar
		AULA 2	› Unidade 5: Os sons à nossa volta › Música – Elementos da linguagem (p. 64 e 65) › Música – Materialidades (p. 64 e 65) › Música – Notação e registro musical (p. 64 e 65) › Música – Processo de criação (p. 64 e 65)	› p. 65	› (EF15AR14), (EF15AR15), (EF15AR16), (EF15AR17)
	SEMANA 21	AULA 1	› Unidade 5: Os sons à nossa volta › Música – Materialidades: fontes sonoras diversas (p. 66)	› p. 66	› (EF15AR15)
		AULA 2	› Unidade 5: Os sons à nossa volta › Música – Materialidades: fontes sonoras – instrumento (p. 67)	› p. 67	› (EF15AR15) › Fluência em leitura oral, desenvolvimento de vocabulário, compreensão de textos, numeracia
	SEMANA 22	AULA 1	› Unidade 5: Os sons à nossa volta › Música – Processos de criação (p. 68)	› p. 68	› (EF15AR17)
		AULA 2	› Unidade 5: Os sons à nossa volta › Música – Processos de criação (p. 68)	› p. 68	› (EF15AR17)
	SEMANA 23	AULA 1	› Unidade 5: Os sons à nossa volta › Música – Elementos da linguagem: intensidade e duração. (p. 69) › Música – Materialidades (p. 69) › Música – Processo de criação (p. 69)		› (EF15AR14), (EF15AR15), (EF15AR17)

TRIMESTRE 2	BIMESTRE 3		TRIMESTRE 3	
	SEMANA 23		SEMANA 28	
	AULA 2	› Vamos avaliar o aprendizado (avaliação formativa) (p. 70 e 71)		› p. 70 › p. 71 • MP
	SEMANA 24	AULA 1	› Unidade 6: Arte em movimento (abertura) › Dança – Contextos e práticas: capacidade de simbolizar o repertório corporal (p. 72 e 73)	› Competência Específica de Arte 4 › Desenvolvimento de vocabulário
		AULA 2	› Unidade 6: Arte em movimento › Dança – Elementos da linguagem (p. 74 e 75)	› (EF15AR09), (EF15AR10)
	SEMANA 25	AULA 1	› Unidade 6: Arte em movimento › Dança – Elementos da linguagem (p. 76 e 77)	› (EF15AR09) › Consciência fonológica e fonêmica, conhecimento alfabético, produção de escrita
		AULA 2	› Unidade 6: Arte em movimento › Dança – Elementos da linguagem (p. 77)	› p. 77
	SEMANA 26	AULA 1	› Unidade 6: Arte em movimento › Dança – Elementos da linguagem (p. 78)	› (EF15AR10) › Numeracia
		AULA 2	› Unidade 6: Arte em movimento › Dança – Contextos e práticas (p. 79)	› Competência Específica de Arte 8
	SEMANA 27	AULA 1	› Vamos avaliar o aprendizado (avaliação formativa) (p. 80 e 81)	› Competências Específicas de Arte 4 e 8
		AULA 2	› Vamos avaliar o aprendizado (avaliação formativa) (p. 80 e 81)	› Competências Específicas de Arte 4 e 8
TRIMESTRE 3	SEMANA 28	AULA 1	› Unidade 6: Arte em movimento › Dança – Contextos e práticas (p. 82 e 83)	› p. 83 • MP › Vida Familiar e Social, Educação em Direitos Humanos e Processo de Envelhecimento, Respeito e Valorização do Idoso › Desenvolvimento de vocabulário, compreensão de textos

			Conteúdos (páginas do Livro do estudante)	Avaliação formativa (páginas do Manual do professor)	BNCC e PNA
BIMESTRE 3	SEMANA 28	AULA 2	› Unidade 6: Arte em movimento › Dança – Contextos e práticas (p. 82 e 83)	› p. 83 • MP	› Desenvolvimento do vocabulário › Compreensão de textos
		AULA 1	› Unidade 7: Experiência e sentido (abertura) › Artes visuais – Elementos da Linguagem (p. 84 e 85)		› Competências Específicas de Arte 4 e 8
	SEMANA 29	AULA 2	› Unidade 7: Experiência e sentido › Artes visuais – Elementos da Linguagem: textura (p. 86)		› (EF15AR02) › Consciência fonológica e fonêmica, conhecimento alfabético, fluência em leitura oral, desenvolvimento de vocabulário, compreensão de textos, produção de escrita
		AULA 1	› Unidade 7: Experiência e sentido › Artes visuais – Elementos da Linguagem: textura (p. 87)	› p. 87	› (EF15AR02) › Competência Específica de Arte 4
	SEMANA 30	AULA 2	› Unidade 7: Experiência e sentido › Artes visuais – Elementos da Linguagem: textura (p. 87)	› p. 87	› (EF15AR02) › Competência Específica de Arte 4
		AULA 1	› Unidade 7: Experiência e sentido › Artes visuais – Elementos da Linguagem: textura (p. 88) › Artes visuais – Materialidades (p. 88) › Artes visuais – Processo de criação (p. 88)	› p. 88	› (EF15AR02), (EF15AR04), (EF15AR06) › Fluência em leitura oral, desenvolvimento de vocabulário, compreensão de textos
	SEMANA 31	AULA 2	› Unidade 7: Experiência e sentido › Artes visuais – Elementos da Linguagem: textura (p. 89 e 90)		› (EF15AR02)
		AULA 1	› Unidade 7: Experiência e sentido › Artes visuais – Contextos e práticas (p. 90) › Artes visuais – Materialidades (p. 90)	› p. 90	› (EF15AR01), (EF15AR04)
	SEMANA 32	AULA 1			
	SEMANA 32	AULA 1			

TRIMESTRE 3		BIMESTRE 4			
	SEMANA 32	AULA 2	➤ Unidade 7: Experiência e sentido ➤ Artes visuais – Elementos da Linguagem: textura (p. 91)	➤ p. 91	➤ (EF15AR02)
	SEMANA 33	AULA 1	➤ Unidade 7: Experiência e sentido ➤ Artes visuais – Materialidades (p. 92) ➤ Artes visuais – Processo de criação (p. 92)		➤ (EF15AR04), (EF15AR05), (EF15AR06) ➤ Competência Específica de Arte 4
		AULA 2	➤ Unidade 7: Experiência e sentido ➤ Artes visuais – Materialidades (p. 93)	➤ p. 93	
	SEMANA 34	AULA 1	➤ Unidade 7: Experiência e sentido ➤ Artes visuais – Sistemas da linguagem (p. 94 e 95)	➤ p. 95	➤ (EF15AR07) ➤ Ciência e tecnologia
		AULA 2	➤ Vamos avaliar o aprendizado (avaliação formativa) (p. 95)	➤ p. 95 ➤ p. 95 • MP	
	SEMANA 35	AULA 1	➤ Unidade 8: Formas animadas (abertura) ➤ Teatro – Contextos e práticas (p. 96 e 97)		➤ Desenvolvimento de vocabulário
		AULA 2	➤ Unidade 8: Formas animadas ➤ Teatro – Contextos e práticas (p. 98 e 99) ➤ Teatro – Elementos da linguagem (p. 98 e 99)		➤ (EF15AR18), (EF15AR19)
	SEMANA 36	AULA 1	➤ Unidade 8: Formas animadas ➤ Artes visuais – Processo de criação (p. 100) ➤ Teatro – Processo de criação (p. 100)		➤ (EF15AR06), (EF15AR20), (EF15AR21) ➤ Desenvolvimento de vocabulário, produção de escrita
		AULA 2	➤ Unidade 8: Formas animadas ➤ Teatro – Elementos da linguagem (p. 101)	➤ p. 101	➤ Literacia familiar

		Conteúdos (páginas do Livro do estudante)	Avaliação formativa (páginas do Manual do professor)	BNCC e PNA
SEMANA 37	AULA 1	› Unidade 8: Formas animadas › Teatro – Contextos e práticas (p. 102)		
	AULA 2	› Unidade 8: Formas animadas › Teatro – Processo de criação (p. 103)		› (EF15AR20)
SEMANA 38	AULA 1	› Unidade 8: Formas animadas › Teatro – Contextos e práticas (p. 104) › Teatro – Elementos da linguagem (p. 104) › Teatro – Processo de criação (p. 104)	› p. 104	› (EF15AR18), (EF15AR19), (EF15AR22)
	AULA 2	› Unidade 8: Formas animadas › Teatro – Contextos e práticas (p. 104) › Teatro – Elementos da linguagem (p. 104) › Teatro – Processo de criação (p. 104)	› p. 104	› (EF15AR18), (EF15AR19), (EF15AR22), (EF15AR26)
SEMANA 39	AULA 1	› Unidade 8: Formas animadas › Música – Processo de criação (p. 105)		› (EF15AR17)
	AULA 2	› Vamos avaliar o aprendizado (avaliação formativa) (p. 106)	› p. 106 › p. 106 • MP	› (EF15AR21) › Desenvolvimento de vocabulário, compreensão de textos
SEMANA 40	AULA 1	› Vamos concluir (avaliação de resultado) (p. 107) › Música: Paisagem sonora › Artes visuais: Texturas		
	AULA 2	› Vamos concluir (avaliação de resultado) (p. 108) › Dança: Formas corporais e equilíbrio › Teatro: Expressividade e recursos › Música: Memória sonora		

BONS AMIGOS

ARTE

Editora responsável:
Ana Carina da Cunha Marques

Bacharel em Artes Plásticas pela
Universidade Estadual Paulista Júlio de
Mesquita Filho (Unesp-SP).

Atuou na formação continuada de
professores de escolas do Ensino Básico.

Atua como professora em escolas
do Ensino Básico.

Editora de materiais didáticos.

Organizadora: **FTD EDUCAÇÃO**
Obra coletiva concebida, desenvolvida e
produzida pela FTD Educação.

1ª edição
São Paulo, 2021

FTD

1

Ensino Fundamental
Anos Iniciais

Componente: Arte



Bons Amigos – Arte – 1º ano
(Ensino Fundamental – Anos Iniciais)
Copyright © FTD Educação, 2021

ELABORADORES DE ORIGINAIS

Ana Carina da Cunha Marques

Bacharel em Artes Plásticas pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp-SP).
Atuou na formação continuada de professores de escolas do Ensino Básico.
Atua como professora em escolas do Ensino Básico.
Editora de materiais didáticos.

Ana Rizek Sheldon

Bacharel em Comunicação e Artes do Corpo com habilitação em Dança e Performance pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).
Pós-graduada em Estudos Contemporâneos em Dança pela Universidade Federal da Bahia (UFBA-BA).
Mestre em Dança pela UFBA-BA.
Elaboradora de materiais didáticos.

Rodrigo Assad Lossurdo Toniolli Mogames

Licenciado em Música pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp-SP).
Atua como professor de música no programa Guri Santa Marcelina.
Elaborador de materiais didáticos.

Direção geral Ricardo Tavares de Oliveira

Direção editorial adjunta Luiz Tonoli

Gerência editorial Natalia Taccetti

Edição Francisca Edilania de Brito Rodrigues (coord.)

Preparação e revisão de textos Viviam Moreira (sup.)

Gerência de produção e arte Ricardo Borges

Design Daniela Máximo (coord.)

Arte e produção Vinicius Fernandes (sup.)

Coordenação de imagens e textos Elaine Bueno Koga

Projeto e produção editorial Scribe Soluções Editoriais

Edição Ana Carina Marques

Assistência editorial Mariana Chinchilla

Colaboração técnico-pedagógica Roberta Forte, Michele Navarro, Camila Bronizeski

Edição de arte e design Marcela Pialarissi

Coordenação de produção de arte Tamires Azevedo

Projeto gráfico Camila Ferreira, Laís Garbelini

Ilustração de capa Beatriz Mayumi

Iconografia Sílvia de Luca Ferreira de Freitas

Tratamento de imagens Johannes de Paulo

Autorização de recursos Erick Lopes de Almeida (coord.),

Eduardo Souza Ponce

Preparação e revisão de textos Moisés Manzano da Silva (coord.),

Raísa Rodrigues da Fonseca

Diagramação Luiz Roberto Lúcio Correa (superv.), Daniela de Oliveira,

Larissa Costa Leme, Leandro Pimenta

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Bons amigos : arte : 1º ano : ensino fundamental : anos iniciais / editora responsável Ana Carina da Cunha Marques ; organizadora FTD Educação ; obra coletiva concebida, desenvolvida e produzida pela FTD Educação. -- 1. ed. -- São Paulo : FTD, 2021.

Componente: Arte.

ISBN 978-65-5742-727-9 (aluno - impresso)

ISBN 978-65-5742-728-6 (professor - impresso)

ISBN 978-65-5742-737-8 (aluno - digital em html)

ISBN 978-65-5742-738-5 (professor - digital em html)

1. Arte (Ensino fundamental) I. Marques, Ana Carina da Cunha.

21-73385 CDD-372.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Arte : Ensino fundamental 372.5

Cibele Maria Dias - Bibliotecária - CRB-8/9427

Reprodução proibida: Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998. Todos os direitos reservados à

EDITORA FTD

Rua Rui Barbosa, 156 – Bela Vista – São Paulo-SP

CEP 01326-010 – Tel. 0800 772 2300

Caixa Postal 65149 – CEP da Caixa Postal 01390-970

www.ftd.com.br

central.relacionamento@ftd.com.br

Em respeito ao meio ambiente, as folhas deste livro foram produzidas com fibras obtidas de árvores de florestas plantadas, com origem certificada.

Impresso no Parque Gráfico da Editora FTD

CNPJ 61.186.490/0016-33

Avenida Antonio Bardella, 300

Guarulhos-SP – CEP 07220-020

Tel. (11) 3545-8600 e Fax (11) 2412-5375

APRESENTAÇÃO

OLÁ, ESTUDANTE!

NA VIDA, A GENTE APRENDE E ENSINA O TEMPO TODO. PROVAVELMENTE VOCÊ JÁ APRENDEU MUITO COM SUA FAMÍLIA, SEUS PROFESSORES, AMIGOS E CONHECIDOS.

NESTE LIVRO, HÁ MOMENTOS TANTO PARA VOCÊ COMPARTILHAR O QUE JÁ VIVEU QUANTO PARA FAZER NOVAS DESCOBERTAS. VOCÊ VAI LER E PRODUZIR TEXTOS, RESOLVER PROBLEMAS, ENTENDER COMO FUNCIONAM CERTOS PROCESSOS SOCIAIS E CULTURAIS, ENTRE OUTROS ASSUNTOS.

ESPERAMOS QUE VOCÊ INTERAJA COM SEUS COLEGAS E PARTICIPE DAS ATIVIDADES. E NÃO SE ESQUEÇA DE QUE SEMPRE PODERÁ TIRAR SUAS DÚVIDAS COM O PROFESSOR.

APROVEITE CADA MOMENTO PARA TORNAR ESSE APRENDIZADO MAIS RICO E DIVERTIDO.

BOM ESTUDO!

SUMÁRIO

VIVA A ARTE!..... 6

 VAMOS INICIAR8

UNIDADE

1

OS MATERIAIS E AS EXPERIÊNCIAS ARTÍSTICAS.... 12

A ARTE E OS MATERIAIS 14

• ARTISTA EM DESTAQUE EXPERIMENTANDO
MATERIAIS COM VIK MUNIZ20

 VAMOS AVALIAR O APRENDIZADO..... 21

• COLETIVAMENTE ARTE E RENOVAÇÃO!..... 22

UNIDADE

2

QUE SOM TEM?24

EXPLORANDO SONS 26

SONS FORTES E SONS FRACOS30

OS SONS E O MOVIMENTO32

 VAMOS AVALIAR O APRENDIZADO..... 33

UNIDADE

3

UM MUNDO CHEIO DE EXPRESSÕES34

VAI COMEÇAR A BRINCADEIRA! 36

ENTRE EXPRESSÕES E EMOÇÕES 37

• CONTEXTO EM DESTAQUE É MUITA PALHAÇADA!40

• VENHA CONHECER O CIRCO..... 43

OS PALHAÇOS NA FOLIA44

 VAMOS AVALIAR O APRENDIZADO..... 45

• ENTRE TEXTOS..... 47

UNIDADE

4

DE ONDE VÊM AS CORES? 48

O QUE SÃO PIGMENTOS?50

TINTAS NATURAIS..... 51

• FALA ARTISTA JHON BERMOND56

• CONTEXTO EM DESTAQUE A TINTA QUE VIRA ROUPA 57

 VAMOS AVALIAR O APRENDIZADO..... 59

UNIDADE 5	OS SONS À NOSSA VOLTA	60
	ESCUUTA ISSO	62
	OS SONS DE CADA LUGAR	64
	INVESTIGANDO OS SONS DA NATUREZA.....	66
	BRINCANDO DE PRODUZIR SONS	68
	VAMOS AVALIAR O APRENDIZADO.....	70

UNIDADE 6	ARTE EM MOVIMENTO	72
	FORMAS EM MOVIMENTO	74
	● OBRA EM DESTAQUE COREOLÓGICAS LUDUS, DA CALEIDOS CIA. DE DANÇA.....	79
	VAMOS AVALIAR O APRENDIZADO.....	80
	● COLETIVAMENTE DANÇANDO EM TODAS AS IDADES.....	82

UNIDADE 7	EXPERIÊNCIA E SENTIDO	84
	O MUNDO EM NOSSAS MÃOS	86
	CAÇADORES DE TEXTURAS.....	89
	UM AMBIENTE DE SENSações.....	92
	● VENHA CONHECER ARTE PARA VER COM AS MÃOS	94
	VAMOS AVALIAR O APRENDIZADO.....	95

UNIDADE 8	FORMAS ANIMADAS	96
	OBJETOS QUE GANHAM VIDA	98
	HORA DA ANIMAÇÃO!	102
	DANDO VOZ AOS OBJETOS.....	104
	VAMOS AVALIAR O APRENDIZADO.....	106

VAMOS CONCLUIR.....	107
SAIBA MAIS	109
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	111

RESPOSTA NO
CADERNO.

RESPOSTA ORAL.

DICA.

Olá, professor!

Bem-vindo à sua nova caminhada junto ao Ensino de Arte.

Para iniciar essa trajetória, leia o texto desta seção para a turma. Dessa forma, instigue a **curiosidade** do grupo, buscando despertar neles o desejo de conhecer e de aprender, graças ao que o universo da Arte lhes oferece.

O cérebro humano é atraído por situações que despertam a curiosidade e preparam o caminho tanto para a aprendizagem quanto para a retenção dos conteúdos, além de tornarem a experiência muito prazerosa!

Aproveite o momento da leitura para fazer-lhes perguntas como as que seguem.

- Quem já ouviu falar ou conhece alguma das manifestações artísticas citadas no texto?
- O que imaginam que sejam essas manifestações?
- Quem já praticou alguma dessas manifestações artísticas? O que pode relatar sobre essa experiência?
- Além das manifestações citadas no texto, há outra que conhecem ou praticam?

Por meio dessas questões, procure perceber os conhecimentos prévios que eles trazem a respeito da Arte. Se preferir, anote na lousa as palavras-chaves de cada pensamento.

Essa leitura e esses questionamentos podem ser realizados tanto para introduzir a avaliação diagnóstica proposta pela BNRE, quanto **Vamos iniciar** da página 8, quanto em outros momentos do ano letivo.

Outra possibilidade é orientar os estudantes a realizarem a leitura em casa com o auxílio dos seus pais e responsáveis, promovendo um processo de **literacia familiar**.

VIVA A ARTE!



VOCÊS ESTÃO PREPARADOS PARA A INCRÍVEL VIAGEM PELO MUNDO DA ARTE? ENTÃO, APERTEM OS CINTOS E SOLTEM A IMAGINAÇÃO!

POR MEIO DA ARTE AMPLIAMOS A NOSSA MANEIRA DE VER E ENTENDER O MUNDO. A ARTE NOS POSSIBILITA VIAJAR NO TEMPO E CONHECER A CULTURA DE OUTROS POVOS. ELA NOS APROXIMA DE PESSOAS SENSACIONAIS E DE SUAS CRIAÇÕES.

E O MAIS LEGAL É QUE COM A ARTE TAMBÉM PODEMOS SER CRIADORES! QUER SABER COMO? FIQUE ATENTO, POIS ESTA É UMA DAS SURPRESAS DESTA VIAGEM!

UMA BOA VIAGEM PRECISA DE UM ROTEIRO PARA SE PREPARAR, EXPLORAR E EXPERIMENTAR CADA PARADA.



6

ILUSTRAÇÕES: BRENDA BOSSATO

ESTE LIVRO SERÁ SEU GUIA DE VIAGEM.
MAS NÃO SERÁ UM GUIA QUALQUER! NELE,
VOCÊ VAI VER FORMAS SURPREENDENTES, OUVIR
SONS DE ONDE VOCÊ MENOS ESPERA E TAMBÉM VAI
VIRAR DETETIVE SONORO.

ALÉM DE ENCONTRAR PALHAÇOS, FAZER TINTAS
COM PÓ MÁGICO E CALDEIRÃO ENCANTADO, VAI CRIAR
FORMAS COM SEU CORPO. VOCÊ VAI SAIR EM BUSCA
DE PISTAS, QUE REVELARÃO NOVAS DESCOBERTAS. E
TEM MUITO MAIS! VOCÊ VAI SE ADMIRAR: ATÉ OBJETOS
GANHARÃO VIDA!

TUDO ISSO SÓ É POSSÍVEL NO MUNDO DA ARTE!

**SEJA BEM-VINDO
E BOA VIAGEM!**



7

ILUSTRAÇÕES FRAN MATSUMOTO



Sugerimos também a você que não deixe de fazer anotações pessoais nesse e em outros momentos. Assim, ao final do percurso, você poderá retomar com os estudantes os conhecimentos iniciais da turma, comparando-os com os novos conceitos adquiridos no decorrer de cada unidade.

Experienciar a Arte como objeto de conhecimento constrói sentidos e vai aguçar a sensibilidade dos estudantes. Buscamos, desse modo, ampliar a capacidade de percepção, expressão e comunicação das crianças, permitindo-lhes também o desenvolvimento de múltiplas habilidades, de modo que possam considerar a si e aos outros, em diversos contextos.

VAMOS INICIAR

As atividades desta seção podem ser utilizadas como avaliação, contribuindo para o monitoramento da aprendizagem dos estudantes. Veja a seguir algumas orientações que podem auxiliar nesse processo.

1. Objetivo

Avaliar os conhecimentos prévios dos estudantes sobre artistas e tipos de obras artísticas.

Sugestão de intervenção

Caso algum estudante demonstre dificuldade em mencionar artistas e/ou tipos de obra artística, chame a atenção dele para os artistas em destaque na localidade onde vive e para outros que talvez conheça por meio da escola em anos anteriores, da TV ou da internet. Questione sobre o tipo de arte realizada por atores, músicos, dançarinos e demais artistas relacionados ao universo dos estudantes.

Objetivo

Avaliar se os estudantes conhecem e diferenciam as linguagens artísticas: Artes visuais, Dança, Música e Teatro.

Sugestão de intervenção

Garanta aos estudantes que compreendam como devem realizar a atividade, pintando cada quadrinho correspondente às imagens de acordo com a legenda. Caso apresentem dificuldade para fazer a correspondência, analise com eles as imagens e incentive-os a observar os elementos da matéria artística em cada uma delas. Explique-lhes as características básicas que diferenciam as linguagens da Arte, se possível, exemplificando com imagens e vídeos. É importante retomar esse conteúdo ao longo do ano letivo.



VAMOS INICIAR

1. VOCÊ CONHECE ALGUM ARTISTA? QUE TIPO DE OBRA ELE FAZ?
Resposta pessoal de acordo com a vivência do estudante.
2. A ARTE SE MANIFESTA POR MEIO DE DIFERENTES LINGUAGENS. AS IMAGENS A SEGUIR ESTÃO RELACIONADAS A ARTES VISUAIS, DANÇA, MÚSICA E TEATRO. OBSERVE-AS E PINTO O QUADRINHO AO LADO DE CADA UMA DELAS DE ACORDO COM A LEGENDA.



ARTES VISUAIS.



DANÇA.



MÚSICA.



TEATRO.

As legendas das imagens não foram inseridas para não comprometerem a realização da atividade.

A



vermelho



WAVEBEE AKMEDIA / ISTOCK/GETTY IMAGES

C



azul



ANDY FELMON / SHUTTERSTOCK.COM

B



amarelo



WAVEBEE AKMEDIA / SHUTTERSTOCK.COM

D



verde



KORBULARIN / SHUTTERSTOCK.COM

8

PROPOSTA DE ROTEIRO

SEMANA 1

Vamos iniciar

Realização das atividades de avaliação diagnóstica das páginas 8 e 9.

Aula 1

Vamos iniciar

Realização das atividades de avaliação diagnóstica das páginas 10 e 11.

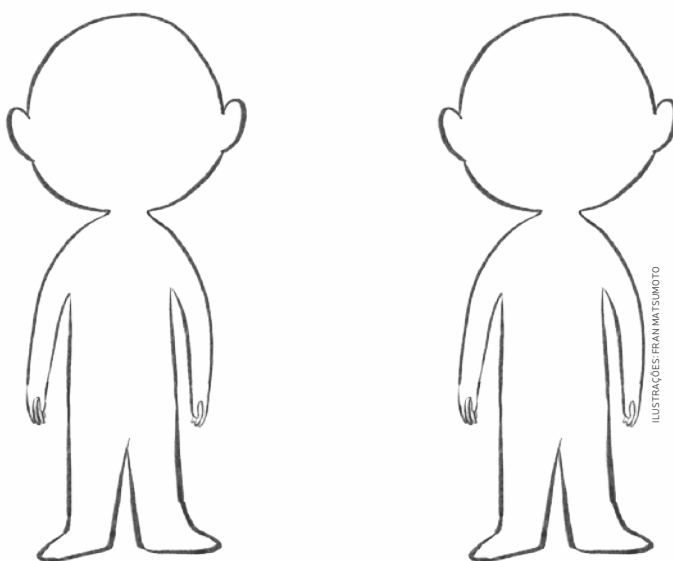
Aula 2

3 e 4: Respostas pessoais. Veja orientações no **Manual do professor**.

- 3.** VOCÊ CONHECE A BRINCADEIRA DE ESTÁTUA? AGORA VAMOS BRINCAR DE ESTÁTUA, SÓ QUE DE UM JEITO DIFERENTE. OUÇA ATENTAMENTE AS INSTRUÇÕES DO PROFESSOR. CUMPRE OS DESAFIOS E DIVIRTA-SE BASTANTE.



- 4.** COMO VOCÊ É? OBSERVE COMO VOCÊ ESTÁ NESTE MOMENTO: CABELO, ROUPA, SAPATOS. NOS CONTORNOS A SEGUIR, DESENHE COM DETALHES COMO VOCÊ É DE FRENTE E DE COSTAS.



ILUSTRAÇÕES: FRAN MATSUMOTO

9

3. Objetivo

Avaliar a percepção e a organização corporal dos estudantes para se equilibrarem em diversas posições.

Sugestão de intervenção

Peça aos estudantes que caminhem pela sala de aula. Informe que, quando você falar “estátua”, todos deverão parar imediatamente e seguir o próximo comando, como “encostar seu joelho em seu cotovelo”. Em seguida, repita a sequência: caminhar, estátua, novo comando (mão no umbigo, mão no pé, entre outros). Caso algum estudante apresente barreiras físicas, emocionais ou relacionais que possam impedir sua participação nesta atividade, crie um ambiente favorável para o envolvimento dele nesse desafio. Para isso, verifique, por exemplo, se ele se sentiria mais à vontade em realizar a proposta em dupla.

4. Objetivo

Avaliar a percepção corporal dos estudantes.

Sugestão de intervenção

Observe se os estudantes comparam a frente e atrás do corpo e se percebem diferenças entre os lados direito e esquerdo, em cima e embaixo. Verifique os detalhes que os estudantes são capazes de desenhar, como: cabelos, umbigo, joelhos, calcanhares e dedos dos pés. Caso algum deles sinta dificuldade em representar as próprias características, incentive-o a observar particularidades, como cor, tipo e comprimento do cabelo e dos dedos das mãos. Se possível, ofereça um espelho para que ele possa conferir a imagem do rosto. Contribua para que a turma crie referências corporais por meio da percepção de diferentes partes do corpo. Essas referências podem favorecer o desenvolvimento do respeito às diferenças e da autoconfiança nos processos de socialização.

5. Objetivo

Avaliar a aproximação dos estudantes com o universo da contação de histórias e o repertório pessoal de histórias fantásticas.

Sugestão de intervenção

É importante observar que, embora na atividade sejam apresentados personagens clássicos da literatura infantil, o foco nesse momento não é avaliar se os estudantes dominam o conteúdo de tais histórias, mas sim se eles associam personagens, cenários ou objetos à contação de histórias de maneira geral. Durante a etapa **a**, observe a prontidão com que eles apontam as figuras e a associação que conseguem fazer entre elas e a narrativa. Pode ser que algum estudante aproxime os personagens a outros repertórios narrativos, oriundos de outras culturas, e não há problema nisso. Incentive-o a contar as histórias que conheça. Independentemente de ele reconhecer os personagens expostos na atividade, esse é um bom momento para você fazer um levantamento do repertório de histórias dos estudantes e perceber em que cultura eles estão inseridos. Ao realizar o item **b**, crie um ambiente favorável para que os mais tímidos se sintam confiantes para se expor diante do grupo. Verifique se eles se sentiriam mais à vontade interagindo com um colega com quem tenham mais afinidade ou em pequenos grupos.

Objetivo

Avaliar se os estudantes revelam elementos da estrutura narrativa em seu espaço de desenho.

Sugestão de intervenção

Verifique se os estudantes conseguem apontar em seus desenhos o que representam o(s) personagem(ns) e se indicam o espaço onde a história acontece, ou seja, se representam no papel os elementos que identificam a história. Analise como eles ocupam o espaço determinado para o desenho e o tamanho das formas que utilizam. Se algum estudante sentir dificuldades para representar a parte de sua história preferida, motive-o a recontar o episódio e ajude-o a elencar os elementos principais que compõem essa cena. Em seguida, incentive-o a fazer o desenho proposto na atividade.

5 e 6: Respostas pessoais. Veja orientações complementares no Manual do professor.

5. A SEGUIR, VOCÊ VAI ENCONTRAR A ILUSTRAÇÃO DE ALGUNS PERSONAGENS.

A) AGORA, CONTORNE TODOS AQUELES QUE LEMBRAM ALGUMA HISTÓRIA QUE VOCÊ CONHECE.

B) ESCOLHA UM PERSONAGEM E CONTE PARA OS COLEGAS A QUAL HISTÓRIA ELE PERTENCE. NARRE SEU MOMENTO PREFERIDO DA HISTÓRIA.



FOTOS: SHARON DESIGN / SHUTTERSTOCK.COM

6. PENSE NA HISTÓRIA QUE VOCÊ MAIS GOSTOU DE OUVIR NA SUA VIDA! DEPOIS, EM UMA FOLHA DE PAPEL, DESENHE UMA CENA DESSA HISTÓRIA.

10

PNA

No item **b** da atividade **5**, ao propor aos estudantes que contem aos colegas a qual história pertence o personagem escolhido e ao narrar o momento preferido da história, é promovido o **desenvolvimento de vocabulário**.

Veja orientações no **Manual do professor**.

7. OBSERVE AS IMAGENS A SEGUIR E CONTORNE APENAS AS QUE CORRESPONDEM A INSTRUMENTOS MUSICAIS.



● SANFONA.



● BICHO DE PELÚCIA.



● PIANO.



● VIOLÃO.



● TROMPETE.



● TAMBOR.



● RELÓGIO.



● PENTE



● BERIMBAU.



● TUBA.



● BICICLETA.

8. AGORA, VAMOS FAZER UMA BRINCADEIRA! Respostas pessoais.

- A) QUANDO O PROFESSOR FALAR FORTE, CADA ESTUDANTE PRODUZIRÁ UM SOM FORTE.**
- B) QUANDO O PROFESSOR DISSER FRACO, SERÁ A VEZ DE PRODUZIR UM SOM FRACO.**
- C) VALE USAR O CORPO, OBJETOS OU INSTRUMENTOS DA SALA PARA SUA PRODUÇÃO SONORA.**

7. Objetivo

Avaliar se os estudantes são capazes de identificar as imagens que representam instrumentos musicais.

Sugestão de intervenção

Verifique o que os estudantes conhecem sobre instrumentos musicais. Questione-os durante a realização da atividade: “Por que você contornou esse objeto?”; “Você sabe o nome dele?”; “Você conhece o som que ele faz?”; “Consegue reproduzir esse som?”. Pode ser que alguns deles não conheçam os instrumentos apresentados na atividade, assim, se possível, mostre-lhes imagens ou vídeos de pessoas tocando esses instrumentos para que comecem a se familiarizar com esse repertório.

8. Objetivo

Avaliar se os estudantes são capazes de diferenciar e representar sons fracos e fortes.

Sugestão de intervenção

Ao seguir as orientações dos itens **a, b e c**, auxilie quem tiver dificuldade em eleger objetos ou partes do próprio corpo para produzir sons, chamando a atenção da turma para os materiais escolares usados no dia a dia, para os objetos da sala de aula e para as diversas possibilidades de produção de sons corporais, como palmas, estalos com os dedos e batidas de pés.

Caso algum estudante demonstre dificuldade em diferenciar e/ou representar sons fracos e fortes, dê exemplos sonoros para que ele possa ter referências a respeito desse parâmetro do som.

COMO DESENVOLVER ALGUNS TIPOS DE ATIVIDADES

As Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) apontam que a avaliação é um processo educacional contínuo e cumulativo. Além disso, o mapeamento das dificuldades dos estudantes deve ter o objetivo de investir no desenvolvimento de habilidades não consolidadas por eles e, nesse sentido, a avaliação diagnóstica não precisa estar atrelada somente ao início do ano letivo. Pelo contrário, é uma ferramenta essencial para indicar pontos de atenção e averiguar a necessidade de reformular as estratégias de condução e de remediação, não devendo ficar limitada a instrumentos tradicionais.

Pensando nisso, além da seção **Vamos iniciar**, apresentamos a seguir algumas propostas que podem ser planejadas como alternativas de avaliação diagnóstica no início do ano letivo ou em momentos oportunos, previamente definidos, de introdução e desenvolvimento de conteúdos novos.

● ATIVIDADES EM GRUPO

Em sala de aula, a interação em grupos permite a comunicação e a troca de ideias, além de possibilitar a observação sobre a habilidade de argumentação e de organização das informações. Em uma dinâmica diagnóstica, o professor pode verificar qual integrante domina melhor o assunto e quais deles são mais cooperativos. Para isso, durante as atividades em grupo, o professor tem as funções de acompanhar, atender, avaliar o empenho e a cooperação dos estudantes e intermediar, se for o caso.

Dicas importantes: procure, sempre que possível, formar equipes heterogêneas, nas quais haja estudantes com diferentes habilidades e níveis de aprendizagem, proporcionando o convívio entre estudantes que naturalmente não se relacionariam por falta de afinidade ou oportunidade. Planeje o momento do trabalho em grupo com eles, definindo as metas, a divisão das tarefas, os registros de execução e a autoavaliação individual e coletiva. É importante que respondam a perguntas, como: “Conseguimos atingir os nossos objetivos?”; “O que foi mais difícil de fazer?”; “Todos cooperaram com o grupo durante as atividades?”; “Algo poderia ter ocorrido de outra maneira?”; “O que podemos fazer para que a próxima atividade seja melhor?”. As respostas a essas e outras questões podem nortear a continuidade da aprendizagem.

● PESQUISA

A pesquisa pode ser a base para diversas outras atividades, como a produção escrita de uma reportagem ou notícia sobre determinado tema, a produção de um anúncio publicitário ou a apresentação de um seminário. De modo geral, a pesquisa está cotidianamente presente, uma vez que exerce função inerente ao desenvolvimento da ciência, aos avanços tecnológicos e ao progresso intelectual de um indivíduo. Pode ser solicitada como marco diagnóstico ou somativo.

De modo geral, uma pesquisa obedece à seguinte ordem de etapas: definição do tema, planejamento, execução, análise dos dados, elaboração do texto, finalização do trabalho e apresentação.

Dicas importantes: oriente os estudantes delimitando os objetivos esperados, os prazos, a definição das tarefas individuais ou coletivas, a seleção das informações mais adequadas e o uso consciente das fontes de pesquisa. Acompanhe todo o processo e crie neles o hábito de gerar uma primeira versão do texto para ser validada, seguindo determinada ordem lógica com introdução, desenvolvimento e conclusão. Em uma pesquisa mais elaborada, para a versão final escrita pode ser solicitada uma estrutura com capa, sumário, imagens (se houver), referências bibliográficas e anexos. A apresentação pode ocorrer de diversas maneiras, como em seminário ou feira escolar.

● FEIRA ESCOLAR

O propósito de uma feira escolar é mostrar ao público o que foi abordado e pesquisado sobre determinado tema. Nela, promovem-se o diálogo entre os componentes curriculares e a interação entre estudantes, professores e comunidade.

Os tipos de feira podem variar. Há feiras de Ciências, de diversidade cultural, de profissões, de esportes olímpicos, literária, gastronômica, musical etc. Geralmente, trata-se de um projeto cujo planejamento pode ser semestral ou anual, pois demanda tempo para pesquisar e produzir o material que será exposto, entre outros elementos que podem complementar a feira. Porém, o professor pode optar por temas menos elaborados, dando conta de levantar elementos diagnósticos a respeito de assuntos trabalhados no ano anterior ou de conteúdos que exponham os conhecimentos prévios dos estudantes para o próximo tópico.

Dicas importantes: nesse tipo de atividade, o interesse da turma é aspecto imprescindível para o trabalho. Por esse motivo, é interessante que o tema seja escolhido de comum acordo com os estudantes, de modo que seja prazeroso e curioso para eles. Com a ajuda de todos, devem ser listados os materiais necessários para uso no dia do evento e as estratégias de divulgação, além de planejar e ensaiar com antecedência as apresentações e testar os possíveis experimentos que serão apresentados.

Objetivos da unidade

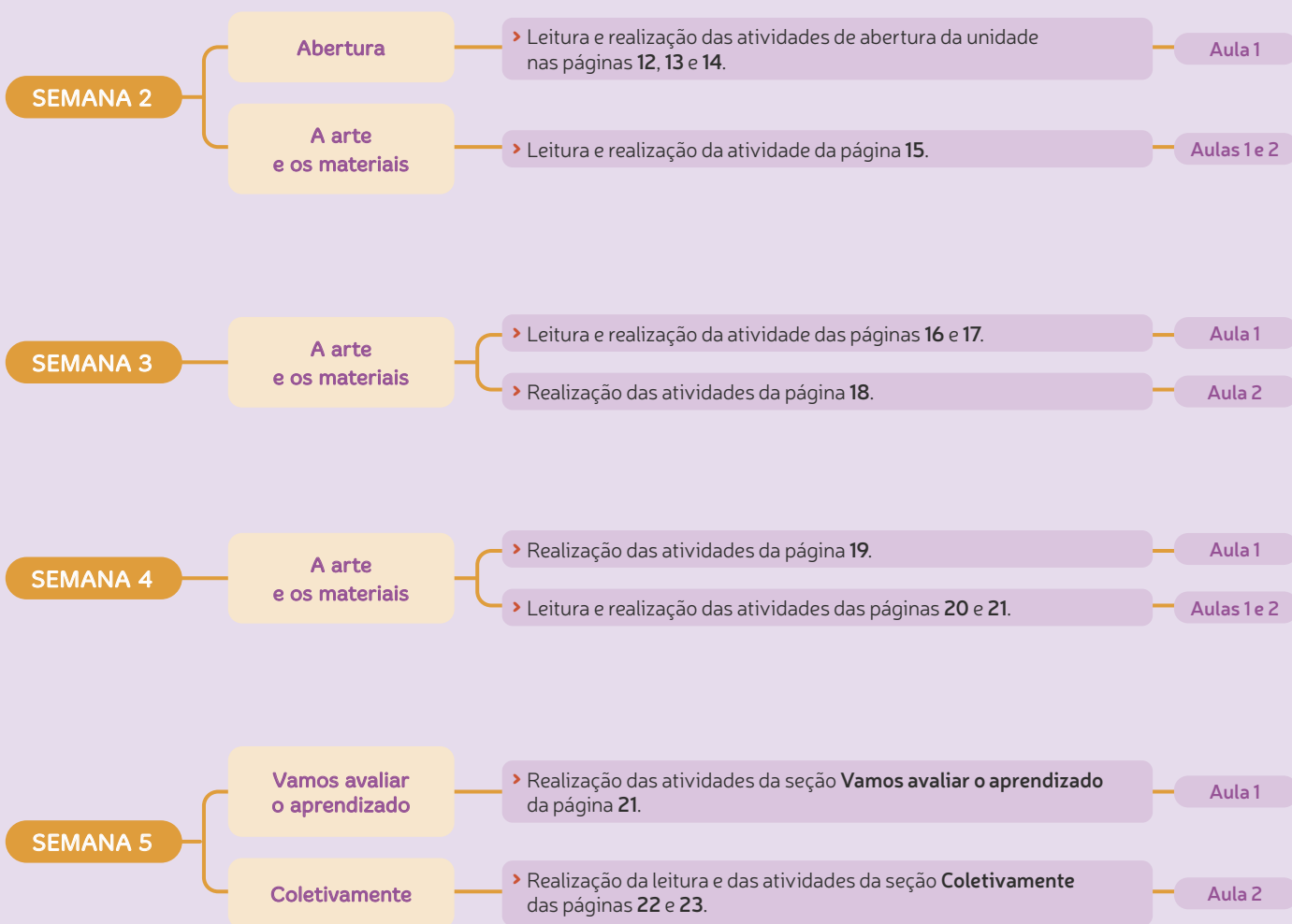
- Identificar e descrever diferentes materiais que podem ser usados em uma obra de arte.
- Conhecer diferentes artistas e variedades de materiais usados na Arte.
- Experimentar diferentes materialidades e suportes nas práticas artísticas.
- Investigar a relação entre materiais e materialidades diversas, bem como seus efeitos no processo de criação.
- Compartilhar e refletir tanto sobre seus processos criativos quanto sobre as escolhas de materiais empregados em suas criações.

O tema desta unidade é a investigação e a experimentação dos diferentes materiais que podem ser usados em uma produção artística. Para isso, foram escolhidas diferentes obras, artistas e processos de criação que dialogam com o tema **materialidade**. A unidade inicia com o artista holandês Berndnaut Smilde e o brasileiro Vik Muniz, mostrando como ambos utilizam de materiais e técnicas diferentes para abordar um tema próximo ao universo infantil: as nuvens no céu. É por meio desse primeiro contato que os estudantes vão vivenciar experiências de coletar e manipular materialidades diversas. Esse tema da nuvem posteriormente será aprofundado pelo traba-

lho da ilustradora Paula Modenesi, por meio do qual os estudantes poderão experimentar ludicamente a prática do desenho. Nessa experimentação, poderão trabalhar a relação entre imagens reais e imaginárias.

Na seção **Artista em destaque**, o trabalho de Vik Muniz é retomado para mostrar como o artista se apropria de objetos cotidianos para estabelecer diálogos com outras obras e artistas. Por fim, na seção **Coletivamente**, é apresentado o trabalho de Khalil Chishte como forma de se refletir sobre os problemas ambientais causados pelo lixo, bem como a utilização de lixo reciclável como material para a produção artística.

PROPOSTA DE ROTEIRO



SUGESTÃO DE ESTRATÉGIA INICIAL

Para promovermos todas essas possibilidades de diálogo com a Arte, tomaremos como ponto de partida algumas formas familiares a qualquer pessoa: as das nuvens. Dessa maneira, ao explorar diferentes formas de nuvens, serão promovidas tanto a ampliação do repertório imagético dos estudantes quanto a experimentação de materiais e técnicas.

Logo no início, apresentaremos uma obra que nos permite refletir sobre a materialidade que está sempre envolvida no processo de criação artística. Convide os estudantes a essa reflexão, recorrendo a perguntas disparadoras: “Como é feita uma obra de arte?”; “Quais técnicas os artistas utilizam para criar suas obras?”.

Permita que elaborem suas hipóteses e que as compartilhem uns com os outros. Durante esses momentos de socialização, é interessante que você registre essas hipóteses. Essa prática não apenas vai auxiliá-lo na avaliação dos estudantes, mas também fornecerá subsídios para que, ao longo desta unidade, você elabore outros questionamentos para incentivar a turma.

O tema desta unidade é a investigação dos diferentes materiais que podem ser usados em uma produção artística. Convide para que os estudantes observem um fenômeno atmosférico em lugares nos quais ele geralmente não é encontrado pode instigar a curiosidade, permitindo ampliar a concepção do que é Arte.

UNIDADE

1

OS MATERIAIS E AS EXPERIÊNCIAS ARTÍSTICAS



FOTOGRAFIAS DA SÉRIE NIMBUS, DE BERND NAUT SMILDE. 2013.

12

Esta imagem é um instrumento interessante para despertar a curiosidade dos estudantes sobre o evento que se apresenta: uma nuvem que não está no céu, e sim em um espaço interno, bem próximo ao chão. Por meio das perguntas presentes na página, provoque os estudantes a refletirem sobre a materialidade da nuvem apresentada na fotografia, assim como a respeito dos possíveis processos de construção dessa obra pelo artista.

BNCC E PNA

Esta unidade tem como objetivo sensibilizar os estudantes por meio de imagens que causem estranhamento e reflexão, apresentando obras de arte realizadas com materiais incomuns em produções artísticas. Desse modo, pretende-se desenvolver a habilidade **EF15AR01**.

Além disso, ela pretende oferecer a esses estudantes ocasiões em que possam experienciar os aspectos lúdicos da produção artística, incentivar a percepção e ressignificar os espaços para a Arte. Dessa maneira, ao recorrer à ludicidade e à experiência do uso de diversos materiais, possibilita-se aos estudantes que desenvolvam a **Competência específica de Arte 4**.

Ao longo desta unidade, os estudantes terão várias oportunidades para refletir sobre seu próprio processo, expor suas considerações a respeito dos assuntos abordados e também para compartilhar experiências sobre as práticas propostas. Nesses momentos, por meio da socialização e argumentação com os colegas, é explorado o componente **desenvolvimento de vocabulário**.

MUITOS MATERIAIS E MUITAS EXPERIÊNCIAS ARTÍSTICAS! VAMOS DESCOBRIR AGORA COMO PODEMOS UTILIZAR DIFERENTES MATERIAIS PARA CRIAR ARTE!

Respostas pessoais. Veja orientações complementares no **Manual do professor**.

- A** COMO SERÁ QUE ESSA NUVEM FOI PARAR NESSE LUGAR?
- B** DO QUE SERÁ QUE ELA É FEITA? SERÁ QUE É DO MESMO MATERIAL QUE UMA NUVEM DO CÉU?
- C** SE VOCÊ FOSSE CRIAR A SUA NUVEM, DO QUE ELA SERIA FEITA?



FOTO: SONIC MUGALLERY, LONDRES, BERND NAUT SMILDE
CORTESIA DA ARTISTA LISA ROSSEN GALLERY

13

- Usando um borrifador de água e uma máquina de fumaça, Berndnaut Smilde recria na obra **Nimbus** o elemento físico da nuvem. Em uma sala climatizada, o artista controla a umidade do ar, a temperatura e a luminosidade do ambiente. Como essa nuvem dura pouco tempo, Smilde precisa registrá-la em fotografias. Portanto, a composição acontece em dois momentos: no instante da experiência em si, quando a nuvem se constitui, e durante o registro fotográfico, por meio do qual podemos ter contato com a obra. É importante ressaltar para os estudantes que não teríamos acesso a ela sem esse registro, a não ser que estivéssemos lá durante os momentos de criação da nuvem pelo artista.
- Assim, uma sugestão de aprofundamento das questões propostas no **Livro do estudante** é chamar a atenção dos estudantes para a importância da Fotografia nesse trabalho. Sem o registro fotográfico, como poderíamos fruir uma obra como **Nimbus**?
- Antes de fornecer as respostas, escute as hipóteses dos estudantes e procure registrá-las para uso posterior. Esse material será importante no momento de avaliação de cada estudante, bem como para avaliar sua própria prática. É importante que, ao final das respostas, esteja claro para os estudantes que a obra **Nimbus** é o registro fotográfico da nuvem, e não a nuvem em si!

Orientações complementares

- a) Durante o debate, use a pergunta para explorar a estranheza causada pela presença de uma nuvem em um local fechado e próximo ao chão. Além disso, você pode incentivar a discussão com a seguinte pergunta: "Quanto tempo será que essa nuvem permaneceu naquele lugar?". Graças à forma física e fugidia dessa nuvem que foi registrada por uma câmera fotográfica, você poderá introduzir conceitos de efemeridade na Arte.
- b) Nesse momento de socialização, leve os estudantes a perceberem os elementos da imagem, para que busquem imaginar como essa instalação foi feita. Depois de debaterem suas opiniões, informe que Smilde trabalha com fumaça e vapor de água para criar suas nuvens em ambientes fechados. Em vista desses processos utilizados pelo artista para controlar a formação das nuvens, você pode propor uma integração com o componente curricular **Ciências**.
- c) Nesse debate, o que se pretende é incentivar os estudantes a refletirem tanto sobre os materiais que podem ser usados por eles em suas criações quanto sobre os efeitos que pretendem atingir com o uso desses materiais nas próprias obras. Ao longo do debate suscitado por essa pergunta, explore as percepções que os estudantes têm a respeito da materialidade dos elementos mencionados por eles, pois cada substância apresenta suas próprias características.

- A atividade 1 visa provocar a leitura da imagem da obra de Vik Muniz, instigando a imaginação, bem como a percepção apurada da materialidade e de seus efeitos tanto em nosso olhar quanto em nossos afetos. Vamos experienciar de que forma a memória tátil, por intermédio da materialidade, influencia na memória visual, e vice-versa.
 - Em diálogo com a atividade anterior, apresentamos uma imagem da série **Equivalentes**, do artista Vik Muniz. Nesta série, o artista reflete sobre a maneira como olhamos e percebemos as coisas que estão presentes em nosso cotidiano, como as nuvens no céu. A maioria das pessoas enxerga nelas algumas formas que já conhece, tais como dinossauros, peixes, coelhos etc.
 - O artista brinca com a percepção do espectador, que participa ativamente da construção de sentidos da obra ao basear seu contato com ela em tentativas de interpretação que se amparam em referências de seu próprio imaginário.
- O trabalho de Vik Muniz jamais desconsidera a importância da materialidade em suas obras. Naquelas que integram a série **Equivalentes**, por exemplo, podemos perceber os vínculos entre a sensação de maciez da nuvem e do algodão, além de reconhecer códigos visuais e memórias afetivas.
- A percepção é um fator importante na construção dessa obra, já que, a partir do momento em que reconhecemos os pedaços sólidos de algodão, nossa memória tátil e visual nos leva a uma percepção menos fluida da nuvem. As obras dessa série podem promover percepções no espectador, o qual, ao se dar conta de que elas se compõem de algodão, dificilmente voltará a enxergar nelas uma nuvem.

A ARTE E OS MATERIAIS

OS ARTISTAS USAM MUITOS MATERIAIS PARA CRIAR SUAS OBRAS. NAS PÁGINAS DE ABERTURA DESTA UNIDADE, POR EXEMPLO, VIMOS A FOTOGRAFIA DA OBRA **NIMBUS**, CRIADA PELO ARTISTA HOLANDÊS BERND NAUT SMILDE (1978-). ESSA OBRA FOI FEITA COM VAPOR DE ÁGUA.

AGORA, OBSERVE A IMAGEM A SEGUIR.



● **EQUIVALENTES**, DE VIK MUNIZ. FOTOGRAFIA. 1993.



1 O QUE VOCÊ VÊ NESSA IMAGEM?

Resposta pessoal. Veja orientações complementares no **Manual do professor**.

NESSA OBRA, O ARTISTA VIK MUNIZ (1961-) FEZ UMA BRINCADEIRA ASSOCIANDO A MACIEZ DO ALGODÃO COM A APARÊNCIA DAS NUVENS E AS MUITAS FIGURAS QUE PODEMOS IMAGINAR OLHANDO PARA O CÉU.

14

BNCC

Na atividade 1, os estudantes devem observar a imagem presente na página e definir com o que ela se parece. Oriente-os na observação de detalhes que possam aproximá-los das variadas interpretações possíveis. Trata-se de um gato, uma nuvem, um pedaço de algodão? As hipóteses levantadas pelos estudantes podem ser fonte de ampliação dos conhecimentos sobre a Arte. Experienciando a ludicidade, a percepção e a imaginação, eles vão desenvolver a **Competência específica de Arte 4**.

Orientações complementares

1. Incentive os estudantes a perceber que essa obra surge do hábito de visualizar imagens nas nuvens e que a obra trabalha características das Artes visuais, como a representação, tanto na construção das imagens no algodão e a identificação de formas quanto no registro fotográfico. Assim como já havia ocorrido em **Nimbus**, a fotografia é a obra aqui, e não a forma do algodão.

Se possível, oriente os estudantes a desenhar em seus cadernos a imagem que identificarem na obra de Vik Muniz, alimentando o vocabulário imagético deles.

2 AGORA, DESCUBRA MATERIAIS PARA CRIAR SUAS PRÓPRIAS FIGURAS!

A) FAÇA UMA COLETA DE MATERIAIS DIVERSOS. VEJA ALGUNS EXEMPLOS.



● ALGODÃO.



● COLA.



● LÃ.



● BARBANTE.



● ESPONJA DE AÇO.



● FOLHAS.



● PAPELÃO.



● GRAVETOS.



● PEDRAS.

B) EXPERIMENTE DIFERENTES MANEIRAS DE MANUSEAR ESSES MATERIAIS. OBSERVE O QUE PODE SURTIR DESSA EXPERIÊNCIA.



COM OS MATERIAIS SELECIONADOS, EXPERIMENTE AMASSAR, DOBRAR, COLAR, ENCAIXAR, ENROLAR, PINTAR, AMARRAR, ENTRE OUTRAS AÇÕES. SÃO MUITAS AS POSSIBILIDADES DE EXPERIMENTAÇÃO!

C) MOSTRE AOS COLEGAS O QUE VOCÊ FEZ. VIU COMO CADA UM TEM SEU JEITO DE CRIAR? *Resposta pessoal.*

15

- Para apresentar a atividade 2, sugerimos a você que leve materiais com características variadas, para despertar o olhar atento dos estudantes às peculiaridades de cada matéria-prima. Incentive-os a experimentar esses materiais, seja por meio do toque, seja pela observação de sua cor, textura e aroma. Isso tudo para que, na hora da coleta, eles escolham a materialidade que mais lhes interessa.
- Sugerimos a você que faça perguntas, provocando neles a percepção de diferenças entre os materiais, bem como a previsão do que pode resultar da combinação entre eles. Busque incentivar nos estudantes uma postura de atenção à materialidade durante o processo criativo.
- Os materiais apresentados no item A são apenas exemplos, e há muitos outros que podem ser providenciados antecipadamente por você ou coletados pelos estudantes. Recomendamos que a coleta seja feita nos espaços ao redor da escola. Incentive-os a explorar os materiais (amassando-os, dobrando-os, enrolando-os ou amarrando-os, por exemplo), para que se criem novas formas, assim como fez Vik Muniz, experimentando a proposta do item B.
- Ainda sobre a etapa B, para estudantes do 1º ano, pode ser difícil estruturar esses materiais tridimensionalmente. Nesse caso, eles podem fazer de maneira bidimensional, sobre uma mesa. Ao fim da atividade, vocês podem, ainda, realizar um inventário dos materiais utilizados.

AVALIANDO

Objetivo

- Avaliar como os estudantes se apropriaram da experiência com diferentes materialidades.

Sugestão de intervenção

Ao promover o momento de compartilhamento e debate proposto na etapa C, faça perguntas pessoais e orais sobre o processo que realizaram. Os estudantes procuraram se familiarizar com os materiais e escolher uma variedade deles para experimentação ou permaneceram restritos aos que já eram mais conhecidos? Conseguiram justificar suas escolhas por meio de argumentos? Quais foram as dificuldades e os avanços enfrentados por eles na construção tridimensional? Caso verifique que eles têm dificuldades em falar de suas experiências, faça perguntas mais direcionadas a cada um, tendo as produções deles como base. Por exemplo: “Que material você experimentou para fazer essa obra?”; “O que você fez com esse material?”; “Como você fez para ele chegar a esse formato?”. Busque incentivar todos a falar e compartilhar suas experiências.

BNCC

As explorações propostas incentivam a percepção dos estudantes a respeito das diferentes materialidades e de como estas influenciam no processo criativo. Valorizando a experimentação, o diálogo e o compartilhamento entre os colegas, esta atividade permite aos estudantes que desenvolvam as habilidades EF15AR04, EF15AR05 e EF15AR06.

► Na atividade 3, propomos incentivar nos estudantes a percepção de que é possível criar com base na observação da natureza e do entorno, e de que todo espaço é um espaço de criação. Para isso, peça aos estudantes que observem a obra da ilustradora Paula Modenesi, explicando que ela constrói sobreposições de desenhos e formas com base no que observa em uma fotografia de nuvens. Desse modo, o desenho parte da observação e do repertório imagético da artista. Assim, esta atividade permite avaliar quais são os conhecimentos prévios dos estudantes e qual é seu repertório imagético.

► Levando em consideração os trabalhos de Vik Muniz e de Paula Modenesi, é importante elucidar para os estudantes que a criação não nasce do vazio: para criar, sempre temos um ponto de partida. Assim, pode-se dizer que qualquer invenção é fruto de diferentes incentivos. Por meio da questão apresentada na atividade 3, é possível instigar os estudantes a buscar elementos para a criação no mundo à sua volta, na natureza, nos objetos.

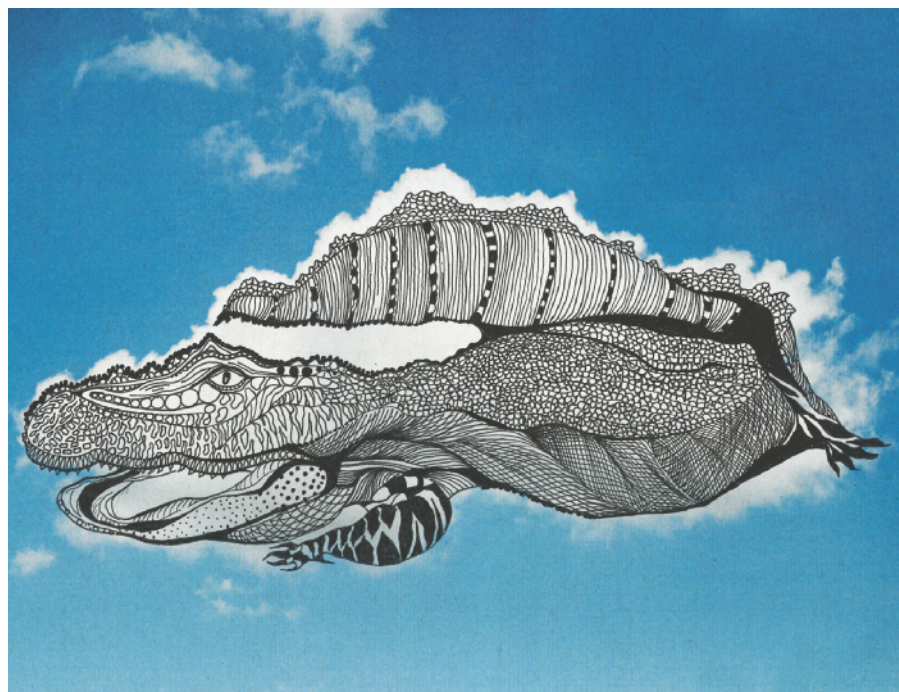
Como atividade complementar para sensibilizar os estudantes e exercitar a capacidade de observação deles, sugerimos uma brincadeira de procurar figuras nas constelações.

Comece com uma contação de história, por exemplo, sobre a Ursa Maior (ou outra de sua preferência), mostre imagens dessa constelação tal como enxergamos e pergunte se eles conseguem reconhecer nela o formato de uma ursa. Em seguida, compartilhe com eles uma imagem lúdica, na qual as estrelas estejam ligadas umas às outras por traços ou até mesmo sobrepostas a uma sombra de ursa no céu. É possível realizar esta atividade com variados recursos que estiverem disponíveis.

ALÉM DE BUSCAR DIVERSOS MATERIAIS PARA CRIAR, PODEMOS OBSERVAR O MUNDO À NOSSA VOLTA, PROCURANDO NOVAS FIGURAS, FORMAS SURPREENDENTES E MUITO MAIS! ASSIM, PODEMOS VER E SENTIR O MUNDO DE OUTRAS MANEIRAS.

AO OBSERVAR AS NUVENS DO CÉU, A ILUSTRADORA BRASILEIRA PAULA MODENESI (1971-) PERCEBEU FORMAS CURIOSAS.

VEJA COMO ELA CRIOU ESTA OBRA.



FOTOS PAULA MODENESI

● REPTILIANA, DE PAULA MODENESI. ILUSTRAÇÃO SOBRE FOTOGRAFIA, 2020.



3 VOCÊ COSTUMA VER FORMAS NAS NUVENS AO OBSERVAR O CÉU? QUAIS IMAGENS VOCÊ JÁ VIU?

Resposta pessoal. Veja orientações complementares no Manual do professor.

16

Orientações complementares

3. Por meio das respostas dos estudantes, use esta questão como uma transição para a atividade seguinte. Caso eles respondam que não costumam observar imagens nas nuvens, pergunte-lhes por que não e incentive-os a compartilhar suas respostas. É importante despertar nos estudantes um estado de atenção para o que nos cerca. Esse exercício contínuo de um olhar atento ao que está à nossa volta será indispensável para o trabalho a ser desenvolvido com eles, já que o direcionamento do olhar é uma competência essencial no fazer artístico.

4 VAMOS BRINCAR DE VER FORMAS NAS NUVENS TAMBÉM? EXPERIMENTE CRIAR DESENHOS SOBRE AS NUVENS A SEGUIR.

Resposta pessoal. Veja, no **Manual do professor**, mais informações sobre esta atividade.



KAY CELENS AND FOOTAGES/SHUTTERSTOCK.COM

● NUVENS NO CÉU.

17

- Você pode sugerir aos estudantes que tracem linhas diretamente na imagem fotográfica ou também pode oferecer papéis com transparência para trabalhar com sobreposição de imagens. Essa opção é interessante porque eles podem criar mais de uma opção de imagem e brincar com as múltiplas percepções e reconhecimento de padrões com base em uma mesma nuvem.
- Para o desenho, sugerimos a você que ofereça lápis grafite ou riscadores pretos, porque o foco dessa experiência é a observação e o traço, e as diferentes cores podem dispersar os estudantes para outras explorações.
- Cada criança inventa seus modos de representar. Por isso, é importante encorajar diferentes perspectivas do olhar delas, deixando para trás estereótipos muito difundidos entre as pessoas, tais como a crença de que há maneiras de “desenhar bem”, a qual geralmente está associada a representações que espelham mais fielmente a realidade que nos cerca. Um desenho, no entanto, diz respeito à invenção de uma nova realidade, tanto quando busca representar algo que tem existência material como quando busca conferir concretude à imaginação. Trata-se de uma das linguagens mais potentes da infância, pois o desejo de materializar algo que é virtual, como o pensamento, corresponde a um complexo processo de aprendizagem, que certamente se refletirá no aprendizado dos estudantes em outras áreas.

AVALIANDO

Objetivo

- Avaliar se os estudantes se apropriaram do processo, investigando ludicamente a criação de desenhos com base na imagem.

Sugestão de intervenção

Incentive os estudantes a compartilhar seus trabalhos entre si. Busque verificar questões, como: O estudante conseguiu perceber e utilizar as formas sugeridas pelas nuvens? Ou apenas desenhou algo que não estava relacionado com a fotografia?; Sentiu dificuldade em perceber figuras concretas com base na imagem abstrata da nuvem?; Perceba como os estudantes se comportam diante da necessidade de ver algo concreto na abstração e faça interferências, conversando com quem apresenta mais dificuldades e explicando que é possível usar a imaginação, provocando-os a experimentar algo diferente do que é mais “concreto” e óbvio.

Se julgar necessário, traga mais imagens de nuvens para que eles possam refazer e aprofundar a experiência.

BNCC

Na realização da atividade 4, ao imaginar figuras conhecidas nas nuvens, explorando os elementos constitutivos das Artes visuais, como forma e linha, e o desenho como forma de expressão, os estudantes vão desenvolver as habilidades **EF15AR02** e **EF15AR04**.

SUGESTÃO DE ESTRATÉGIA INICIAL

Se possível, escolha um lugar onde os estudantes possam observar tranquilamente o céu. Reforce a intencionalidade dessa prática e a importância do direcionamento do olhar para que ela aconteça. Permita que conversem uns com os outros, compartilhando o que estão vendo. Ao proceder dessa forma, você terá criado uma ambientação adequada para a realização da atividade proposta. Quando julgar oportuno, convide-os a desenhar o que estão observando, dando prosseguimento à atividade **A**.

➤ Incentive os estudantes a observarem os movimentos das nuvens e a percepção das diferentes formas: há nuvens em que percebemos massas bem definidas, mas há outras que são mais fragmentadas e, dependendo de como as olhamos, elas parecem uma só ou várias pequenas nuvens fragmentadas no céu.

Sugerimos algumas perguntas disparadoras para auxiliar na atenção do olhar, tais como: “A nuvem está inteira preenchida ou há espaços em que é possível ver o azul do céu?”. Uma vez feitas, permita aos estudantes que exponham suas ideias e criem outras conexões com base no que estão observando. A fala de um pode despertar a atenção do outro para os detalhes da sua “própria” nuvem.

Caso não seja possível observar as nuvens, a atividade **A** pode ser orientada em sala e realizada em casa. Nesse caso, não se esqueça de avisar previamente os responsáveis.

A) AGORA, QUE TAL IR ATÉ O PÁTIO DA ESCOLA E OBSERVAR O CÉU? ESCOLHA UMA NUVEM BEM BACANA E, COM BASE NELA, CRIE SEU DESENHO.

A) Para esta atividade, incentive os estudantes a observar o formato de cada nuvem e a dizer o que eles veem. Auxilie-os a encontrar várias possibilidades de desenho, instigando neles tanto a imaginação quanto a capacidade de perceber detalhes.

B) Nesse momento coletivo, sugerimos a formação de pequenos grupos. Oriente os estudantes a mostrar seus desenhos uns para os outros e a observar como diferentes pessoas podem perceber e criar imagens diversificadas e únicas.



B) COMPARTILHE SEUS TRABALHOS COM OS COLEGAS. QUAIS FORMAS DIFERENTES VOCÊS DESCOBRIRAM?

18

➤ Ao iniciar a etapa **B**, para compartilhar o desenho e a experiência, sugerimos a você que organize uma roda de conversa com os estudantes, na qual cada um possa mostrar seu desenho aos demais e contar-lhes as estratégias que inventou para representar a nuvem. Ao fim desta atividade, chame a atenção dos estudantes para o fato de cada pessoa ter sua própria imaginação visual e que, por isso mesmo, inventou modos particulares de representar o que havia observado.

ATIVIDADE EXTRA**Materiais necessários**

➤ Riscadores diversos, como lápis grafite, giz de cera, lápis aquarela etc.

Passo a passo

- Após a observação dos interesses dos estudantes, você pode sugerir-lhes várias técnicas para o desenho, tais como fazer uma mancha com lápis grafite no tamanho e volume aproximado da nuvem que deseja representar ou então fazer o contorno do desenho com a borracha, deixando as bordas da nuvem mais suaves.
- São muitas as técnicas e possibilidades para a realização desta atividade. Escolha a de sua preferência, mas não deixe de provocar nos estudantes a percepção da diferença entre massa/volume e desenho de contorno. Tome como base as produções dos próprios estudantes para apresentar e aprofundar as técnicas de sua escolha.
- Ao final, verifique se os estudantes conseguiram perceber a diferença entre volume e contorno. Conseguiram uma variedade de formas ou apenas formas estereotipadas de nuvens? Use perguntas provocativas, por exemplo, pedindo que expliquem seus desenhos, como disparadoras significativas para a autorreflexão.

- 5** AGORA, VAMOS CRIAR NOSSAS PRÓPRIAS NUVENS E DESENHAR SOBRE ELAS. *Resposta pessoal. Veja orientações no Manual do professor.*

MATERIAIS NECESSÁRIOS

- ESPONJAS
- LÁPIS DE COR
- GRAFITE
- TINTAS GUACHE DE CORES VARIADAS
- PAPEL KRAFT
- CANETAS HIDROCOR
- JORNAIS
- VASILHAS

- A)** PRIMEIRO, FORREM COM JORNAL AS CARTEIRAS DA SALA DE AULA. DEPOIS, PEGUEM O PAPEL KRAFT E OS DEMAIS MATERIAIS QUE VOCÊS VÃO USAR.



- B)** ESPALHEM TINTAS SOBRE AS ESPONJAS E, COM ELAS, FAÇAM MANCHAS NA FOLHA DE PAPEL KRAFT.



- C)** QUANDO A TINTA SECAR, UTILIZEM OS DEMAIS MATERIAIS PARA DESENHAR SOBRE AS MANCHAS.



- QUANDO TUDO ESTIVER PRONTO, EXPONHAM O TRABALHO FEITO POR VOCÊS.

19

- Nesta atividade, ao iniciar a etapa **A**, é relevante atentar à organização do espaço de trabalho, pois se trata de conteúdo procedimental que pode ser discutido com os estudantes. É importante torná-los corresponsáveis pela organização do espaço: Como vão se organizar na hora de pintar?; Utilizarão pratos individuais ou compartilhados?; Nesse último caso, como farão para que as tintas não se misturem no prato, mas sim na folha?
- Sugerimos a você que faça combinados coletivos com os estudantes, para que sejam demonstradas a importância de criar uma ambientação e métodos de trabalho; de estruturar o espaço de produção; de desenvolverem estratégias e habilidades; e, finalmente, de aprender a fazer por meio das técnicas.
- As esponjas podem ser reutilizadas, bastando lavá-las bem e secá-las. Dessa forma, os estudantes terão mais possibilidades de texturas e farão a reutilização do material.
- Ao iniciar a etapa **B**, auxilie os estudantes na técnica do esponjado, explicando que podem usar mais ou menos tinta, deixando as formas mais rarefeitas ou densas.
- Lembre-se de que os materiais indicados na página são apenas sugestões. Isso significa que você pode alterá-los de acordo com os recursos que estiverem a seu alcance. Se na sua escola, por exemplo, não houver guache de cores variadas, use as que estão disponíveis. Outra possibilidade é que, em uma aula anterior à desta atividade, você organize uma aula para produzir tinta com os estudantes. É possível encontrar, na internet, diversas receitas de tintas caseiras, produzidas com pigmentos extraídos de vegetais.

BNCC

A atividade **5** visa experimentar, de maneira coletiva, diferentes materialidades e suportes na exploração do desenho, desenvolvendo as habilidades **EF15AR04**, **EF15AR05** e **EF15AR06**.

- Para a etapa **C**, buque proceder de maneira semelhante à usada na atividade **4** da página **17**, incentivando os estudantes a usar a imaginação e percepção para identificar diferentes imagens nas manchas de tinta criadas no papel.
- É essencial que você mantenha uma escuta sensível no seu dia a dia, além de observar as potencialidades e dificuldades dos estudantes. As práticas, atividades e avaliações devem levar em conta o desempenho de cada estudante de forma integral e integrada. A aprendizagem não se resume apenas à transmissão de informações, mas diz respeito a uma rede complexa de variáveis e relações entre os sujeitos da experiência.
- Durante o momento de exposição dos trabalhos, avalie a postura dos estudantes, prestando atenção também a conteúdos atitudinais, como colaboração e valorização das produções dos colegas.

- ▶ Vik Muniz é um artista visual brasileiro nascido em São Paulo, em 1961. Cursou Publicidade na Fundação Armando Álvares Penteado (Faap), em São Paulo.
- ▶ Em seu trabalho, o artista lança mão de diversos materiais de uso cotidiano que não costumam ser empregados na produção artística, particularmente os instáveis e perecíveis. Além disso, ele costuma construir uma imagem em uma superfície e em seguida registrá-la por meio de fotografias. O interesse de seu trabalho reside na documentação do que é efêmero e também na utilização inventiva de imagens que provêm dos meios de comunicação. Muniz recorre, ainda, a ícones que fazem parte do repertório visual da maior parte das pessoas, inclusive de imagens estereotipadas.
- ▶ Ao abordar a atividade 1, incentive os estudantes a responderem sobre o que observam, exemplificando com detalhes da imagem. Verifique se conseguem perceber com qual material a obra foi feita. Em seguida, explique-lhes que, em **Mona Lisa Dupla**, de 1999, o artista apropria-se da pintura clássica de Leonardo da Vinci. Na construção dessa obra, ele emprega dois elementos muito presentes no dia a dia dos cidadãos estadunidenses: geleia e pasta de amendoim. Caso julgue necessário, apresente outras obras do artista em que ele faz releituras de obras famosas com o uso de materiais alternativos.
- ▶ Para Muniz, nem todo material precisa ser agradável aos olhos. Assim, ele se interessa pelo tensionamento da matéria e por sua força, bem como pelas diferentes perspectivas do olhar. O espectador precisa estar atento ao registro fotográfico para perceber os materiais utilizados na composição.



ARTISTA EM DESTAQUE

EXPERIMENTANDO MATERIAIS COM VIK MUNIZ

A ARTE PODE SER FEITA DE MUITAS MANEIRAS E COM DIVERSOS MATERIAIS.

O ARTISTA BRASILEIRO VIK MUNIZ, POR EXEMPLO, ADORA CRIAR OBRAS COM MATERIAIS DIFERENTES. ELE TEM OBRAS FEITAS COM GRÃOS DE CAFÉ, COM BRINQUEDOS, COM MACARRÃO E ATÉ MESMO COM LIXO!



FOTOGRAFIA VIK MUNIZ
© MUNIZ, VIK/AUTVÍS BRASIL 2021

● **MONA LISA DUPLA**, DE VIK MUNIZ. FOTOGRAFIA. 2008.

Na legenda destas obras não inserimos sua materialidade para não fornecer a resposta da questão 1.



1 VOCÊ CONSEGUE DESCOBRIR QUE MATERIAIS FORAM UTILIZADOS PARA PRODUZIR ESSAS OBRAS? QUAIS SÃO ELES? COMO VOCÊ DESCOBRIU A RESPOSTA?

Foram utilizadas geleia e pasta de amendoim. Veja orientações complementares no **Manual do professor**.

20

Orientações complementares

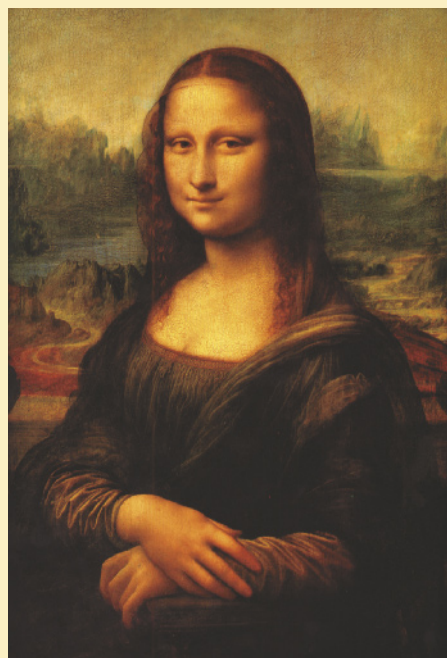
1. Incentive os estudantes a compartilhar suas respostas e explicarem como chegaram até elas. Peça que observem a cor e a textura da fotografia e ao que a elas remetem.

Referências complementares

- ▶ LAGO, Pedro Corrêa do; DUARTE, Luísa; CANONGIA, Lígia (org.). **Vik Muniz: obra completa** (1987-2015). Rio de Janeiro: Capivara, 2009.
Nesse livro, o leitor poderá encontrar um catálogo de quase 1200 obras de Vik Muniz. Com base nisso, poderá fruir e se aprofundar na poética desse importante nome das Artes visuais na contemporaneidade.
- ▶ **Lixo Extraordinário**, de Lucy Walker, 2010 (90 min).
Esse documentário aborda o problema do lixo na sociedade contemporânea e sua ressignificação por meio da arte. Nele, acompanhamos o trabalho de Vik Muniz junto aos moradores do Jardim Gramacho, maior aterro sanitário da América Latina, em que ele propôs releituras de diversas obras famosas da História da Arte utilizando os materiais recicláveis coletados no lixo do aterro.

ALÉM DE EXPLORAR MATERIAIS DIFERENTES, VIK MUNIZ EXPERIMENTA VÁRIOS TEMAS, INCLUSIVE AS OBRAS DE OUTROS ARTISTAS!

NAS OBRAS DA PÁGINA ANTERIOR, ELE USOU DIFERENTES MATERIAIS PARA RECRIAR A OBRA **MONA LISA**, UMA PINTURA FAMOSA FEITA HÁ MAIS DE 500 ANOS PELO PINTOR ITALIANO LEONARDO DA VINCI (1452-1519).



MUSEU DO LOUVRE, PARIS, FRANÇA

2 SE VOCÊ FOSSE RECRIAR A OBRA DE UM ARTISTA, QUAL OBRA SERIA?

3 QUAIS MATERIAIS VOCÊ UTILIZARIA NESSA PRODUÇÃO?

MONA LISA, DE LEONARDO DA VINCI. ÓLEO SOBRE TELA, 77 CM × 53 CM. 1503.

2 e 3: Respostas pessoais. Veja orientações complementares no **Manual do professor**.



VAMOS AVALIAR O APRENDIZADO

VAMOS RELEMBRAR O QUE APRENDEMOS?

1. QUAIS MATERIAIS VOCÊS EXPERIMENTARAM NO DECORRER DA UNIDADE? O QUE VOCÊS FIZERAM COM ELES?
2. COM BASE NO QUE VOCÊS RESPONDERAM, FAÇAM DESENHOS OU COLETAS DESSES MATERIAIS E, COM ELES, ORGANIZEM UM PAINEL COLETIVO DA TURMA. QUANTOS MATERIAIS DIFERENTES VOCÊS USARAM EM SUAS PRODUÇÕES?

Respostas pessoais. Veja orientações no **Manual do professor**.

21

Uma das obras mais enigmáticas do mundo, a **Mona Lisa** é uma pintura de Leonardo da Vinci que retrata uma dama florentina em óleo sobre madeira. Iniciada em 1503 e terminada três ou quatro anos mais tarde, essa obra renascentista é uma das pinturas mais conhecidas do mundo e, além disso, tornou-se um ícone *pop* graças a diversas apropriações feitas por diferentes artistas.

Mona Lisa, que olha fixamente para o observador, tem uma postura menos rígida do que a maioria dos retratos italianos da época, graças à famosa técnica inventada por da Vinci, o *sfumato*. As linhas que compõem as formas do rosto são suavizadas por meio de um gradiente, uma mudança sutil da tonalidade que permite um sombreado, um claro-escuro, suavizando a expressão do retrato.

Orientações complementares

2. Atente ao repertório imagético dos estudantes, verificando quais obras, artistas, locais de produção etc. eles conhecem. Essas informações podem ser úteis para o planejamento de suas aulas.
3. Perceba aqui os deslocamentos a respeito dos conceitos dos materiais possíveis para uma produção artística. Os estudantes ampliaram suas perspectivas de possibilidades?



VAMOS AVALIAR O APRENDIZADO

1. Objetivo

Revisar e debater as descobertas e dificuldades, bem como as conquistas alcançadas durante a realização das propostas práticas experimentadas nas atividades da unidade.

Sugestão de intervenção

Proponha uma roda de conversa para que todos possam lembrar as experiências realizadas. Uma forma de fazer isso é expor todos os trabalhos desen-

volvidos ao longo da unidade para que possam debater cada processo. Nesse momento, incentive-os a falar sobre suas descobertas, percepções e também suas dificuldades.

2. Objetivo

Avaliar as aprendizagens sobre as materialidades experienciadas nesta unidade.

Sugestão de intervenção

Uma proposta para abordar a atividade como forma de avaliação é retomar o in-

ventário da atividade 2 da página 15 e explorar ainda mais esta atividade. Nesse caso, você pode trabalhar com o conceito de dimensões (tridimensional e bidimensional), trazendo uma experiência de desenho que provoque o olhar para as materialidades por meio de uma nova perspectiva. Assim, após a conclusão da construção do objeto, proponha a cada estudante que faça um desenho representando esse objeto.

OBJETIVOS

- Conhecer produções artísticas que trabalham com a reutilização de materiais descartados.
- Valorizar a reutilização de materiais como forma de colaborar para estabelecer uma relação mais sustentável com o meio ambiente.

1 CONHECENDO O PROBLEMA

➤ Enquanto promove a análise da imagem com os estudantes, apresente algumas informações sobre o artista, sua poética e discurso. Nascido em Lahore, Paquistão, em 1964, Khalil Chishte é um artista visual residente em Nova York, Estados Unidos. Suas esculturas e instalações foram expostas em diversos museus pelo mundo. Assim como Vik Muniz, em muitas de suas composições Chishte trabalha com materiais muito comuns, como as sacolas plásticas, que estão presentes em grande quantidade no lixo da maioria das cidades do mundo.

O artista argumenta que devemos trabalhar com assuntos pertinentes à nossa época. Por isso, ele trabalha com sacolas plásticas, já que, segundo ele, vivemos na “era do plástico”.

➤ As sacolas plásticas estão presentes em muitas das compras realizadas pelos brasileiros. Contudo, muitos não param para perguntar: De onde vem a sacola plástica? Produzidas com base em recursos não renováveis, principalmente o petróleo, elas demoram cerca de 450 anos para se decompor no meio ambiente.

Usadas normalmente apenas uma vez, pouco recicladas e descartadas incorretamente, elas se tornaram um dos maiores problemas para o meio ambiente. Elas impedem o escoamento da água dos bueiros e prejudicam a fauna local quando chegam aos rios e oceanos, provocando a morte de muitos animais por asfixia.

➤ É importante uma educação ambiental: antes de pensar em reciclagem, devemos trabalhar com os estudantes a consciência de que não devemos gerar resíduos poluentes. Isso envolve, por exemplo, a sugestão de reduzir ou mesmo extinguir o uso de sacolas plásticas.



COLETIVAMENTE

ARTE E RENOVAÇÃO!

1 CONHECENDO O PROBLEMA

UM DOS MAIORES PROBLEMAS DO MUNDO ATUAL É A GRANDE QUANTIDADE DE LIXO QUE PRODUZIMOS E DESCARTAMOS NO MEIO AMBIENTE.

ALGUNS ARTISTAS APROVEITAM ESSES MATERIAIS DESCARTADOS PARA CRIAR SUAS OBRAS.

- OBSERVE UMA OBRA DO ARTISTA KHALIL CHISHTEE (1964-).



22



COLEÇÃO PARTICULAR/ACERVO DO ARTISTA

Na legenda desta escultura, não inserimos sua materialidade para não fornecer a resposta da atividade A da etapa **Organizando as ideias**. Veja mais informações no **Manual do professor**.

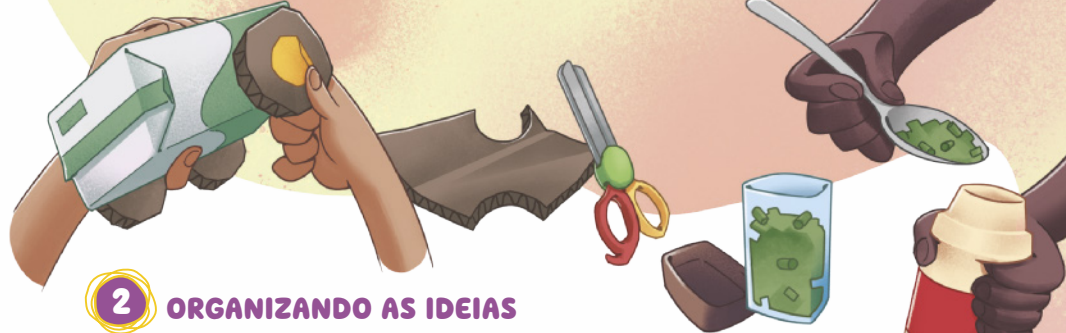
• **FORA DA FRIGIDEIRA**, DE KHALIL CHISHTEE. 2017.

BNCC E PNA

Por meio de suas atividades, a seção almeja contemplar os Temas contemporâneos transversais **Educação ambiental** e **Educação para o consumo**, na medida em que promove a interação crítica dos estudantes e a reflexão sobre os hábitos de consumo e as consequências do acúmulo de lixo e do descarte inadequado, temas pertinentes e constantes nos debates e produções artísticas contemporâneas.

Essa interação é possível por meio de uma proposta prática, presente na seção **Buscando soluções**, que tanto favorece a expressividade e a imaginação quanto desenvolve a autonomia e o senso crítico de cada estudante. Propicia-se, dessa forma, o desenvolvimento das **Competências específicas de Arte 4 e 8**. Além disso, problematiza-se também o consumo e nossa relação com o lixo por intermédio da obra de Khalil Chishte, introduzindo a **Competência específica de Arte 7**.

A atividade **A** da etapa **Organizando as ideias** propicia o desenvolvimento dos seguintes componentes essenciais para a alfabetização: **consciência fonológica e fonêmica; conhecimento alfabético; produção de escrita; desenvolvimento de vocabulário**.



2 ORGANIZANDO AS IDEIAS

A) ESSA OBRA É FEITA DE UM OBJETO MUITO COMUM NO NOSSO DIA A DIA. ESCREVA A PRIMEIRA LETRA DE CADA IMAGEM E DESCUBRA QUE OBJETO É ESSE.



B) PARA QUE COSTUMAMOS UTILIZAR ESSE OBJETO? QUAIS OUTROS OBJETOS TÊM A MESMA UTILIDADE? QUAIS DELES CAUSAM MENOS DANOS AO MEIO AMBIENTE? *Entre as utilizações mais comuns para a sacola plástica, os estudantes podem citar carregar ou guardar coisas. Veja orientações complementares no Manual do professor.*

3 BUSCANDO SOLUÇÕES

Respostas pessoais. Veja orientações complementares no Manual do professor.

A) DOS MATERIAIS QUE DESCARTAMOS EM NOSSO COTIDIANO, QUAIS PODEM SER REAPROVEITADOS?

B) COM OS COLEGAS, FAÇAM UM LEVANTAMENTO DESSES MATERIAIS E CONVERSEM SOBRE POSSÍVEIS FORMAS DE REAPROVEITAR OS MATERIAIS QUE SÃO DESCARTADOS NO DIA A DIA.

C) ALGUNS DESSES MATERIAIS PODEM SER UTILIZADOS NA CRIAÇÃO DE OBRAS DE ARTE? COMO?



23

➤ São muitas as problemáticas e as possibilidades para abordar os temas do meio ambiente e do consumo. Ao propor uma discussão sobre a redução do uso de sacolas plásticas, você pode ampliar o debate, incluindo outros materiais do cotidiano escolar e doméstico. O consumo consciente deve ser sempre um assunto presente em sala de aula.

2 ORGANIZANDO AS IDEIAS

Orientações complementares

a) Para abordar esta atividade, reproduza-a na lousa. Certifique-se de que os estudantes compreenderam como devem realizar a tarefa e garanta que identificaram corretamente cada uma das imagens que compõem o exercício.

Registre na lousa, com a participação da turma, as palavras que correspondem às imagens. Peça a estudantes voluntários que contornem a primeira letra de cada uma delas. Incentive os estudantes a pronunciar em voz alta a letra contornada e oriente-os a completar os quadrinhos para formar a resposta do exercício. Então, leia com eles as palavras formadas.

b) Crie um ambiente favorável para a realização da atividade e encoraje, especialmente os estudantes mais tímidos, a expressar suas ideias e conhecimentos a respeito do tema em destaque. Peça aos estudantes que compartilhem suas respostas e vá sugerindo algumas alternativas para reduzir a quantidade de lixo, tais como usar sacolas de pano reutilizáveis para as compras no mercado e reduzir o consumo de produtos que têm embalagens desnecessárias. Outra questão que pode ser abordada é a possibilidade de fazer compostagem em casa com os materiais orgânicos, reduzindo assim a quantidade de lixo enviada aos aterros sanitários.

3 BUSCANDO SOLUÇÕES

Orientações complementares

a) Auxilie os estudantes citando alguns materiais do cotidiano da sua escola, além de perguntar sobre o que costumam descartar em casa.

b) Pergunte: De onde vêm os produtos que consumimos? De quais materiais eles são feitos? Para onde eles vão quando os descartamos? Parecem perguntas básicas, mas dificilmente nos questionamos, no dia a dia, sobre essas informações.

Desenvolva com os estudantes um trabalho de crítica e consumo consciente

por meio de diversos recursos das linguagens artísticas. Antes de pensar uma prática com os estudantes, lembre-se: mais do que refletir sobre descarte consciente e reciclagem, precisamos ter em mente que nosso grande e desafiador objetivo é gerar o mínimo possível de resíduos sólidos! Chame a atenção dos estudantes para que pensem em quais resíduos são estritamente necessários em nossa vida. Depois que eles tiverem encontrado as respostas, você pode incentivá-los a pensar

em descarte adequado ou em transformação desse material por meio de reciclagem ou de seu emprego em produções artísticas, por exemplo.

c) Inicie a última etapa desta seção retomando com os estudantes as atividades práticas realizadas no decorrer da atividade. Se julgar pertinente, retome as práticas realizadas na atividade 2 da página 15, de modo que os estudantes tenham a oportunidade de retomar as discussões desenvolvidas nesta seção enquanto realizam uma prática artística.

Nesta unidade, os estudantes investigaram as diversas materialidades possíveis no campo da criação, vivenciaram as sensações possibilitadas pelas diferentes características dos materiais, desenvolveram a observação atenta das materialidades ao redor, exploraram a construção bidimensional, tridimensional e o desenho, ampliaram o repertório imagético por meio das obras de vários artistas, e finalizaram com debates a respeito do lixo decorrente de certas matérias-primas e como é possível olhar criticamente para esse fato dentro da produção artística.

Com o intuito de auxiliar o monitoramento da aprendizagem, sugerimos que seja feito o registro da trajetória de cada estudante em fichas de avaliação. Um modelo desse tipo de ficha pode ser encontrado na página XIII deste manual.

AVALIANDO

Para concluir a unidade, sugerimos a você que realize uma avaliação coletiva sobre o percurso do capítulo. O que descobrimos de importante até aqui? Uma ideia é organizar um mapa das aprendizagens na lousa ou em uma parede da sala!

Para que esta proposta seja realizada, incentive os estudantes a compartilharem suas descobertas e seus afetos.

Objetivo: Identificar e descrever diferentes materiais que podem ser usados em uma obra de arte.

- Quais foram as descobertas sobre as materialidades?
- Os estudantes conseguem identificar e descrever diferentes materiais?

Objetivo: Conhecer diferentes artistas e variedades de materiais usados na Arte.

- Com qual mais gostaram de trabalhar?
- Compartilham e refletem tanto sobre seus processos criativos quanto sobre as escolhas de materiais empregados em suas criações?

Objetivo: Experimentar diferentes materialidades e suportes nas práticas artísticas.

- Quais foram os artistas estudados e quais são seus processos e métodos de trabalho?
- Conhecem diferentes artistas e variedades de materiais usados na Arte?

Objetivo: Investigar a relação entre materiais e materialidades diversas, bem como seus efeitos no processo de criação.

- Quais foram as técnicas exploradas na unidade?
- Estabelecem a relação entre materiais e materialidades diversas com seus resultados no processo de criação?

É importante sistematizar as aprendizagens desenvolvidas nesta unidade. Se possível, monte um portfólio com fotografias, desenhos, nomes dos artistas, principais aprendizagens, curiosidades e áreas do conhecimento estudadas. A intenção é escutar os estudantes e fazê-los refletir sobre a experiência e sobre a aquisição de novas habilidades e repertórios visuais. Oriente-os na realização de uma autoavaliação. Lembre-se sempre de documentar os processos e guardar essa documentação para uma possível retomada em momentos futuros.

Objetivos da unidade

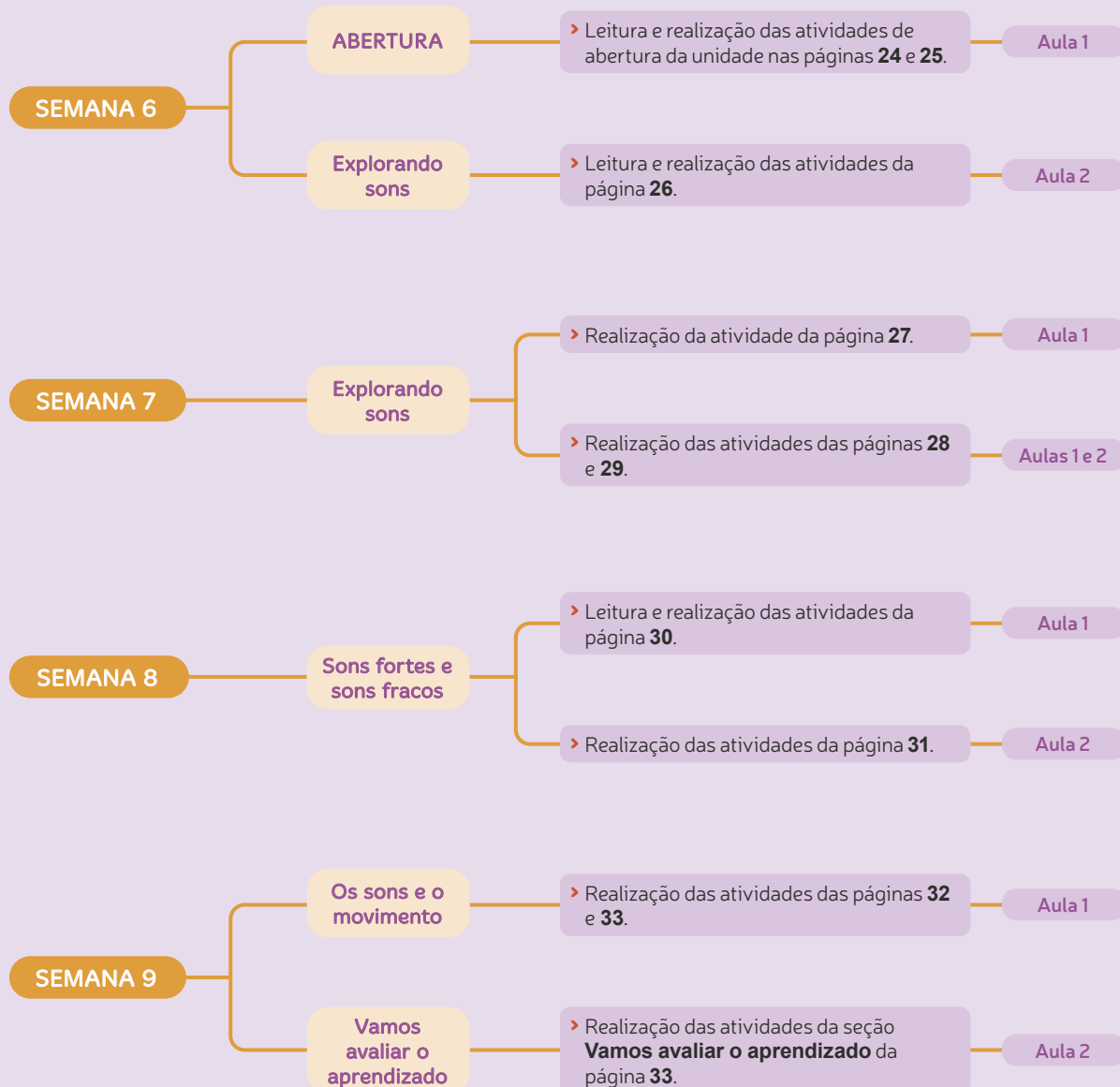
- Explorar sonoridades diversas e suas fontes sonoras.
- Perceber as diferenças de sons das diferentes fontes sonoras (timbre, alturas e intensidade).
- Reconhecer como os sons são emitidos (bater, raspar, soprar, chacoalhar).
- Explorar o movimento dançado na relação com a escuta do som, bem como a percepção de trajetórias espaciais.
- Interagir em grupo com o espaço escolar.

Nesta unidade, os estudantes serão convidados a participar de processos criativos e lúdicos orientados para as brincadeiras sonoro-musicais por meio de práticas que instigam a percepção dos sons do mundo e a exploração das diferentes maneiras de produzir música e viver os conhecimentos musicais. A unidade prevê sensibilizar o estudante para a produção de sons com base na exploração de objetos do cotidiano, bem como apurar a escuta atenta das propriedades dos sons emitidos em diversas fontes e materialidades, buscando desenvolver a autonomia para apreciar, pensar e produzir sua própria música. Objetiva também apresentar aos estudantes alguns projetos musicais que trazem performances com instrumentos não

convencionais, tais como o Grupo Pau e Lata de Alagoas (2018). Propõe também estabelecer uma relação entre som e movimento por meio do movimento dançado em espaços diversos, buscando ressignificar a sala de aula e outros espaços escolares.

Alinhada à BNCC, a proposta trabalha as habilidades **EF15AR14** e **EF15AR15** ao explorar fontes sonoras não convencionais presentes no cotidiano escolar e familiar, bem como os elementos constitutivos da música, por meio de práticas diversas de execução e apreciação musical. Ao propor experiências pautadas na criatividade, a unidade trabalha com a **Competência específica de Arte 4** e, ao colocar o estudante em situação de investigação, com a **Competência específica de Arte 8**.

PROPOSTA DE ROTEIRO



SUGESTÃO DE ESTRATÉGIA INICIAL

A imagem de abertura desta unidade constitui um ponto de partida para a avaliação diagnóstica dos saberes dos estudantes em relação aos sons. Pergunte a respeito dos instrumentos musicais tocados pelos integrantes do Grupo Pau e Lata. Converse sobre a possibilidade de fazer música com instrumentos não convencionais e questione se os estudantes conhecem algum músico ou grupo que faz esse tipo de música. Registre esse levantamento na lousa. Chame a atenção deles novamente para a imagem. Pergunte acerca do lugar onde esses músicos estão tocando. Converse sobre os sons da rua, dos carros e dos transeuntes que estão presentes na imagem. Diga que produzimos sons o tempo todo, até mesmo enquanto dormimos. Proponha o inventário dos sons do corpo, da casa e do bairro pelos estudantes. Observe e registre o que sabem acerca de sons. O que conhecem sobre características e qualidades sonoras? Que hipóteses levantam sobre modos de produção sonora? Conhecem materiais e pessoas que produzem sons interessantes? Essa conversa deve incentivar a curiosidade dos estudantes para a pesquisa sonora e as características dos sons.

O tema desta unidade é a exploração e o levantamento das características de diferentes tipos de sons. O foco é a manipulação de objetos encontrados pelos estudantes na classe e em outros espaços escolares, a fim de descobrir múltiplas sonoridades e organizá-las de maneiras divertidas.

UNIDADE

2

QUE SOM TEM?



APRESENTAÇÃO DO GRUPO PAU E LATA EM PALMEIRA DOS ÍNDIOS, ALAGOAS, 2018.

24

- Isso é um bom ensejo para uma conversa sobre os tipos de sons que podemos encontrar atualmente, como os sons humanos, os da natureza e os tecnológicos. Você pode convidá-los a fechar os olhos e escutar por um minuto de forma atenta. Com certeza, eles perceberão sons que não escutariam de olhos abertos! Esta atividade pode fomentar a **curiosidade** e ampliar a concepção do que é música.
- Aproveite para perguntar se eles sabem o que é um cortejo. Comente que uma das atividades desta unidade é a realização de um cortejo. Veja mais informações sobre “Cortejo” na proposta da seção **Vamos avaliar o aprendizado** da página 33.

BNCC E PNA

Por meio da exploração de sons de instrumentos não convencionais, bem como da exploração de sons do ambiente, os estudantes vivenciarão processos criativos, trabalhando a habilidade **EF15AR15** e desenvolvendo a **Competência específica de Arte 4**, de forma lúdica, prazerosa e significativa. Além disso, vão fruir trabalhos de artistas baseados nesse tipo de **experimentação**, desenvolvendo a habilidade **EF15AR13**.

Ao longo desta unidade, os estudantes terão várias oportunidades para refletir sobre seu próprio processo, expor suas considerações a respeito dos assuntos abordados e também para compartilhar experiências sobre as práticas propostas.

As questões apresentadas nas aberturas das unidades favorecem a exploração do componente **desenvolvimento de vocabulário**. Esse componente é contemplado ao longo das unidades, especialmente nos momentos em que os estudantes se familiarizam com os termos específicos das linguagens da Arte.

- A** O QUE AS PESSOAS DA FOTOGRAFIA ESTÃO FAZENDO? *Estão realizando ou ensaiando uma apresentação musical ao ar livre.*
- B** QUAIS OBJETOS ELAS ESTÃO USANDO PARA FAZER ISSO? *Pedaços de pau e latas diversas.*
- C** VOCÊ CONSEGUE REPRODUZIR ESSES SONS? COMO? *Resposta pessoal. Veja orientações complementares no Manual do professor.*

- Pergunte aos estudantes se eles sabem que número o condutor está fazendo com as mãos (número 2) e por que está fazendo esse gesto. Essa é uma boa oportunidade para apresentar o papel do condutor ou regente de grupos. Explique que uma das funções do regente/condutor é a de marcar o início e o final das peças, para que todos comecem e terminem ao mesmo tempo.

Orientações complementares

- A)** Pergunte se as pessoas da fotografia estão ou não tocando um instrumento musical. Trata-se de uma *performance*? Incentive reflexões, tais como: “Onde os músicos se apresentam? Nos teatros ou nas ruas?”.
- B)** Reflitam sobre o conceito de instrumento musical. O que os estudantes consideram um instrumento musical? Incentive-os a pesquisar instrumentos musicais ou músicos existentes na família, entre amigos ou na comunidade onde moram. É possível, ainda, apresentar grupos que trabalham com instrumentos alternativos, tais como o grupo inglês Stomp.
- C)** Esta reprodução provavelmente será incitada pela memória auditiva do estudante, sendo esse um bom momento para você observar suas referências sonoras, bem como o modo de perceber os sons e as condutas sonoras deles. O que observar: os objetos escolhidos por cada um, o timbre de voz utilizado (metálico, grave, arranhado, entre outros), o quão fiel ao som ele foi (isso significa que os estudantes buscaram uma voz, por meio de pesquisas sonoras, e que brincar com sua voz é comum), que tipos de gestos/condutas sonoras foram utilizados etc.

- Você poderá ampliar o conhecimento deles apresentando aos estudantes projetos educacionais ou sociais relevantes que vêm sendo desenvolvidos no contexto brasileiro, tais como o projeto Pau e Lata, projeto musical e sociocultural que acontece em Palmeira dos Índios, Alagoas. O projeto surgiu na periferia do Maranhão, por iniciativa do músico educador Danúbio Gomes, na época recém-formado em Música. Danúbio explica que o projeto objetiva mostrar aos estudantes e à sociedade que é possível fazer música com “tudo que está ao nosso redor”, sem necessariamente ter instrumentos convencionais. Essa também é a ideia central desta unidade. Outra possibilidade é apresentar compositores e músicos que compõem e improvisam com qualquer som. O multi-instrumentista brasileiro Hermeto Pascoal é um bom exemplo de compositor que produz música com tudo! Essas ideias contribuem para que os estudantes ressignifiquem e ampliem seus conceitos sobre música.

25

► As atividades 1 e 2 propõem trabalhar as múltiplas sonoridades com os estudantes no cotidiano escolar. Apresentam como objeto propositivo uma imagem relativa ao projeto Parques Sonoros da Educação Infantil Paulistana (2016), visando despertar a curiosidade e o desejo de experimentar diferentes sons de objetos presentes no cotidiano.

► As explorações sonoras, de maneira geral, e o parque sonoro, em específico, se caracterizam como espaços que permitem a pesquisa, a experimentação, as interações sonoras e a ampliação do conceito de música, pois pressupõem sonoridades e formas de organização sonora diferentes das encontradas nas canções e nas sinfonias. Nestas, a afinação e os padrões melódicos e rítmicos são a base da composição; naquelas, a massa, a densidade, o timbre, a fluidez, a lisura ou a rugosidade (o fenômeno sonoro, enfim) são os elementos estruturais da criação.

► Caso haja um parque sonoro em sua escola, aproveite para levar os estudantes até lá. Peça que olhem atentamente os objetos disponíveis, observando de que tipo de material são produzidos. Será que a madeira soa diferente do plástico ou do ferro? Permita que explorem livremente o parque.

Caso sua escola não disponha de um parque, pense na possibilidade de criar um com a ajuda da equipe escolar, dos estudantes e das famílias. O que seria interessante colocar em um parque sonoro? O que temos em mãos? Enquanto o parque não fica pronto, oriente os estudantes a caminhar pelos espaços, procurando sons lisos e rugosos (motiva-os a passar a mão sobre a superfície e a descobrir seus sons). Oriente-os a manter os ouvidos bem abertos e a prestar atenção os sons ao redor deles.

EXPLORANDO SONS

OS SONS PODEM VIR DOS MAIS DIVERSOS LUGARES. PODE SER A VOZ DE UM AMIGO CHAMANDO PARA BRINCAR, UMA SERRA BARULHENTA CORTANDO UMA TÁBUA, UM CACHORRO LATINDO OU UM MÚSICO TOCANDO SEU VIOLÃO.

PODEMOS TIRAR SONS DE MUITOS OBJETOS. OS MÚSICOS DA FOTOGRAFIA DA PÁGINA ANTERIOR, POR EXEMPLO, USAM LATAS E MADEIRA PARA CRIAR MÚSICA!

OBSERVE A IMAGEM A SEGUIR, QUE MOSTRA UM PARQUE SONORO. NESSES PARQUES, AS CRIANÇAS PODEM EXPLORAR OS SONS DOS MAIS VARIADOS OBJETOS.



● CRIANÇAS BRINCANDO EM PARQUE SONORO, EM AQUIRAZ, CEARÁ, 2021.

- 1 VOCÊ JÁ VIU UM PARQUE COMO ESSE? QUAIS OBJETOS VOCÊ RECONHECE NESSE PARQUE?
- 2 QUAIS OBJETOS AO SEU REDOR PODEM SER USADOS PARA PRODUZIR SONS? *Respostas pessoais. Veja orientações complementares no Manual do professor.*

26

Orientações complementares

1. Sugira um passeio pela escola ou pela sala de aula em busca de objetos sonoros parecidos com os do parque. Oriente-os, ainda, a fazer essa observação em casa e em outros ambientes que frequentam.
2. Provoque os estudantes a sair dos modos convencionais de fazer música! Instigue-os a pesquisar sons interessantes e formas diferentes de fazer soar um mesmo objeto. Se possível, sugira que gravem esses sons. Você pode propor um banco de sons inusitados e interessantes que a turma descobriu!

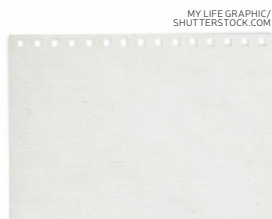
► Num site de busca de sua preferência, digite “Water Walk John Cage”. Veja como o compositor utiliza materiais inusitados e objetos do cotidiano nessa obra! Além dessa referência, confira as sugestões do box **Referências complementares** a seguir.

Referências complementares

► Secretaria Municipal de Educação de São Paulo. Coordenadoria Pedagógica. Divisão de Educação Infantil. **Parques Sonoros da educação infantil paulistana**. São Paulo: SME/COPED, 2016.

A experiência dos Parques Sonoros na cidade de São Paulo está registrada nessa obra. Você pode conferi-la para auxiliá-lo a abordar esse tema com os estudantes.

- 3** EXPERIMENTE PRODUZIR SONS COM ALGUNS OBJETOS. PRIMEIRO, TENTE ENCONTRAR OBJETOS INTERESSANTES EM SUA ESCOLA. VEJA ALGUMAS SUGESTÕES A SEGUIR.



● PAPEL.



● VASILHA.



● CANETA.



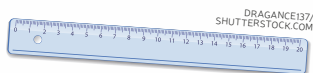
● APONTADOR.



● ESTOJO.



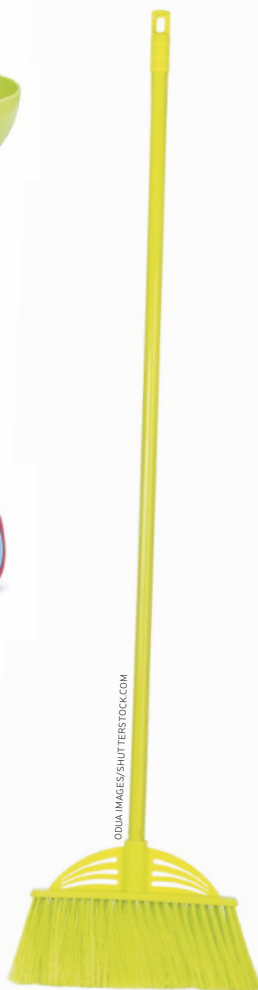
● ESPIRAIS DE CADERNO.



● RÉGUA.



● GARRAFA.



● VASSOURA.

- A)** VOCÊ SABE OS NOMBES DESSES OBJETOS? DIGA O NOME DE CADA UM DELES EM VOZ ALTA.
- B)** NA SUA SALA DE AULA, QUAIS OUTROS OBJETOS VOCÊ PODE USAR PARA PRODUZIR SONS? *Respostas pessoais. Veja orientações complementares no Manual do professor.*

27

- A atividade **3** visa ao desenvolvimento da percepção sonora e da atenção que a apreciação musical exige, com base na exploração de sons de objetos disponíveis em sala que possam emitir sons ao serem manipulados.
- Para o desenvolvimento desta atividade, sugerimos um passeio pela classe e, posteriormente, pela escola, a fim de que os estudantes possam observar e coletar objetos que lhes interessem. Incentive-os a observar as folhas secas e as pedrinhas que estão pelo chão, bem como materiais escolares e as próprias roupas. Algum estudante tem velcro no tênis? Ou zíper no agasalho? Desperte o interesse deles pela audição de cada matéria-prima, chamando a atenção para o silêncio e a concentração que a escuta requer. É possível instigar a observação de outros elementos além do sonoro, tais como a cor, a textura e o aroma. As atividades desta unidade serão mais bem aproveitadas se os estudantes estiverem dispostos em roda, para que possam se olhar e trocar percepções durante as discussões e as investigações sonoras. Outra possibilidade consiste em fazer uma exposição organizada desses objetos na sala. Nesse caso, oriente cada estudante a apresentar o objeto que escolheu.

Orientações complementares

- A)** Nesta atividade, os estudantes devem pronunciar os nomes dos objetos em voz alta, o que implica em produzir sons. É interessante você notar que algumas consoantes fazem sons curtos, tais como B, D, T, P, e outras fazem sons que podem ser prolongados por muito tempo, como o S, Z e o X. Aproveite para brincar com os sons das palavras que os estudantes pronunciarem, propondo novas maneiras de vocalização, prolongando algumas sílabas e encurtando outras. Você ainda pode brincar de colocar movimentos expressivos para acompanhar. Ao associar os nomes dos objetos e as legendas da página, os estudantes desenvolvem sua competência leitora.
- B)** Incentive os estudantes a explorar sonoramente os objetos próximos, de modo a descobrir novos timbres, alturas e intensidades.

AVALIANDO

Objetivo

- Promover a reflexão sobre o objeto escolhido pelos estudantes e investigar ao menos mais duas possibilidades sonoras.

Sugestão de intervenção

Ao promover o momento de compartilhamento, faça perguntas pessoais e orais sobre o processo realizado na atividade **3**. Caso verifique que eles têm dificuldades em falar de suas experiências, faça perguntas mais direcionadas a cada um, tendo as produções deles como base. Observe se procuraram se familiarizar com as sonoridades, se escolheram uma variedade deles para experimentação ou se permaneceram restritos àquelas mais óbvias ou conhecidas. Conseguiram justificar suas escolhas por meio de argumentos? Perceberam as diferenças sonoras relacionadas com as materialidades dos objetos? Proceda à documentação pedagógica das observações.

➤ A atividade 4 objetiva oferecer aos estudantes a experiência da investigação sonora, buscando desenvolver a percepção sonora e a concentração na escuta por meio da exploração de objetos disponíveis em sala. Busca-se encontrar formas diferentes de manipular os objetos, a fim de encontrar gestos e manipulações não convencionais, tais como bater, arranhar, chacoalhar, soprar, jogar, golpear, amassar, alisar, esfregar, socar etc. Exemplos: raspar a caneta na espiral do caderno, bater com o lápis na carteira, soprar uma folha de papel, chacoalhar o estojo com os lápis dentro, alisar as mãos nas pernas, esfregar as mãos umas nas outras. Assim, podem-se obter variações e combinações sonoras.

➤ Chame a atenção dos estudantes para as imagens. Convide-os a realizar as atividades. Enfatize as diferenças sutis de sonoridade. As canetas fazem todas o mesmo som, quando raspadas sobre a espiral do caderno? Os copos de plástico e de inox produzem sonoridades parecidas? Comente as diferentes sonoridades que os diversos materiais produzem. Disponha os estudantes em roda, para que possam se olhar e trocar percepções durante as discussões e as investigações sonoras. Sugere-se fazer mais de uma rodada, para que eles tenham um desafio ainda maior e para que outras possibilidades possam emergir.

Em todo processo de pesquisa sonora, você poderá orientar o estudante a perceber as formas como são reproduzidos os sons, os materiais de que os objetos são feitos e o tipo de som que eles produzem: fraco, forte, agudo, grave, longo ou curto.

4 AGORA, TENTE PRODUIR SONS COM OS OBJETOS QUE VOCÊ COLETOU. VEJA A SEGUIR ALGUMAS MANEIRAS DE PRODUIR DIFERENTES SONS. *Respostas pessoais. Veja orientações no Manual do professor.*

RASPAR.



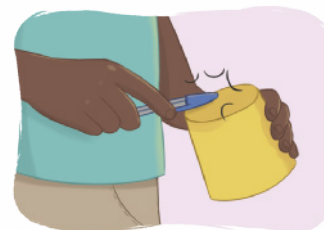
● CADERNO E CANETA.



BATER.



● CANETA E COPO DE PLÁSTICO.



SOPRAR.



● UM CANUDO.



28

BNCC E PNA

Na atividade 4, a investigação sonora de diferentes fontes, bem como a pesquisa de diferentes maneiras de se manipular os sons, buscando reconhecer elementos constitutivos da música, permitem o desenvolvimento da habilidade **EF15AR15**.

➤ Uma boa forma de orientar as percepções é comparar os sons uns com os outros. No entanto, antes de mostrar formas de produção sonora, você deve fomentar a pesquisa de sonoridades, deixando que encontrem formas de produzir esses sons e mostrem como conseguiram.

➤ A ideia é que as formas de produção sejam descobertas em grupo, de forma investigativa. Uma opção interessante é trabalhar com o inventário de sons colhidos pelos estudantes.

AMASSAR.



● FOLHA DE PAPEL.



CHACOALHAR.



● ESTOJO CHEIO DE LÁPIS.



ESFREGAR.



● RÉGUAS.



ILUSTRAÇÕES: HELOISA PINTARELLI

- A)** QUANTOS SONS VOCÊ CONSEGUIU EMITIR COM OS OBJETOS QUE VOCÊ USOU?
- B)** VOCÊ CONSEGUE PRODUZIR SONS DIFERENTES USANDO O MESMO OBJETO? COMO? *Respostas pessoais. Veja orientações complementares no Manual do professor.*

29

- Um mesmo objeto permite produzir muitas sonoridades, dependendo da forma como se toca, do gesto condutor ou do movimento que se faz. As crianças costumam perceber essas diferenças, mas às vezes não sabem verbalizá-las. Assim, procure orientá-las quanto às diferentes características dos sons encontrados e suas formas de produção.
- Seria interessante propor uma combinação dessas formas de produzir sons no objeto e compor uma pequena composição na forma binária: inicia com um som, desenvolve com outro e finaliza com o primeiro som. Os estudantes podem ser incentivados a apresentar sua composição para a turma e a fazer uma análise crítica dela.
- O conceito de arte como representação está implícito nesta atividade. Vemos imagens que podem representar sonoridades, mas que não são frequências sonoras. É possível instigar essa ideia com perguntas, tais como: "Você já viu uma bateria ou um teclado?"; "Consegue saber qual a sonoridade de uma bateria ou de um teclado olhando para a fotografia deles?". Enfatize a importância de se manipular um instrumento, de ouvir alguém tocando ao vivo ou de assistir a algum vídeo para saber qual o som deles. Você pode ainda mostrar uma partitura musical. Pergunte se já viram alguma e se sabem o que significa.
- É importante estar atento às soluções encontradas pelos estudantes às problematizações postas em seus enunciados. O objetivo das atividades **A** e **B** é o incentivo da investigação. Por isso, é importante que se percebam o empenho e descoberta de cada estudante, contribuindo, também, para o avanço dessas duas ações, colocando informações novas em momentos específicos, que instiguem mais investigações sonoras. Assim, será incentivado o desenvolvimento da escuta.

Orientações complementares

- A)** Enquanto os estudantes respondem, incentive-os a demonstrar os sons que descobriram, e a escutar **respeitosamente** as experimentações dos colegas.
- B)** Incentive os estudantes a explorarem novos sons além daqueles explorados na questão **A**. Como estarão explorando um mesmo objeto, nesse momento é importante que percebam que o objeto e os possíveis sons que ele produz são elementos distintos.

PNA

A atividade **A** é uma boa oportunidade para trabalhar também habilidades de **numeracia**. Pergunte aos estudantes que estratégias poderiam usar para registrar cada som diferente que eles conseguirem emitir usando os objetos que escolheram. Talvez proponham fazer uma marca, como um traço ou uma bolinha, para cada som produzido. Eles podem fazer as anotações no **Livro do Estudante**. Quando produzirem todos os sons, solicite que escrevam o número correspondente à quantidade de sons registrada.

- Para iniciar a atividade 1, chame a atenção dos estudantes para as imagens. A mesa escolar já havia sido transformada em instrumento musical por algum estudante antes? Convide-os a experimentar a mesa como um tambor. Os sons produzidos são parecidos? Enfatize a maneira como as crianças percutem o tampo. Que tipo de gesto fazem? Com que força? Discuta o nível de ruído na classe. É possível escutar as diferentes intensidades com todos percutindo ao mesmo tempo? Você pode propor acompanhar uma canção ou fazer a improvisação de uma chuva, por exemplo. Esclareça que a intensidade do movimento está relacionada com a intensidade sonora: quanto mais forte o objeto for tocado, mais forte será o som. Além disso, destaque a importância da materialidade dos objetos escolhidos para a exploração.
- Propor passeios pela escola sem fazer uso da palavra (voz), atentando para o modo como caminhamos, onde pisamos, os sons que fazemos com nossos pés, os passos, a intensidade dos nossos passos e as inquietações que provocamos quando fazemos uma atividade assim. Destaque formas interessantes de aprofundar esta temática.

Orientações complementares

- Caso seja necessário, repita os procedimentos da proposta da página 28 para incentivar os estudantes a explorarem diferentes intensidades.
- Incentive os estudantes a compartilhar as sonoridades que descobriram.
- É importante, nesta atividade, que o estudante compreenda a relação entre som e movimento. Portanto, mais do que qualificar, esse é o momento de saber como um som pode ser produzido com mais força do que outro, por meio do mesmo objeto. Contudo, provavelmente outras características sonoras serão levantadas pelas crianças, relativas a questões como grave/agudo, longo e curto. Caso surjam essas questões, você poderá incentivar essas pesquisas também. Se a turma trouxer outros tipos de classificação sonora, o assunto da investigação poderá ir além da intensidade (forte/fraco), incluindo outras classificações sonoras, tais como alturas, duração e timbres.

SONS FORTES E SONS FRACOS

OS SONS SÃO MUITO DIFERENTES ENTRE SI. NA ATIVIDADE DA PÁGINA ANTERIOR, POR EXEMPLO, VOCÊ PERCEBEU QUE É POSSÍVEL FAZER ALGUNS SONS MAIS FORTES DO QUE OUTROS?

OBSERVE AS IMAGENS A SEGUIR.



- VAMOS EXPLORAR A DIFERENÇA ENTRE SONS FORTES E SONS FRACOS? PARA ISSO, RETOME OS OBJETOS QUE VOCÊ EXPERIMENTOU.
 - COM QUAIS OBJETOS VOCÊ PRODUZIU SONS MAIS FORTES? E COM QUAIS OBJETOS VOCÊ PRODUZIU SONS MAIS FRACOS?
 - QUAL É O SOM MAIS FORTE QUE VOCÊ CONSEGUE PRODUZIR USANDO ESSES OBJETOS? E QUAL É O MAIS FRACO?
 - COM A SUA TURMA, EXPERIMENTE FAZER UM SOM BEM FRAQUINHO. JUNTOS, AUMENTEM GRADUALMENTE O SOM ATÉ CHEGAR AO MÁXIMO POSSÍVEL. DEPOIS, DIMINUAM ATÉ QUE ELE PARE. *Respostas pessoais. Veja orientações complementares no Manual do professor.*

30

- Você pode aproveitar para conversar a respeito da função do regente em grupos, orquestras e corais. Pergunte a eles se já viram ou conhecem alguém que rege algum grupo e se sabem por que essa figura é tão importante quando fazemos música em conjunto. Em seguida, passe para a realização da atividade C.
- Como o objetivo desta atividade é a percepção do som em relação à ação da criança sobre ele (forma de tocar, movimento e sua intensidade), a avaliação processual, nesse caso, exigirá que você observe as várias formas de manipulação dos objetos sugeridas pelos estudantes, observando também se eles compreenderam a relação entre a força empregada no movimento durante o ataque e a manipulação do som com a intensidade sonora.

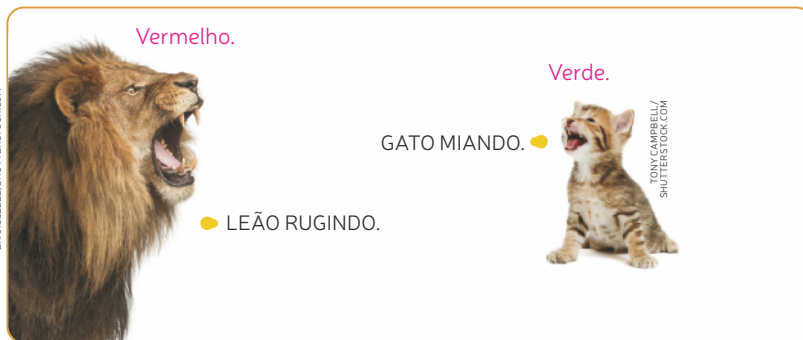
2 SONS FORTES E FRACOS EXISTEM POR TODA A PARTE. OBSERVE AS IMAGENS A SEGUIR E, PARA CADA PAR, CONTORNE DE:

VERDE – SOM MAIS FRACO. **VERMELHO** – SOM MAIS FORTE.

A



B



C



- O intuito da atividade **2** consiste em observar se os estudantes se apropriaram do conceito de intensidade (forte e fraco).
- Chame a atenção dos estudantes para as imagens. Pergunte se alguém já ouviu um leão rugindo ou um trem andando sobre trilhos. Você pode levar gravações desses sons para fazer as comparações.
- Em um site de busca de sua preferência, digite “efeitos sonoros” e facilmente encontrará os sons representados nas imagens.
- Você pode fazer uma gincana de sons, organizando a sala em duas equipes: equipe A e equipe B. Prepare antecipadamente uma gravação contendo cinco ou seis sons de fontes diferentes que sejam contrastantes em termos dinâmicos (intensidade). Reproduza um som por vez, segundo determinado tempo previamente estabelecido. Ao término desse tempo, as crianças poderão se manifestar. O grupo que fizer mais acertos vence a gincana de sons.
- Outra prática que pode ser utilizada como instrumento de avaliação da temática da intensidade seria você gravar as sonoridades que os estudantes conseguiram descobrir durante as explorações e ver quem acerta a fonte sonora. Você poderá ajudá-los nesta etapa, propondo sugestões e adequações.

AVALIANDO

Objetivo

- A atividade **2** permite avaliar se os estudantes conseguem diferenciar sons fortes de fracos.

Sugestão de intervenção

Promova um momento de compartilhamento e debate das experiências vivenciadas nessa etapa do processo de aprendizagem.

Faça perguntas sobre o processo que realizaram, buscando incentivar todos a compartilhar suas experiências. Compare as falas dos estudantes com seus registros de observação do processo de ensino-aprendizagem.

Observe o envolvimento dos estudantes, bem como a energia com que relatam seus desafios e resoluções de problemas.

- O objetivo da atividade 1 consiste em perceber o corpo em movimento na relação com o som.
- Prepare o ambiente afastando mesas e cadeiras, para que possam se locomover livremente. Caso seja viável, realize a atividade ao ar livre. Sugira que inspirem e expirem como se cheirassem uma flor. Coloque uma música e convide-os para dançar livremente! Durante a etapa A, instigue-os a encontrar diferentes modos de dançar, imaginando um lápis em diversas partes do corpo, como os dedos das mãos, o topo da cabeça, os joelhos, a ponta do nariz, o centro do peito etc. Pergunte o que sentiram e peça que registrem as sensações causadas pela escuta ativa. Em outra proposta de atividade avaliativa que se refere à escuta, você pode trazer a gravação de sons variados, que inspirem a pesquisa de movimentos. Sons curtos, longos, agudos, graves, fluidos, marcados, fortes, fracos, sons em forma de combustão (como um espirro), rarefeitos (como as nuvens), dentre outros.
- Nas etapas B e C, peça aos estudantes que realizem movimentos diferentes para cada som que escutarem.
- Pergunte quem se lembra da atividade com as consoantes feitas na página 27. Retome aquela atividade utilizando um movimento corporal para cada consoante.
- Convide-os a investigar possibilidades de movimentos corporais em relação aos sons que ouvirem.

- Ao explorar movimentos dançados em diferentes orientações espaciais, ao mesmo tempo que experimentam fontes sonoras diversas, os estudantes desenvolvem as habilidades EF15AR10 e EF15AR15.
- Ao propor as atividades, informe aos estudantes que podemos utilizar vários recursos para a produção artística. No caso desta atividade de criação de movimentos, por exemplo, você utilizar a gravação em áudio de músicas que inspirem e auxiliem no processo. Desse modo, possibilita-se o trabalho com a habilidade EF15AR26.

OS SONS E O MOVIMENTO

VOCÊ JÁ OUVIU UMA MÚSICA E TEVE VONTADE DE DANÇAR? ALÉM DE SONS, QUE TAL DESCOBRIRMOS NOVOS MOVIMENTOS?

Respostas pessoais. Veja, no **Manual do professor**, comentários e sugestões para trabalhar este tema.

- 1 IMAGINE QUE HÁ VÁRIOS PINCÉIS E LÁPIS SAINDO DE DIFERENTES PARTES DO SEU CORPO.

A) AGORA, COM ESSES PINCÉIS E LÁPIS, EXPERIMENTE COLORIR NA DIREÇÃO DAS PAREDES, DO TETO E DO CHÃO COM AS CORES QUE VOCÊ IMAGINAR.



B) OUÇA A MÚSICA REPRODUZIDA PELO PROFESSOR. PARA CADA SOM QUE OUVIR, PINTE COM UMA PARTE DIFERENTE DO CORPO. PINTE NA DIREÇÃO DO CHÃO, DO TETO, DA PAREDE. PINTE MOVIMENTANDO CADA PARTE DO CORPO PARA UMA DIREÇÃO DIFERENTE!



ILUSTRAÇÕES:
BRENDA BOSSATO

32

- A relação entre música e movimento é sem dúvida instigante e pode ser aprofundada de formas diversas. Sugira diferentes tipos de planos para se movimentarem (baixo, médio e alto). Instigue-os a combinar a dinâmica do gesto com a dinâmica do movimento, bem como a extensão do movimento com duração do som, além de fazer combinações entre força, duração e direção dos planos.
- Outro ponto que poderia ser aprofundado é o da escuta de linhas musicais. Ao colocar a música, peça aos estudantes que identifiquem o som mais grave e tentem acompanhar esse som com o corpo. De preferência, você deverá identificar o instrumento. Solicite aos estudantes que se movimentem seguindo o som desse instrumento. A sequência deve ser repetida para os outros sons.
- É importante observar as formas de expressão e o envolvimento dos estudantes. Observe se conseguem diferenciar um som do outro e realizar um movimento a cada som que escutam. O estudante realiza movimentos com diversas partes do corpo? É tímido ou participativo?

C) DIVIDAM-SE EM **DUAS EQUIPES**. A EQUIPE 1 TOCARÁ OS SONS EXPERIMENTADOS ANTERIORMENTE. PARA CADA SOM QUE OUVIR, A EQUIPE 2 DEVE CRIAR UM MOVIMENTO DIFERENTE. DIVIRTAM-SE!



VAMOS AVALIAR O APRENDIZADO

1. VAMOS RELEMBRAR E CONVERSAR SOBRE AS DESCOBERTAS FEITAS AO LONGO DESTA UNIDADE?

- A) QUAIS OBJETOS VOCÊ EXPLOROU E QUAIS SONS PRODUZIU COM ELES?
- B) COMO FOI EXPLORAR OS MOVIMENTOS DO CORPO? QUAIS MOVIMENTOS VOCÊ EXPERIMENTOU?

2. VAMOS REUNIR TUDO ISSO PARA MAIS UMA EXPERIÊNCIA! CAMINHEM, TOCANDO E DANÇANDO JUNTOS, FAZENDO UM GRANDE **CORTEJO** NA SALA. *Respostas pessoais. Veja orientações no Manual do professor.*

● **CORTEJO:** GRUPO DE PESSOAS CAMINHANDO JUNTAS POR CAUSA DE UM MOTIVO EM COMUM

33

VAMOS AVALIAR O APRENDIZADO

1. Objetivo

Avaliar as atividades da unidade de modo relacional, com base na organização de um cortejo de encerramento com música e dança.

Sugestão de intervenção

- a) Aproveite esse momento para retomar as experiências desenvolvidas com as propostas das páginas 28 a 30, verificando o que os estudantes compreenderam da exploração sonora que realizaram.
- b) Por meio desta questão, incentive os estudantes a debaterem a experiência desenvolvida nas páginas 32 e 33.

2. Objetivo

Avaliar como os estudantes relacionam as habilidades das linguagens da Música e da Dança desenvolvidas nesta unidade.

Sugestão de intervenção

O cortejo é uma forma de avaliação por meio da qual você poderá mensurar, graças à qualidade sonora e aos movimentos dos estudantes, o quanto foi apreendido dos conceitos explicitados no capítulo. Esse cortejo deve ser feito, preferencialmente, no espaço escolar, para que se possam avaliar as expressividades corporais e sonoras adquiridas durante o processo.

Caso não seja possível sair da sala de aula com o cortejo, experimente criar condições de reconfiguração do espaço da sala, dispondo as cadeiras de outra forma, distribuindo imagens nas paredes, alterando a área livre convencional e ampliando a noção espacial, com base em princípios de montagem cênica. Sugerimos a você que escolha, junto aos estudantes, uma música que possa ser acompanhada pelos instrumentos não convencionais. Você pode permitir que optem por tocar seus instrumentos não convencionais enquanto caminham ou tocar e fazer movimentos relacionados aos sons. Enfatize que eles só podem se movimentar em relação

aos sons que estão ouvindo.

Observe como cada estudante se envolve e participa da proposta. Busque incentivar todos a falar e a compartilhar suas experiências com essa proposta. Registre essas observações.

Existem vários tipos de cortejo presentes nas artes. No circo, por exemplo, temos a tradição de longa data do **Cortejo Circense**, que orienta uma importante função de agregar o público. O cortejo circense geralmente acontece nas ruas, antecedendo e anunciando o espetáculo da lona. A estrutura de cortejo convida o artista e o público a uma atuação itinerante e envolvente.

Nesta unidade, os estudantes vivenciaram experiências por meio da investigação de sons; descobriram fontes diversas, não convencionais, com as quais podemos fazer música; perceberam que os gestos (intenção e força) modificam as sonoridades de uma mesma fonte; relacionaram som e movimento de uma forma mais ampla, usando o corpo inteiro. Agora, é o momento de avaliar os resultados alcançados pelas propostas. Para mensurar o alcance das ações, é importante entender o que foi compreendido pelos estudantes durante o processo e comparar o resultado processual ao resultado final, traçando, dessa forma, um mapa do desenvolvimento de cada estudante.

Com o intuito de auxiliar o monitoramento da aprendizagem, sugerimos que seja feito o registro da trajetória de cada estudante em fichas de avaliação. Um modelo desse tipo de ficha pode ser encontrado na página XIII deste manual.

AVALIANDO

Sugerimos uma avaliação coletiva, em forma de roda de conversa, permitindo aos estudantes que compartilhem as experiências dessa trajetória. Você pode registrar esta avaliação na lousa, iniciando com o desenho de um ponto e em seguida convidando cada estudante a fazer um registro simbólico (um desenho ou uma palavra) que expresse o que foi importante para ele. De forma a promover um registro de avaliação e de memória e afeto, veja a possibilidade de organizar um Banco Digital dos sons inventariados pela turma, no qual possa constar também o cortejo realizado pelos estudantes.

Seria interessante recomendar uma autoavaliação desse processo. Se possível, guarde esses registros de avaliação, para que possam orientar suas avaliações futuras. Retome suas anotações das avaliações processuais aula a aula, percebendo onde o estudante estava no início da unidade e como chegou ao final desta. Preste atenção aos pontos a seguir.

Objetivo: Explorar sonoridades diversas e suas fontes sonoras.

- Os estudantes desenvolveram a percepção e compreensão da manipulação das fontes sonoras?
- Em sua pesquisa sonora, o estudante buscou mais de uma forma de manipular o objeto para reproduzir som?

Objetivo: Reconhecer como os sons são emitidos (bater, raspar, soprar, chacoalhar).

- Quais foram as ações mais utilizadas pelo grupo para a reprodução sonora: arranhar, bater, chacoalhar, amassar, soprar?
- O estudante percebe as características sonoras obtidas em um mesmo objeto, quando manipulado de formas diferentes (intensidade, altura, duração)?

Objetivo: Perceber as diferenças de sons das diferentes fontes sonoras (timbre, alturas e intensidade).

- Qual foi a qualidade do som produzido pelos estudantes?
- Houve a percepção das diferenças sonoras relacionadas com as materialidades dos objetos (metal, papel, plástico etc.)?
- Como manifestaram essa percepção: expuseram-na pela palavra ou mostraram-na em seus objetos?

Objetivo: Explorar o movimento dançado na relação com a escuta do som, bem como a percepção de trajetórias espaciais.

- Com relação aos movimentos: como se relacionaram com os sons tocados?
- As crianças movimentaram apenas uma parte do corpo ou interagiram com o corpo inteiro?
- A espacialidade utilizada pelas crianças nessas movimentações passou pelos três níveis (baixo, médio, alto)?

Objetivo: Interagir em grupo com o espaço escolar.

- Com relação ao cortejo, como era a corporeidade expressa pelo estudante nessa movimentação?
- Como foi a interação dos estudantes entre si?

As questões sugeridas possibilitarão a você que observe o quanto os estudantes compreenderam do processo de investigação sonora que vivenciaram.

Objetivos da unidade

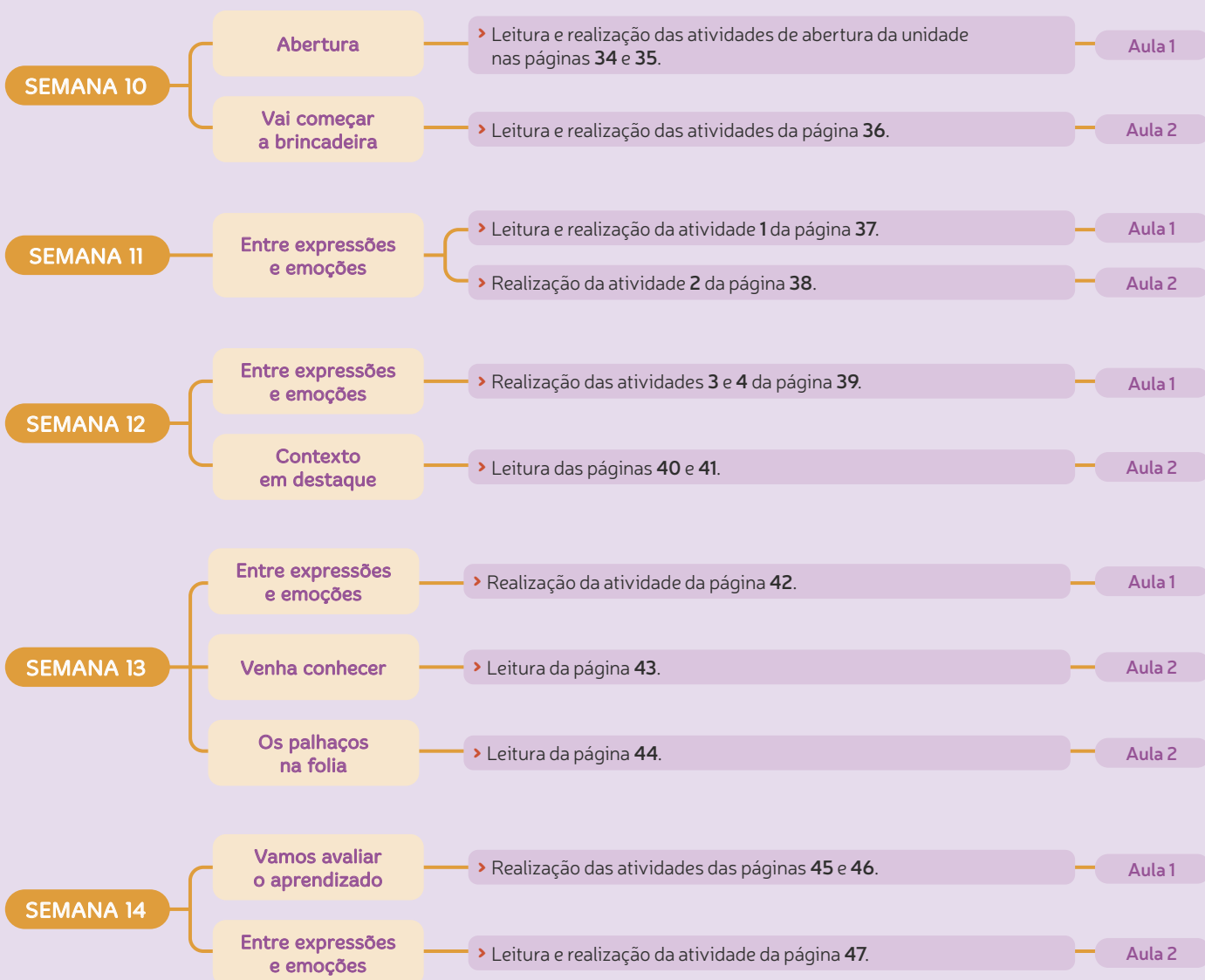
- Descobrir teatralidades nas expressões corporais cotidianas, com base na exploração de diferentes intenções em jogos e exercícios teatrais.
- Exercitar a imitação de expressões faciais, bem como reconhecer a realização, pelos colegas, desse mesmo exercício.
- Desenvolver expressões faciais variadas, reconhecendo e explorando, de forma intencional, emoções e teatralidades.
- Reconhecer o uso da máscara expressiva do palhaço em diferentes matrizes estéticas da arte do circo, do teatro e do cinema.

Esta unidade se propõe a investigar a linguagem dramática, focalizando a palhaçaria em diferentes matrizes estéticas, tanto no circo tradicional quanto no teatro, no cinema e nas manifestações populares brasileiras. Por meio de sensibilizações e de incentivos variados para a autopercepção, as atividades exaltam a ludicidade e a experimentação de diferentes expressões faciais correspondentes às emoções básicas, tais como alegria, tristeza, surpresa, raiva, medo e nojo. Além disso, o estudante é convidado a reconhecer as expressões faciais dos colegas e das imagens apresentadas ao longo da unidade, de modo a nomeá-las e a relacioná-las com as emoções correspondentes.

Ao se aprofundar no estudo da linguagem dramática, a unidade evidencia que a expressividade deve ser reconhecida como parte integrante do ser e passível de ser explorada e manipulada por meio da linguagem corporal. Ao longo da unidade, são mencionados, entre outros, o Palhaço Benjamim e Palhaço Torresmo, Charles Chaplin, os palhaços da Folia de Reis e de outras manifestações da cultura popular brasileira.

Na seção **Entre textos**, os estudantes vão realizar a leitura de um poema que tematiza a imagem do palhaço, obra que será ponto de partida para a interpretação de texto e da criação de um desenho.

PROPOSTA DE ROTEIRO



SUGESTÃO DE
ESTRATÉGIA INICIAL

Convide os estudantes a se envolver na observação das imagens das páginas 34 e 35, recorrendo a perguntas disparadoras: “Já viram personagens como esses?”; “Onde?”; “Quais são suas principais características?”.

Permita que elaborem suas hipóteses coletivamente. Procure registrar essas hipóteses em sua documentação pedagógica. Essa prática não apenas vai auxiliá-lo na avaliação dos estudantes, mas também fornecerá subsídios para que, ao longo desta unidade, você elabore outros questionamentos para incentivá-los. É interessante que desde o princípio se problematizem quais os espaços onde a arte do palhaço se desenvolve, seja no picadeiro, em um circo tradicional, seja em outros espaços de apresentação, tais como televisão, cinema, salas de espetáculos, hospitais, ruas e praças.

UNIDADE
3UM MUNDO CHEIO
DE EXPRESSÕES

APRESENTAÇÃO DA PALHAÇA
ADELAIDE, INTERPRETADA
POR JULIANA BONDARENKO,
EM LONDRINA, PARANÁ, 2016.

34

BNCC E PNA

Esta unidade tem como objetivo incentivar o estudante a explorar, conhecer e fruir produções artísticas e culturais, para que ele esteja apto a reconhecer a arte como um fenômeno cultural, histórico, social e sensível a diferentes contextos. Dessa maneira, possibilita-se ao estudante que desenvolva a **Competência específica de Arte 1**.

Além disso, ao reconhecer e apreciar formas distintas de manifestações cênicas, cultivando a percepção, o imaginário e a capacidade de simbolizar recorrendo à ludicidade, possibilita-se aos estudante que desenvolva a habilidade **EF15AR18**.

As questões **A** e **B** propiciam o desenvolvimento da habilidade de expressar-se em situações de intercâmbio oral e o **desenvolvimento de vocabulário**.

A e B: Respostas pessoais. Veja orientações complementares no **Manual do professor**.

- A** VOCÊ JÁ VIU PERSONAGENS COMO ESTES? ONDE?
- B** QUAIS SÃO AS PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS DESTES PERSONAGENS?

Orientações complementares

- A)** Espera-se que os estudantes reconheçam esses personagens como palhaços, ainda que numa nomenclatura genérica. É provável que eles mencionem ter visto palhaços no circo, em programas de televisão, talvez no teatro ou até em intervenções em ruas e semáforos de grandes cidades.
- B)** Espera-se que eles identifiquem o nariz vermelho como elemento principal da caracterização, seja ele no formato de uma mini máscara que cobre o nariz do intérprete, seja numa maquiagem vermelha. Algo na maquiagem ao redor dos olhos e a presença de chapéu e/ou peruca também podem ser elementos marcantes e/ ou complementares ao “nariz vermelho”. Além disso, nesse momento, você pode coletar as percepções dos estudantes sobre o palhaço e verificar se já viram palhaços que não têm nariz vermelho nem usam calça larga, sapatos grandes etc.

APRESENTAÇÃO DO PALHAÇO
BATATA DOCE, INTERPRETADO
POR ADRIANO GOUVELLA, EM
LONDRINA, PARANÁ, 2018.

- O título da atividade, **Vai começar a brincadeira**, remete à canção “O Circo”, de Sidney Miller. Sugere-se a você que apresente a música aos estudantes ou pesquise, em um site de buscas de sua preferência, o vídeo “The Circus Sidney Miller”.
- Em diálogo com as atividades da página 35, apresenta-se aqui uma maior aproximação do estudante com a observação das expressões faciais presentes nas imagens. Agora, no entanto, busca-se ir além da mera caracterização do palhaço, atraindo a atenção dos estudantes para as expressões faciais daquelas imagens, que recorrem a elas como estratégia para representar suas emoções.
- Procure aprofundar-se na interpretação das imagens. Quais são as emoções humanas básicas (alegria, tristeza, surpresa, nojo, medo, raiva) que as imagens amplificam por meio da expressão e da direção do olhar, dos músculos da face, da boca, da posição da cabeça e do pescoço?

Orientações complementares

- 1.** Incentive os estudantes a perceber que há imagens de palhaços em que aparecem expressões tristes, outras em que parecem felizes. Além de tristeza e alegria, existem outras emoções que transparecem nas imagens? Quais? Por exemplo, nojo, desprezo, indignação, seriedade, fascínio, surpresa, plenitude. Se possível, oriente os estudantes a reconhecer outras emoções ou a buscar palavras sinônimas, aumentando o vocabulário deles.
- 2.** Espera-se que os estudantes reconheçam as expressões faciais como elemento importante para o reconhecimento das emoções expressas em cada imagem. Além disso, você pode ressaltar que as tensões e distensões da boca, da musculatura ao redor dos olhos, a direção do olhar e da cabeça exprimem um estado interior do personagem. Se julgar pertinente, enfatize tratar-se de algo feito para o espaço cênico, para ser visto pela plateia como algo exagerado, expandido, pois não corresponde, em geral, à expressão cotidiana das pessoas.
- 3.** Espera-se que o estudante chegue a formular a resposta simples: “Mostrar emoção no rosto.”. Você pode complementar essa resposta explicando que a expressão facial consiste em tornar visível pela face um modo de ser, apresentar, demonstrar emoções ou representá-las por meio da combinação natural ou manipulada de traços gerais, linhas, esboço, perfil, contorno, semblante e fisionomia.

VAI COMEÇAR A BRINCADEIRA!

COMO É POSSÍVEL RECONHECER UM PALHAÇO? PELOS GRANDES SAPATOS, PELO CABELO COLORIDO OU PELO SEU NARIZ VERMELHO?

NEM TODO PALHAÇO TEM ESSES ELEMENTOS, MAS TODOS TÊM ALGO EM COMUM: UMA EXPRESSÃO FACIAL MARCANTE!

OBSERVE AS IMAGENS.



COLEÇÃO ARTISTAS: PAUL J. PARSLOW / BRUCEMAN IMAGES/ISTOCK

● PAINEL COM DIFERENTES TIPOS DE PALHAÇOS. LITOGRAFIA. 1880.

1. QUAIS EMOÇÕES VOCÊ CONSEGUE IDENTIFICAR NESTES PALHAÇOS?
2. COMO PODEMOS SABER AS EMOÇÕES DESTES PERSONAGENS?
3. VOCÊ SABE O QUE É UMA EXPRESSÃO FACIAL?

Respostas pessoais. Veja orientações complementares no **Manual do professor**.

36

BNCC

Por meio da análise da diversidade de personagens presentes nas imagens, as hipóteses levantadas pelos estudantes nas atividades 1, 2 e 3 podem ampliar os conhecimentos sobre a busca de teatralidades presentes na vida cotidiana e a identificação de elementos teatrais. Dessa maneira, desenvolve-se a habilidade **EF15AR19**.

ENTRE EXPRESSÕES E EMOÇÕES

ASSIM COMO O ROSTO DOS PALHAÇOS, O ROSTO DE CADA UM DE NÓS É MUITO EXPRESSIVO! QUANDO ESTAMOS TRISTES, FELIZES OU BRAVOS, ISSO LOGO APARECE NAS NOSSAS FEIÇÕES.



● CRIANÇAS FAZENDO EXPRESSÕES FACIAIS DIFERENTES.

- 1 EXPERIMENTE RECRIAR AS EXPRESSÕES DAS CRIANÇAS. TENTE DESCOBRIR QUAL EMOÇÃO CADA UMA DELAS ESTÁ EXPRESSANDO. *Resposta pessoal. Veja orientações no Manual do professor.*

O QUE AS EXPRESSÕES REVELAM?

NOSSAS EXPRESSÕES REVELAM MUITO DO QUE ESTAMOS SENTINDO. PRESTE ATENÇÃO NAS EXPRESSÕES DAS PESSOAS E, QUANDO PERCEBER QUE ALGUÉM ESTÁ TRISTE OU QUE NÃO ESTÁ SE SENTINDO BEM, SEJA COMPREENSIVO E OFEREÇA APOIO.

37

- Para apresentar a atividade 1, sugerimos a você que divida a turma em duplas e organize o espaço da sala para que todas as crianças tenham condição de ficar uma de frente para a outra, observando-se sem interferências. Em cada dupla, um estudante vai tentar avaliar se seu colega reproduz exatamente a mesma expressão presente em cada imagem. Depois, eles devem inverter os papéis.
- É importante que você os ajude nessa decifração das emoções presentes nas expressões faciais em cada imagem. Assim, você pode instigar as crianças a se engajar na atividade.
- Indique as características corporais principais em cada imagem (em especial, a disposição do olho, da boca, do queixo e do nariz: “Estão mais abertos ou mais fechados?”; “Tensos ou relaxados?”). Aos poucos, convida os estudantes a se aventurar no jogo da imitação, trabalhando a autopercepção de cada uma das partes do rosto.
- Proponha a eles que imaginem situações que podem causar essas emoções. Incite-os a se lembrarem de situações vividas por eles nas quais as expressões do rosto se moldaram às emoções sentidas na ocasião.
- O mais importante é ressaltar que, a cada tentativa na imitação das expressões faciais das crianças das imagens, os estudantes percebam como eles próprios se sentem ao modificar as tensões do seu próprio rosto e se isso modifica sua respiração, suas emoções, seu estado geral de ânimo.
- É muito interessante que possam se dar conta de que mesmo um intérprete profissional não pode controlar suas emoções. Contudo, ao adotar diferentes posturas e dinâmicas corporais, seu estado interno tende a se modificar e pode surgir de fato a emoção correspondente à expressão exterior adotada.
- Sendo assim, recomenda-se a você que fique atento para intervir, caso algum estudante se sinta incomodado ao entrar em contato com alguma emoção de forma descontrolada e surpreendente.

AVALIANDO

Objetivo

- Avaliar se os estudantes conseguem mobilizar determinadas musculaturas do rosto e pescoço para tentar reproduzir as imagens, expressando e nomeando as emoções presentes em tais retratos.

Sugestão de intervenção

Por meio de uma nova roda de conversa, perceba como os estudantes se comportam diante da necessidade de definir palavras e conceitos para as emoções e faça interferências, complementando com mais exemplos para os que apresentam mais dificuldade em ler as expressões faciais dos colegas e de nomear as emoções que essas expressões revelam.

BNCC

O objetivo da atividade é sensibilizar o olhar dos estudantes para as expressões das crianças apresentadas nas imagens. Além disso, busca-se favorecer o trabalho autoral e colaborativo, em duplas, durante processos de exploração da teatralidade dos gestos e das ações do cotidiano. Desenvolve-se, assim, a habilidade **EF15AR20**.

- Na atividade 2, sugere-se aos estudantes que, por meio do toque da ponta dos dedos e variações de pressão, numa automassagem, sejam convidados a identificar texturas do rosto e alteração de temperatura. É importante conversar sobre isso, ficar um tempo nessa exploração, pois isso vai dando mais intimidade e reconhecimento do próprio rosto e das sensações, lembrando que a temperatura do corpo também pode estar relacionada com as emoções.
- Durante a etapa A, incite-os a redobrar a atenção para o sentido dos traços, o desenho do rosto, as linhas, as curvas. Quantas linhas o rosto tem?
- Discuta as distâncias entre uma parte e outra e suas diferentes funções (ouvir, olhar, respirar, sentir cheiros, falar, comer etc.).
- Enfatize a questão do nariz, referindo-se ao palhaço que já foi apresentado. Pergunte-lhes: "Por que será que alguns palhaços têm nariz vermelho?". Comente o levantamento de hipóteses.
- Estimule os estudantes à experimentação proposital de caretas. Algumas possibilidades de exploração: arregalar os olhos, experimentando diferentes direções do olhar e do posicionamento da cabeça em relação ao pescoço e ombros; arregalar a boca, mostrando a língua e os dentes; comprimir e inflar bochechas, simulando cara de bravo, de alegre, de triste, de surpreso, com sono, com fome etc. Em seguida, dê início aos desenhos propostos na etapa B.

2

QUE TAL CONHECER MELHOR NOSSO ROSTO?

- A) COM A PONTA DOS DEDOS, TOQUE E MASSEIE SEU ROSTO. TENTE SENTIR CADA PARTE COM ATENÇÃO. VOCÊ CONSEGUE PERCEBER AS LINHAS QUE SE FORMAM NOS OLHOS, NA BOCA, NO NARIZ?
- B) VAMOS DESENHAR ESSA FEIÇÃO? ELA SERÁ ALEGRE, TRISTE OU VAI EXPRESSAR OUTRA EMOÇÃO?

Resposta pessoal. Veja orientações no **Manual do professor**.

38

BNCC

O objetivo da atividade 2 é reconhecer e experimentar as relações processuais entre diversas linguagens artísticas – nesse caso, a relação entre as expressões faciais e o desenho. Sendo assim, esta atividade permite aos estudantes que desenvolvam a habilidade **EF15AR23**.

AVALIANDO

Objetivo

- Avaliar como os estudantes se apropriaram da experiência com diferentes incentivos para o reconhecimento de seu próprio rosto.

Sugestão de intervenção

Em uma roda de conversa, faça perguntas pessoais e orais com base nos desenhos que realizaram. O estudante teve dificuldade em tocar o próprio rosto? Conseguiu reconhecer as linhas do rosto através do toque? Conseguiu imprimir no papel a autopercepção da forma de seu rosto? Busque incentivar todos a falar sobre seu processo de desenhar e a compartilhar suas experiências. Caso verifique que eles têm dificuldades em falar de suas experiências, faça perguntas mais direcionadas ao desenho, tentando desenvolver uma reflexão sobre a transformação das sensações do próprio rosto transpostas para os traços no desenho que acabaram de fazer.

- 3** AGORA, VAMOS DESCOBRIR QUANTAS EXPRESSÕES VOCÊ CONSEGUE FAZER? TENTE DESCOBRIR DIFERENTES MANEIRAS DE MOVIMENTAR SEU ROSTO E DESCUBRA AS EXPRESSÕES FACIAIS QUE SURGEM! **3 e 4:** Respostas pessoais. Veja orientações no **Manual do professor**.
 VOCÊ PODE MOVIMENTAR:

OLHOS

BOCA

NARIZ

BOCHECHA

LÍNGUA

TESTA

SOBRANCELHAS



MÁRIA GABRIELA GAMA

- 4** VAMOS DESCOBRIR MAIS SOBRE A RELAÇÃO ENTRE AS EXPRESSÕES FACIAIS E OS SENTIMENTOS?

- A)** REÚNA-SE COM UM COLEGA PARA FAZER UMA BRINCADEIRA. UM DE VOCÊS FARÁ UMA EXPRESSÃO E O OUTRO DEVE DIZER QUAL EMOÇÃO LEMBRA ESSA EXPRESSÃO.
B) DEPOIS, INVERTAM OS PAPÉIS. DIVIRTAM-SE!

39

AVALIANDO

Objetivo

- ▶ Avaliar se e como os estudantes se apropriaram de diferentes estratégias para ampliar as possibilidades criativas de movimento na expressão facial, amplificando a expressão cotidiana.

Sugestão de intervenção

Eles procuraram ampliar seu repertório expressivo ou permaneceram restritos aos que já eram mais conhecidos? Pergunte-lhes: “Quais histórias vocês imaginaram ao realizar essas expressões?”. Proponha que escrevam o nome dessas emoções vivenciadas ou vistas no rosto do colega, numa lista, como um incentivo ao exercício de escrita e leitura.

Caso algum estudante tenha dificuldade no processo das atividades **3** e **4** e/ou não consiga escrever nenhuma palavra na lista, se aproxime e ajude-o individualmente. Se avaliar como mais adequado ao contexto da turma, você poderá ser o escriba da sala, colocando na lousa as palavras listadas oralmente.

BNCC

O objetivo das atividades **3** e **4** é experimentar possibilidades criativas de movimento na experimentação de um jogo teatral, amplificando sua expressão cotidiana. Sendo assim, esta atividade permite aos estudantes que desenvolvam a habilidade **EF15AR22**.

- ▶ Na atividade **3**, propomos incentivar nos estudantes a percepção de que é possível criar expressões faciais amplificadas, assim como a do palhaço. Isso será feito ao dar maior intencionalidade em tensionar ou relaxar determinadas musculaturas e na combinação entre diferentes expressões de cada parte do rosto. Para isso, peça aos estudantes que observem seu próprio rosto em um espelho, tomando o cuidado de não se aproximarem demais do objeto. Assim, esta atividade permite ao estudante perceber imediatamente qual é seu repertório habitual de expressões e as possibilidades de aumentá-lo intencionalmente, de acordo com seu incentivo.
- ▶ Nas etapas **A** e **B** da atividade **4**, em vez de terem à sua frente um espelho, os estudantes devem se agrupar em duplas. Desse modo, um serve de referência para o outro na leitura das expressões faciais, dando uma amostra do quanto podem ou não ser decifradas as emoções expressas no rosto do colega. Sendo assim, tem-se uma tradução em cima de outra tradução: para o estudante que realiza as expressões faciais, trata-se de traduzir mentalmente em palavras sua intencionalidade em fazer essas emoções transparecerem, bem como de manipular a musculatura da face para corresponder a essa intencionalidade; já para o estudante que assiste ao colega, trata-se de traduzir em palavras as emoções que “lê” no rosto do colega.

► Realizem coletivamente uma leitura das fotografias presentes na seção **Contexto em destaque**. Saliente que, na arte da palhaçaria, a expressão das emoções é altamente intensa, explosiva, acompanhada de reações orgânicas intensas. Por exemplo: o palhaço que derrama “lágrimas” aos borbotões, acionando um dispositivo dentro do figurino que faz “chover água” dos olhos.

► Apresente-lhes os estilos possíveis de caracterização do palhaço. Para tanto, considere a tipologia dos palhaços do circo moderno, que teve sua origem no final do século XIX. A dupla mais tradicional é formada pelos tipos Augusto e Branco. O tipo Augusto usa roupas largas, coloridas e estampadas, maquiagem com uma boca grande e vermelha; é o chefe mandão, esperto, se acha mais forte e domina o Branco. O tipo Branco usa o rosto maquiado de branco, chapéu pontudo, boca e/ou algum detalhe da maquiagem em preto; é o ingênuo, bobó, que segue ordens, apavora, leva tombos, aparenta ser fraco, mas às vezes dá a volta por cima. No Brasil, costuma-se chamar o Branco de cascada, o que se deixa vulnerável para o Augusto fazer maldades e arrancar risadas da plateia.

► Instigue-os a identificar, nas fotografias da página 40, se a caracterização de cada palhaço está mais próxima do tipo Augusto ou do Branco, se há uma mistura ou, ainda, se não há necessariamente relação com a tipologia apresentada por você.



CONTEXTO EM DESTAQUE

É MUITA PALHAÇADA!

NOSSO ROSTO PODE EXPRESSAR OS MAIS DIVERSOS SENTIMENTOS E EMOÇÕES. O ROSTO DO PALHAÇO TAMBÉM! EXISTEM DIFERENTES TIPOS DE PALHAÇOS, CADA UM DELES COM UMA EXPRESSÃO FACIAL MARCANTE. VAMOS CONHECER ALGUNS DELES?



MUSEU HISTÓRICO DE PARÁ DE MINAS, MG

● PALHAÇO BENJAMIM, DO ATOR BENJAMIM DE OLIVEIRA, SÉCULO 20.



ACERVO/FOLHARESS

● PALHAÇO TORRESMO, DO ATOR JOSÉ CARLOS QUEIROLO, EM 1988.



WEEGEE (ARTHUR FELLIG)/INTERNATIONAL CENTER OF PHOTOGRAPHY/GETTY IMAGES

● PALHAÇO WEARY WILLIE, DO ATOR ESTADUNIDENSE EMMETT KELLY, EM 1943.

Referências complementares

► BURNIER, Luís Otávio. **A arte de ator**: da técnica à representação, elaboração, codificação e sistematização de ações físicas e vocais para o ator. Tese (Doutorado em Cultura e Semiótica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1994.

Nessa obra, o ator, mímico, pesquisador e diretor teatral brasileiro Luís Otávio Burnier (1956-1995) defende que o nariz do palhaço corresponde à menor máscara do mundo, pouco escondendo do rosto do intérprete e, ao mesmo tempo, muito revelando sobre suas emoções.

ALÉM DO CIRCO, OS PALHAÇOS APARECEM NO TEATRO E NO CINEMA.

NESSES CASOS, NEM SEMPRE ELES TÊM NARIZES COLORIDOS. UM DOS MAIS FAMOSOS PALHAÇOS DE CINEMA É CARLITOS, PERSONAGEM DE CHARLES CHAPLIN.

O ATOR CHARLES CHAPLIN
CARACTERIZADO COMO CARLITOS, EM
LOS ANGELES, ESTADOS UNIDOS, EM 1930.



KEystone PICTURES/USA/ZIPAPRESS/ALAMY/FOTARENA

OS PALHAÇOS TÊM VÁRIAS SEMELHANÇAS COM PERSONAGENS **CÔMICOS** QUE DIVERTEM AS PESSOAS HÁ MUITO TEMPO!

HÁ MAIS DE 2000 ANOS, POR EXEMPLO, NA ROMA ANTIGA HAVIA OS **MIMOS**. ELES PERCORRIAM AS RUAS DA CIDADE FAZENDO GRAÇA COM GESTOS E MOVIMENTOS EXAGERADOS.

DOIS COMEDIANTES DA ANTIGUIDADE, DE
ARTISTA DESCONHECIDO. ESCULTURAS
DE TERRACOTA, 17 CM DE ALTURA.



MUSEU DO LOUVRE, PARIS, FRANÇA/ERIC LESSING/ALBUM/FOTARENA

● **CÔMICOS:** QUE PRODUZEM RISO INTENCIONALMENTE EM APRESENTAÇÕES ARTÍSTICAS

- Alguns filmes produzidos durante a Era do Cinema Mudo apresentavam a arte da palhaçaria de Charlie Chaplin (1889-1977) e Buster Keaton (1895-1966). Ainda que nenhum deles usasse nariz vermelho, nos filmes de ambos é possível perceber como a arte do palhaço, da pantomima, servia e serve para encantar até os dias atuais.
- Pesquise, em um site de buscas de sua preferência, trechos dos longas **Em busca do ouro** (1925), **O circo** (1928) ou **Tempos Modernos** (1936), estrelados por Chaplin. Você pode buscar, ainda, excertos de alguns de seus curtas, como **O vagabundo** (1915) e **Vida de cachorro** (1918). Mostre aos estudantes, se possível, os trechos que mais se relacionam com a unidade.
- Se houver condições para tanto, sugere-se que faça o mesmo com filmes de Buster Keaton, como **A general** (1926).
- Você pode, ainda, recorrer a um buscador de vídeos de sua preferência, digitando os seguintes motores de busca, para mostrar aos estudantes outros vídeos com *gags* da arte da palhaçaria: "Footit & Chocolat 1900"; "A história do circo e do palhaço Piolin"; "Carequinha-Aiupa Brasil"; "Clipe — La Scarpetta/LUME TEATRO".
- Comente as raízes ancestrais da palhaçaria. A *Commedia dell'arte*, por exemplo, gênero de teatro cômico de origem popular baseado nas máscaras, na mímica e no improviso, surgiu entre os séculos XV e XVI, na Itália, retomando e recuperando as tradições cômicas e populares desenvolvidas desde a Antiguidade clássica greco-romana. Enfatize que esse gênero exerce grande influência até os dias atuais, fazendo-se notar na mímica e no circo modernos, bem como na arte da palhaçaria exibida no teatro e no cinema.

Referências complementares

- AVANZI, Roger; TAMAOKI, Verônica. **Circo Nerino**. São Paulo: Codéx e Pindorama Circus, 2004.
Esse livro foi escrito pelo filho do próprio palhaço Nerino, Roger Avanzi (o palhaço Picolino). De 1913 a 1964, o Circo Nerino circulou por todo o Brasil, cativando plateias, deixando saudades e marcando a memória de muitas crianças. A obra apresenta fotografias do antropólogo francês Pierre Verger e um belíssimo material iconográfico.

- ▶ Na atividade 1, o objetivo principal é o estudante imitar o movimento e as expressões do colega à sua frente. A seguir, em outra rodada, eles devem inverter os papéis.
- ▶ Como preparação, sugere-se a você que leve as crianças até um espelho e peça que observem a imagem do espelho como uma amiga que as segue e imita com precisão.
- ▶ Em seguida, pode ser dada a indicação expressa no item **A**, dando início ao jogo do espelho (sem espelho) em duplas de estudantes. É muito importante você ajudar a definir, em cada dupla, qual criança estará no comando dos movimentos em cada rodada. O exercício bem-sucedido é aquele em que a dupla vai encontrando um ritmo comum e uma cumplicidade no mover-se.
- ▶ Ao iniciar a etapa **B**, você poderá incitar os estudantes a recordar as caretas e expressões faciais descobertas nas atividades anteriores, instigando-os a refazê-las e desenvolvê-las agora, diante desse “espelho” que é o colega.
- ▶ Para a etapa **C**, é importante você marcar o momento de início de uma nova rodada, em que os estudantes da mesma dupla trocam de função.
- ▶ Pode-se repetir as etapas **A**, **B** e **C** formando-se novas duplas. Avalie a postura dos estudantes, prestando atenção também a conteúdos atitudinais, como colaboração e valorização das contribuições dos colegas.
- ▶ Uma forma de avaliar se o estudante consegue acompanhar os movimentos e se apropriar da imitação ao brincar de espelhamento com o colega é por meio da sugestão de atividade presente no rodapé desta página.

O objetivo da atividade 1 é experimentar o trabalho colaborativo, coletivo e autoral em improvisações teatrais, explorando a teatralidade dos gestos e das ações do cotidiano. Sendo assim, esta atividade permite aos estudantes que desenvolvam a habilidade **EF15AR20**.

Para contemplar o Tema contemporâneo transversal **Trabalho**, retome os conteúdos da página 41 e informe aos estudantes que muitas pessoas têm como profissão a carreira de Palhaço. Os campos de atuação são variados, e os palhaços podem aparecer tanto no circo quanto em outras frentes, como no teatro, no cinema e até atuações em festas.

1 VAMOS BRINCAR DE ESPELHO.

- A) ESSE JOGO É FEITO EM DUPLAS. UM DE VOCÊS DEVE EXPLORAR VÁRIAS EXPRESSÕES FACIAIS E MOVIMENTOS. A OUTRA PESSOA SERÁ O “ESPELHO” E DEVE TENTAR REPRODUZIR OS MOVIMENTOS DO COLEGA COM A MAIOR PRECISÃO POSSÍVEL, COMO SE FOSSE UM ESPELHO DE VERDADE.**
- B) QUAIS EXPRESSÕES DIFERENTES VOCÊS CONSEGUEM CRIAR?**



- C) DEPOIS DE EXPERIMENTAREM A BRINCADEIRA POR ALGUM TEMPO, OS PAPÉIS SE INVERTEM. QUEM GUIAVA O MOVIMENTO VAI VIRAR ESPELHO, E QUEM ERA ESPELHO PASSA A GUIAR O MOVIMENTO.**

Respostas pessoais. Veja orientações no Manual do professor.



MUITA ATENÇÃO E RESPEITO AO COLEGA! QUEM É O ESPELHO DEVE TENTAR REPRODUZIR TODOS OS MOVIMENTOS DE QUEM GUIA. POR ISSO, QUANDO VOCÊ FOR GUIA, NÃO PROPONHA MOVIMENTOS QUE O COLEGA NÃO CONSIGA FAZER!

42

ATIVIDADE EXTRA

Passo a passo

- Proponha uma variação do jogo do espelho. Nessa variação, apenas um estudante se afasta do círculo e só poderá voltar quando a turma toda definir quem será o estudante que vai liderar os movimentos a serem copiados por todos no círculo.
- O objetivo do estudante que esteve longe do ambiente do jogo será distinguir quem está propondo os movimentos e o objetivo dos demais jogadores será ocultar o líder, imitando com a máxima precisão seus movimentos e confundindo o observador.
- Quando for descoberto o líder daquela rodada, este sai da sala e outra criança toma seu lugar, sem que o ausente saiba quem será o novo líder. Observe a integração e o interesse dos estudantes pelo jogo, e recomece esse ciclo. Faça isso quantas vezes julgar pertinente.



COMO VOCÊ VIU, OS PALHAÇOS E AS PALHAÇAS APARECEM EM VÁRIOS LUGARES. UM DOS PRINCIPAIS DELES É O CIRCO.

ALÉM DOS PALHAÇOS, NO CIRCO SE APRESENTAM VÁRIOS ARTISTAS, COMO ACROBATAS, MÁGICOS E MALABARISTAS. NO BRASIL, HÁ VÁRIOS CIRCOS TRADICIONAIS QUE PERCORREM CIDADES DE TODO O PAÍS.

VEJA, NAS IMAGENS A SEGUIR, ALGUNS ARTISTAS DE CIRCO EM AÇÃO.



● MALABARISTAS.



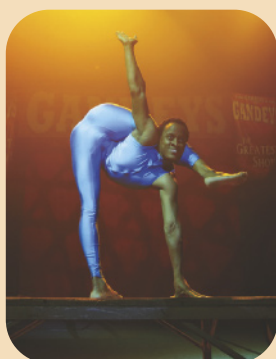
● ACROBATAS.



● EQUILIBRISTAS.



● MÁGICOS.



● CONTORCIONISTAS.



● MÚSICOS.

- Se for possível, sugerimos a você que vá ao circo com as crianças!
- Outra possibilidade é você promover uma sessão de vídeo para os estudantes, com trechos de espetáculos do Cirque du Soleil, com o intuito de auxiliá-los a adquirir referências do virtuosismo e do profissionalismo de circos internacionais, que são grandes espetáculos.

ATIVIDADE EXTRA

Materiais necessários

- Folhas com informações impressas sobre os artistas apresentados na página.

Passo a passo

- Recomenda-se a você que entregue para os estudantes, em papéletas com letra de imprensa, as definições do que faz cada especialista no circo, os mesmos profissionais apresentados nesta página.
- Em seguida, crie subgrupos de: malabaristas, acrobatas, equilibristas, mágicos, contorcionistas e músicos. Cada subgrupo de estudantes tem cerca de dez minutos para combinar entre si como será o seu número circense, seu *sketch* e apresentá-lo aos demais. Isso será apenas uma experimentação lúdica, baseada no trabalho desses artistas, e não uma tentativa concreta de fazer os mesmos números dos artistas desta página.
- Quando todos os subgrupos tiverem apresentado sua *performance* para a turma, comentem se conseguiram descobrir qual era a função de cada grupo e se gostaram das apresentações.

Referências complementares

- Ponto – Origem do Circo. **SP Escola de Teatro – Centro de Formação das Artes do Palco**, 15 fev. 2011. Disponível em: <https://www.specoladeteatro.org.br/noticia/ponto-origem-do-circo>. Acesso em: 13 jun. 2021.

Por meio dessa reportagem, você poderá saber mais sobre a origem do circo, a fim de fornecer esclarecimentos aos estudantes.

- BOLOGNESI, Mário Fernando. **Circos e palhaços brasileiros**. São Paulo: Cultura Acadêmica: Ed. Unesp, 2009. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/109115>. Acesso em: 13 jun. 2021.

Nesse livro, você poderá encontrar uma rica documentação iconográfica e escrita de alguns circos brasileiros e seus palhaços. A obra promove o resgate do repertório cênico dessas companhias, realçando os recursos materiais dos circos (pequenos e grandes), os palhaços no circo-teatro, os palhaços de palco, o papel do palhaço nos espetáculos dos pequenos circos, a quantidade e qualidade do repertório encenado, as opiniões dos artistas acerca da profissão etc.

► Informe aos estudantes que, em 2017, a Folia de Reis foi considerada Patrimônio Imaterial do Estado, pelo Conselho Estadual do Patrimônio de Minas Gerais. Esse reconhecimento mostra como os palhaços da Folia de Reis são e continuarão sendo divulgados para o mundo todo!

Referências complementares

► **Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.** Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/989>. Acesso em: 13 jun. 2021.

Esse é o site oficial do Iphan, no qual você poderá extrair as informações sobre manifestações culturais brasileiras e transmiti-las aos estudantes.

► **Folia de Reis. Enciclopédia Itaú Cultural.** Disponível em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo14349/folia-de-reis>. Acesso em: 13 jun. 2021.

Nesse site, reúnem-se informações sobre a Folia de Reis e seus personagens mascarados.

SANTOS, Ivanildo Lubarino Piccoli dos. **Os palhaços nas manifestações populares brasileiras:** Bumba meu boi, Cavalo-marinho, Folia de Reis e Pastoril Profano. Dissertação (Mestrado em Artes) – Programa de Pós-Graduação em Artes, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São Paulo, 2008. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/86882>. Acesso em: 13 jun. 2021.

Nessa obra, descrevem-se e analisam-se personagens cômicos que integram as folias e folguedos, manifestações populares brasileiras. Além disso, investigam-se as semelhanças entre as características desses personagens e as do palhaço de circo.

► **BOLOGNESI, Mário Fernando. Palhaços.** São Paulo: Ed. Unesp, 2003. Esse livro trata do palhaço de picadeiro em circos tradicionais brasileiros.

► **Hotxuá.** Direção: Gringo Cardia e Letícia Sabatella. Brasil, 2007 (70 min). Numa perspectiva que trata da comichade no contexto de indígenas aldeados, o documentário mostra o dia a dia da tribo indígena Krahô, que vive em Palmas, Tocantins, e sua relação com o riso, a alegria, o abraço e a conversa como formas principais de convivência.

► **Benjamim de Oliveira: o primeiro palhaço negro do Brasil. Geledés – Instituto da Mulher Negra.** Disponível em: <https://www.geledes.org.br/benjamim-de-oliveira-o-primeiro-palhaco-negro-do-brasil/>. Acesso em: 13 jun. 2021. De acordo com a Lei Federal n. 10.639/03 e a Lei Federal 11.645/08, que tratam do legado das matrizes culturais indígenas e africanas, sugere-se a leitura desse artigo sobre Benjamim de Oliveira e sua importância para a história do circo no Brasil.

OS PALHAÇOS NA FOLIA

VOCÊ SABIA QUE TAMBÉM EXISTEM PALHAÇOS MASCARADOS? JÁ VIU ALGUM EM UMA FESTA POR AÍ?

ESSES PALHAÇOS SÃO PERSONAGENS DE FESTAS POPULARES, COMO O BUMBA MEU BOI, O CAVALO-MARINHO E A FOLIA DE REIS. VOCÊ CONHECE ESSAS FESTAS? ELAS ACONTECEM EM SUA CIDADE?



● APRESENTAÇÃO DE PALHAÇOS DE FOLIA DE REIS EM PALMITAL, SÃO PAULO, 2018.

NA FOLIA DE REIS, OS PALHAÇOS USAM MÁSCARAS E ROUPAS COLORIDAS E, EM ALGUMAS REGIÕES DO PAÍS, DISTRIBUEM DOCES PARA AS CRIANÇAS.

A FOLIA DE REIS É UMA FESTA QUE ACONTECE EM TODO O BRASIL.

● APRESENTAÇÃO DE PALHAÇO DE FOLIA DE REIS EM CAMPINAS, SÃO PAULO, 2020.



Ao conhecer distintas matrizes estéticas e culturais especialmente aquelas manifestas na arte e nas culturas que constituem a identidade brasileira, bem como a tradição e as manifestações contemporâneas da palhaçaria nesse âmbito, este conteúdo permite aos estudantes que desenvolvam a **Competência específica de Arte 3.**

VAMOS AVALIAR O APRENDIZADO

1. QUAL EMOÇÃO CADA CRIANÇA ESTÁ MANIFESTANDO COM SUA EXPRESSÃO FACIAL? LIGUE AS COLUNAS.

FELIZ



TRISTE



ASSUSTADO



● CRIANÇAS FAZENDO EXPRESSÕES FACIAIS DIFERENTES.

2. COMO VOCÊ DESCOBRIU AS RESPOSTAS?

Resposta pessoal. Veja orientações no **Manual do professor**.

45

VAMOS AVALIAR O APRENDIZADO

1. Objetivo

Verificar como os estudantes relacionam as emoções e as expressões faciais.

Sugestão de intervenção

Propomos a você que pergunte às crianças como estão se sentindo no dia, facilitando, assim, a aproximação com o conteúdo proposto. Procure relacionar as experiências das atividades anteriores e sugira que aqui façam novos desafios de expressão. Você sempre deve orientá-los a relacionar as atividades com experiências pessoais, isso ajuda o estudante a se relacionar e se apropriar do conteúdo abordado.

2. Objetivo

Avaliar se os estudantes relacionam as expressões faciais da atividade 1 com as linhas de expressão do rosto.

Sugestão de intervenção

Espera-se que as crianças tenham descoberto as respostas da atividade 1 por meio da observação das expressões faciais, que se manifestam nas linhas de expressão do rosto.

Incentive os estudantes a compartilhar livremente suas respostas. Caso note que alguns estudantes estão com dificuldade em responder, incentive-os a se lembrarem e a discorrerem sobre as atividades práticas que desenvolveram nesta unidade.

BNCC E PNA

Ao aprofundar a relação entre expressões faciais e emoções, bem como sua representação, e avaliar as aprendizagens da unidade, a atividade retoma e sistematiza a busca por descobrir teatralidades na vida cotidiana, identificando elementos teatrais, contemplando a habilidade **EF15AR19**.

As atividades das páginas **46** e **47** auxiliam o estudante a compreender as linguagens artísticas, corporais e linguísticas como expressão de subjetividades e identidades.

Ao nomear e escrever uma emoção para responder à atividade **3**, os estudantes desenvolvem sua **produção de escrita**.

3. Objetivo

Exercitar o trabalho com as expressões faciais.

Sugestão de intervenção

Caso algum estudante tenha dificuldade em nomear uma emoção, incentive-o a retomar os exercícios com as musculaturas faciais, buscando alcançar expressões diferentes das apresentadas na página anterior. Incentive-o a se lembrar de momentos da vida que chegou a fazer essas expressões faciais, tentando nomear as emoções que estão expressando.

4. Objetivo

Experimentar os chamados superlativos da expressão, os exageros por meio do uso das musculaturas da face, propondo brincadeiras com a autoimagem dos estudantes.

Sugestão de intervenção

Durante a etapa **A**, procure incitar os estudantes à realização dos movimentos do rosto e à criação de uma espécie de máscara facial. Desse modo, ao passar para a etapa **B**, fugindo do senso comum da *selfie*, teatralizar as emoções pode gerar produções mais originais, dentro do conteúdo abordado.

Durante a etapa **C**, envolva os estudantes nas etapas de fotografar, de organizar o painel de fotografias, de compartilhar com outras turmas e com familiares o painel. Treine os estudantes para que sejam capazes de expor o que mais gostaram do processo todo vivido ao longo desta unidade e sejam capazes de narrar esse processo a outras crianças e adultos que queiram conhecer o painel. Caso não tenham acesso à câmera fotográfica ou celular com câmera, peça-lhes que façam desenhos e componham um painel com eles. Finalize com um momento de apreciação dos trabalhos realizados. Aproveite esta etapa para lembrar com os estudantes as atividades e experiências realizadas até então. Quais foram as conexões criadas entre os diversos processos vividos nesta unidade? Deve-se observar também o desenvolvimento da consciência corporal das crianças e constituição da autoimagem. Em roda de conversa a respeito das atividades desenvolvidas ao longo de toda a

3. COM A AJUDA DE UM ADULTO, ESCREVA O NOME DE AO MENOS TRÊS EMOÇÕES. EM SEGUIDA, EXPERIMENTE CRIAR UMA EXPRESSÃO FACIAL PARA ESSA EMOÇÃO.

3 e 4: Respostas pessoais. Veja mais orientações no **Manual do professor**.



_____	_____
_____	_____
_____	_____

CAMILA FERREIRA

4. VAMOS EXPERIMENTAR DE NOVO FAZER DIFERENTES EXPRESSÕES FACIAIS?

- A) EXPERIMENTE MOVER DIFERENTES PARTES DO ROSTO E DE TODO O CORPO. VERIFIQUE QUAIS EMOÇÕES DIFERENTES VOCÊ CONSEGUE EXPRESSAR.**
- B) ESCOLHA A EXPRESSÃO QUE VOCÊ MAIS GOSTAR E A FOTOGRAFE. QUAL SENTIMENTO ELA ESTÁ EXPRESSANDO?**
- C) JUNTO À TURMA, CRIEM UM GRANDE PAINEL COM AS FOTOGRAFIAS QUE VOCÊS TIRARAM. DEPOIS, CONVERSEM SOBRE AS EMOÇÕES QUE VOCÊS IDENTIFICARAM NO SEU TRABALHO E NO DOS COLEGAS.**



● CRIANÇAS FAZENDO DIVERSAS EXPRESSÕES FACIAIS.

46

unidade, você poderá iniciar a conversa com base em algumas questões a serem discutidas com a turma: “Você acha que explorou elementos do exagero, da expressão exagerada dos palhaços por querer, de forma intencional?”; “Conseguiu se aproximar de expressões exageradas e bem definidas (movimentos muito expansivos ou muito contraídos) parecidas com as dos palhaços?”. Incentive todos a compartilhar suas respostas e percepções.

EXISTEM PALHAÇOS MUITO DIFERENTES UNS DOS OUTROS. LEIA O TRECHO DE UM POEMA QUE DESCREVE UM PALHAÇO DE CIRCO.

ERA UMA VEZ, UM PALHAÇO CHEIO DE GRAÇA.
CONTAVA PIADA NO CIRCO, CONTAVA PIADA NA PRAÇA.
DO CIRCO TODO, ELE ERA A SENSACÃO
COM SEU CABELO COLORIDO E UM BAITA NARIGÃO.
[...]

LAIZA MILENA. O PALHAÇO QUE PERDEU A GRAÇA.
ILUSTRAÇÕES DE BETO SKEFF. FORTALEZA: SEDUC, 2018. P. 5.

EXPLORANDO O TEXTO

- A) SEGUNDO O TEXTO, ONDE O PALHAÇO FAZ SUAS PIADAS?
Na praça. Veja orientações complementares no **Manual do professor**.
- B) COMO O PALHAÇO DO TEXTO É DESCRITO?
Com um cabelo colorido e um grande nariz. Veja orientações complementares no **Manual do professor**.

ALÉM DO TEXTO

Resposta pessoal. Veja orientações complementares no **Manual do professor**.

- A) LEIA ESSE TEXTO COM SEUS FAMILIARES. CONTE A ELES: COMO VOCÊ IMAGINA QUE É ESSE PALHAÇO? COMO É O NARIZ DELE? E SEU CABELO COLORIDO? COMO SERÃO AS EXPRESSÕES FACIAIS QUE ELE FAZ?

FAÇA UM DESENHO DESSE PALHAÇO E DEPOIS COMPARTILHE COM A TURMA.

OBJETIVO

- Localizar informações explícitas em um poema.

EXPLORANDO O TEXTO

- Leia o poema com os estudantes em voz alta. Utilize o recurso da repetição, a fim de instigar a leitura das crianças e a relação com o imaginário proposto. Em seguida, incentive-os a **fazer inferências** sobre o personagem descrito no texto, buscando imaginá-lo.
- Repita a leitura por diversas vezes incentivando os estudantes a repetir e completar partes do texto, por exemplo: você lê "Era uma vez" e os estudantes completam "um palhaço cheio de graça". Depois, pode-se inverter a ordem de quem começa e de quem completa os versos. Após a leitura, verifique se os estudantes compreenderam o poema e se fazem considerações pertinentes a ele.
- Para destacar as rimas, pergunte aos estudantes qual é a palavra cujo som combina com o som da palavra **graça**. Solicite que pintem as duas palavras com a mesma cor. Repita o procedimento para destacar as palavras **sensação** e **narigão**.

Orientações complementares

- a) Se julgar necessário, releia novamente o texto com os estudantes, incentivando-os a localizar a informação. Solicite que localizem e contornem no poema as respostas dos exercícios.
- b) Use esta questão como uma forma de introduzir a proposta da seção **Além do texto**.

ALÉM DO TEXTO

Orientações complementares

- a) Aqui é o momento de perceber se os estudantes ultrapassaram as camadas superficiais sobre a imagem do palhaço. Analisando seus desenhos, você percebe se eles conseguiram descrever características mais elaboradas do palhaço? Incentive os estudantes a ler o poema junto aos familiares, em um processo de **literacia familiar**. Nesse processo, uma maneira de desenvolver não só a leitura, mas a escrita também, é incentivá-los a dar um nome para seu palhaço e, com o auxílio de seus familiares, escrevê-lo junto ao desenho.

A atividade de leitura em voz alta e em diferentes espaços auxiliaria o estudante a descobrir teatralidades na vida cotidiana, identificando variadas entonações de voz e diferentes fisicalidades na interpretação em voz alta do poema. Sendo assim, a atividade contemplaria a habilidade **EF15AR19**. As atividades propostas na página 47 oportunizam o desenvolvimento dos seguintes componentes: **consciência fonológica e fonêmica; conhecimento alfabético; fluência em leitura oral; desenvolvimento de vocabulário; compreensão de textos**.

Nesta unidade, aprofundamos o estudo da imagem do palhaço em suas diversas narrativas, adentrando nas camadas da linguagem do Teatro em suas múltiplas dimensões, inclusive a das manifestações cênicas populares. Assim, caminhamos pelo teatro, pelo cinema e pelo circo, conhecendo um pouco da arte da palhaçaria nessas manifestações artísticas.

Em todas as páginas desta unidade, estão presentes atividades de sensibilização que buscaram incitar os estudantes a realizar diferentes expressões faciais, bem como identificar as emoções que elas expressam. Além disso, a unidade almejou habilitar as crianças a decodificar tais expressões e emoções quando exercidas pelos colegas. Ofereceram-se, ainda, estratégias que auxiliaram os estudantes a reconhecer e nomear as expressões faciais, de modo a relacioná-las com as emoções às quais correspondem. No decorrer desse percurso consagrado à investigação do rosto – seja o do próprio estudante, seja o de um colega –, foram favorecidas as trocas de experiências entre as crianças nas diversas práticas coletivas, na medida em que foram nomeadas as emoções e utilizadas intencionalmente as expressões faciais, a fim de externalizá-las.

O diálogo entre as linguagens artísticas esteve presente nesta unidade quando foram solicitadas leituras de imagens e de poesia, bem como a criação de desenhos e/ ou fotografias com imagens produzidas pelos estudantes. Com o intuito de auxiliar o monitoramento da aprendizagem, sugerimos que seja feito o registro da trajetória de cada estudante em fichas de avaliação. Um modelo desse tipo de ficha pode ser encontrado na página XIII deste manual.

AVALIANDO

Para concluir a unidade, sugerimos a você que realize uma avaliação coletiva sobre o itinerário percorrido. A intenção é organizar uma cena de “entradas e saídas” de palhaços, de modo que quatro crianças, em cada turno, entrem em cena com uma expressão facial, olhem para a plateia, recebam o impacto do olhar dos colegas que estão assistindo na plateia e saiam de cena com uma nova expressão facial, diferente da primeira. Você pode começar o jogo fazendo sozinho uma primeira “entrada e saída”. Em seguida às “entradas e saídas” de todos esses subgrupos de quatro estudantes, comentem como cada um deles se sentiu ao estar diante da plateia. Discutam também se quem assistiu aos colegas conseguiu reconhecer no rosto deles as expressões faciais e as emoções que correspondem a tais expressões. Examinem, ainda, se houve diferença entre a expressão inicial da entrada e a da saída.

Além disso, avalie, por fim, se os estudantes estão mais aptos a reconhecer e expressar teatralidades na vida cotidiana, bem como se eles estão mais familiarizados com a arte da palhaçaria em seus variados contextos. Após essa cena, faça uma roda de conversa que possibilite a avaliação e autoavaliação dos conteúdos trabalhados.

Objetivo: Descobrir teatralidades nas expressões corporais cotidianas, com base na exploração de intenções em jogos e exercícios teatrais.

- Os estudantes interagem manipulando intencionalmente as expressões faciais com maior desenvoltura na busca da expressão de emoções com os companheiros de classe e com o professor?
- Compartilham e refletem tanto sobre seus processos criativos quanto sobre os acontecimentos em suas vivências?

Objetivo: Exercitar a imitação de expressões faciais, bem como reconhecer a realização, pelos colegas, desse mesmo exercício.

- Os estudantes conseguem identificar as emoções que se revelam por meio das expressões faciais no próprio rosto e no de seus colegas?

Objetivo: Desenvolver expressões faciais variadas, reconhecendo e explorando, de forma intencional, emoções e teatralidades.

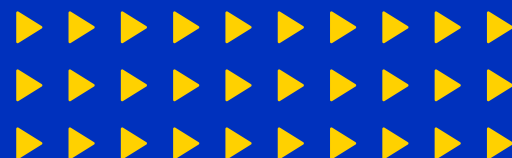
- Os estudantes conseguem experimentar e descrever diferentes expressões faciais?

Objetivo: Reconhecer o uso da máscara expressiva do palhaço em diferentes matrizes estéticas da arte do circo, do teatro e do cinema.

- Quais são os palhaços de que eles se lembram de ter visto na unidade e quais suas características?
- Os estudantes conseguiram identificar e ampliar o conhecimento deles sobre a arte da palhaçaria em diferentes matrizes estéticas da arte, do circo, do teatro e do cinema, bem como nas manifestações populares brasileiras?

Caso note muita dificuldade por parte de algum estudante, busque fazer perguntas e dar outros incentivos a ele. Uma opção seria, por exemplo, perguntar que expressões faciais ele sabe fazer, quais expressões consegue identificar nas imagens do livro ou nos rostos dos colegas e a quais emoções elas correspondem, verificando se ele consegue identificá-las e nomeá-las.

Outra possibilidade seria perguntar ao estudante se há alguma das atividades ligadas às expressões faciais e à arte da palhaçaria, no decorrer desta unidade, que ele tenha gostado de fazer. Retorne esta atividade para incentivá-lo a realizá-la novamente, orientando-o a tentar colocar nela tudo o que aprendeu nesta unidade. Quando perceber que o estudante precisa de mais incentivo para começar ou prosseguir até o final da atividade, você pode dar-lhe dicas, indicações, com intuito de incitá-lo à exploração das expressões faciais, à ampliação expressiva delas e ao engajamento na experiência de uma iniciação à arte da palhaçaria.



Esta é uma versão de pré-visualização do Manual do Professor

Você está visualizando apenas as primeiras páginas deste manual do professor.

A versão completa está disponível exclusivamente para professores e instituições educacionais habilitadas.

**Para solicitar o acesso
completo, entre em contato
com a nossa Central de
Relacionamento:**

 **0800 772 2300**

 **www.ftd.com.br/contato/**

